

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários

Samantha Guedes Barbosa

**LITERATURA EM FOCO: a formação intelectual de
Vivaldi Moreira em *O menino da mata e seu cão Piloto***

Belo Horizonte
2023

Samantha Guedes Barbosa

**LITERATURA EM FOCO: a formação intelectual de
Vivaldi Moreira em *O menino da mata e seu cão Piloto***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural (LHMC).

Orientador: Prof. Dr. Leandro Garcia Rodrigues.

M838m.Yb-l

Barbosa, Samantha Guedes.

Literatura em foco [recurso eletrônico] : a formação intelectual de Vivaldi Moreira em O menino da mata e seu cão Piloto / Samantha Guedes Barbosa . – 2023.
1 recurso online (145 f., il., fots., color.): pdf.

Orientador: Leandro Garcia Rodrigues.

Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 140-145.

1. Moreira, Vivaldi, 1912-2001. – O menino da mata e seu cão Piloto – Crítica e interpretação – Teses. 2. Ficção brasileira – História e crítica – Teses. 3. Memória na literatura – Teses. 4. Intelectuais. – Teses I. Rodrigues, Leandro Garcia. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : B869.33



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação intitulada *LITERATURA EM FOCO: A formação intelectual de Vivaldi Moreira em "O menino da mata e seu cão Piloto"*, de autoria da Mestranda SAMANTHA GUEDES BARBOSA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos Literários.

Área de Concentração: Literatura Brasileira/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Leandro Garcia Rodrigues - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. Constantino Luz de Medeiros - FALE/UFMG

Prof. Dr. Marcelo José Fonseca Fernandes - EMERJ

Belo Horizonte, 28 de novembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Garcia Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 28/11/2023, às 16:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Constantino Luz de Medeiros, Professor do Magistério Superior**, em 28/11/2023, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo José Fonseca Fernandes, Usuário Externo**, em 29/11/2023, às 07:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2834767** e o código CRC **3ADD7255**.

À memória de Vivaldi Moreira, por acreditar
que o saber não precisa excluir o afeto e que
sonhar é dar lonjura à alma.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais José Otávio Resende Barbosa e Maria Celeste Guedes Barbosa, ambos falecidos, mas inteiramente vivos em mim pelo amor, pelos ensinamentos e pelo incentivo aos estudos.

À família Moreira, na pessoa de Pedro Rogério Couto Moreira, pelas valiosas contribuições.

À Marília Moura Guilherme, pela acolhida, conversa e presteza nas solicitações, quando ainda nem pensava em fazer o mestrado, mas já havia iniciado a pesquisa sobre Vivaldi Moreira. E à sua irmã, Carmem Elizabeth Moura dos Santos, que há quase quarenta anos trabalha na Academia Mineira de Letras e este ano, em visita à sede, também contribuiu com o meu trabalho.

À Academia Mineira de Letras, por salvaguardar acervos importantes e pelas atividades culturais que enriquecem a nossa formação intelectual e humana.

Ao professor Leandro Garcia Rodrigues, orientador da melhor hora, pelo apoio e por, de fato, assumir a minha pesquisa.

Às professoras Maria Zilda Cury e Márcia Maria Valle Arbex, pelas aulas instigantes e pelas interessantes partilhas.

Aos funcionários da Faculdade de Letras da UFMG e do Pós-lit, pelo trabalho prestado com seriedade e comprometimento.

Ao professor e coordenador do Pós-lit, Antonio Orlando de Oliveira Dourado, pela escuta atenciosa.

À Maria Lúcia Barbosa, amiga, confidente, grande incentivadora dessa jornada intelectual e cúmplice dos meus desafios. Sua generosidade e acolhimento foram essenciais!

À prima Camilla Guedes Chaves Souza, pelo acompanhamento amoroso.

Às preciosas amigas que a vida me proporcionou: Grazielle Alcântara Lima, Andréa Carrusca Fonseca Fernandes, Eduardo Eustáquio Chaves Durães Júnior, por me restaurarem pelo afeto.

À Chiquinha, ensinamento de ternura, por ter me dado mais alegria nesse processo desafiador.

RESUMO

Este estudo investigou a formação intelectual do escritor mineiro Vivaldi Wenceslau Moreira a partir de suas leituras literárias na obra autobiográfica/memorialística *O menino da mata e seu cão Piloto*. Discerniu-se sobre a caracterização dos gêneros autobiografia e memória; identificaram-se os diferentes mediadores de leitura e fez-se uma discussão teórica sobre o papel desse intelectual por meio de suas ideias e ações. Foi possível conhecer mais sobre o perfil multifacetado de um escritor que realizou várias atividades intelectuais, leu e escreveu excessivamente, conseguiu junto às autoridades uma sede própria para a Academia Mineira de Letras e depois também obteve importante ajuda para a construção do Auditório anexo que ganhou seu nome. Principalmente no final dos anos 20 e início dos anos 30, com a Era Vargas, em que há a centralização do poder, aumenta a discussão sobre o papel da intelectualidade no Brasil, trazendo o debate sobre a relação entre ação política e pensamento intelectual. Refutamos a polarização entre o intelectual isolado e aquele integrado ao contexto político, ao verificarmos uma coexistência entre ideias e política na vida de Vivaldi Moreira e, muito mais do que a rigidez da definição, constata-se a autenticidade e a responsabilidade de suas escolhas, o apreço aos livros, assim como muito de sua obra a ser explorada.

Palavras-chave: Vivaldi Moreira; memória; leitura literária; formação intelectual.

ABSTRACT

This study investigated the intellectual formation of Minas Gerais writer Vivaldi Wenceslau Moreira from his literary readings in the autobiographical-memorialistic work *O menino da mata e seu cão Piloto*. The characterization of the autobiography and memoir genres was discerned; the different reading mediators were identified and a theoretical discussion about the role of this intellectual through his ideas and actions was done. It was possible to get to know more about a multifaceted profile of a writer that accomplished a variety of intellectual activities, read and wrote excessively, obtained with the authorities its own headquarters for the Academia Mineira de Letras and later on an important help to construct the attached Auditorium that gained his name. At late 20's and early 30's especially, with Era Vargas, where there is the centralization of power, the discussion of the role of intellectuality in Brazil rises, bringing the debate about the relation between political action and intellectual thought. The polarization between the isolated intellectual and that integrated to the political context is refuted, as we verify the coexistence between ideas and politics in the life of Vivaldi Moreira, and much more than stiffness definition, we validate the authenticity and responsibility of his choices, his appreciation for books, as well as much of his work still open to be explored.

Keywords: Vivaldi Moreira; memoir; literary reading; intellectual formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Visita à Itatiaia. Em primeiro plano: Lin Yutang, Neta Moreira e Vivaldi. Ao fundo, à esquerda, o editor Pedro Paulo Moreira.....	28
Foto 2 - Última sede da Livraria Itatiaia.....	30
Foto 3 - A eleição de JK comunicada por Vivaldi	40
Foto 4 - À esquerda, Vivaldi Moreira, ao meio, o poeta Tote (Antônio Avelar) e à direita, Juscelino Kubitschek.	40
Foto 5 - À esquerda, o senador José de Alencar, Vivaldi Moreira e sua esposa, Brante, descerrando a placa de inauguração.....	41
Foto 6 - Auditório Vivaldi Moreira.....	42
Foto 7 - Pensamento de Vivaldi Moreira sobre a Academia.....	42
Foto 8 - Carmem Elizabeth Moura dos Santos, Vivaldi Moreira e a esposa Brante, ao lado direito, Marília Moura Guilherme, na Academia Mineira de Letras.....	46
Foto 9 - Vivaldi Moreira na entrada do Palácio Borges da Costa.....	49
Foto 10 - Esquife com Vivaldi no alto do carro de Bombeiros.....	49
Figura 1 - Poema Reverencial, de Conceição Piló.....	50
Foto 11 - Marcello Caetano à esquerda de Vivaldi Moreira.....	58
Foto 12 - Gustavo Penna e o confrade Angelo Oswaldo ao lado de Vivaldi Moreira.....	68
Figura 2 - O poema de Gustavo Penna.....	69
Figura 3 - Capa do livro <i>A Casa do Menino</i> , de Cely Vilhena.....	70
Figura 4 - Capa da 1ª edição.....	81
Figura 5 - Capa da 2ª edição.....	81
Figura 6 - Folha de rosto do livro de memórias.....	84
Foto 13 - Fazenda do Tanque, 1960.....	87
Figura 7 - Reedição da revista <i>O Tico-Tico</i>	100
Figura 8 - Capa do primeiro número de <i>O Tico-Tico</i>	100
Figura 9 - Folha de rosto - <i>Novo Livro de Leitura</i>	102
Figura 10 - Páginas do <i>Novo Livro de Leitura</i>	103
Figura 11 - <i>O Soldadinho de Chumbo</i> , nas páginas de Hilário Ribeiro.....	104
Foto 14 - Amigos de infância.....	112
Foto 15 - Vivaldi Moreira aos cinco anos.....	116
Foto 16 - Vivaldi Moreira na Academia Mineira de Letras, em 1983.....	122
Figura 12 - Contracapa de <i>O menino da mata e seu cão Piloto</i>	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – Uma personalidade multifacetada	12
1.1 O perfil de Vivaldi Moreira	12
1.2 O leitor-escriptor	14
1.3 <i>Minas em foco</i>	20
1.4 Itatiaia: arte e vida entrelaçadas	25
1.5 AML: às palavras, dedicação; ao sonho, realização.....	31
1.5.1 Curiosidades acadêmicas	37
1.6 A despedida.....	43
1.7 Fortuna crítica	50
Capítulo 2- Do “menino da mata” ao intelectual	73
2.1 Nas fronteiras do gênero: memória ou autobiografia?	73
2.2 Memórias sincopadas	80
2.3 A gênese do intelectual	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140

INTRODUÇÃO

Ler e escrever. Eis dois verbos que tiveram grande importância na vida do mineiro Vivaldi Wenceslau Moreira, intelectual que conquistou vários lugares no espaço público, porque dedicou a sua vida a essas duas atividades. A proposta da pesquisa foi analisar a sua obra autobiográfica/memorialística *O menino da mata e seu cão Piloto* a partir de suas leituras literárias e, assim, perceber o percurso que ele realizou desde a infância até a fase adulta.

O primeiro capítulo é dividido em sete subcapítulos: inicialmente, fez-se uma breve apresentação da origem e formação do escritor, traçando o perfil de Vivaldi Moreira. Em seguida, comenta-se um pouco sobre a sua relação com a leitura e a escrita, bem como a existência de uma leitora particular por 17 anos. Na sequência, fala-se do *Minas em Foco*, periódico criado pelo escritor, que durou quase oito anos, com circulação constante e distribuição gratuita para o país inteiro. Depois, a Livraria Editora Itatiaia, como ponto de convergência social, cultural e artística de Belo Horizonte, no período de 1950 até pouco depois de 1980. Os quatro últimos subcapítulos referem-se sucessivamente à nova sede para a Academia Mineira de Letras, sonho perseguido por Vivaldi por muitos anos; algumas curiosidades acadêmicas que envolvem a eleição de Henriqueta Lisboa e Edison Moreira, irmão de Vivaldi, a eleição de Juscelino Kubitschek para a Academia e, no mesmo dia 28 de setembro de 1996, a inauguração da placa do Auditório anexo à Academia, aniversário de Vivaldi e o lançamento do seu livro *Viagens*. Depois, um subcapítulo que fala da despedida do escritor, com a sua morte em janeiro de 2001 e, por fim, a fortuna crítica, em que várias personalidades tecerão comentários sobre a vida e a obra desse intelectual.

O segundo capítulo apresenta três subcapítulos. O primeiro traz algumas considerações sobre os gêneros autobiografia e memória. O seguinte é uma explanação sobre o título e o subtítulo do livro, *corpus* da pesquisa, apresentando as suas edições e publicações e também dando pistas da composição da narrativa, bem como do pacto de leitura sugerido pelo autor. Ainda traz a relação do *O menino da mata e seu cão Piloto* (livro), com o conto de mesmo nome, lido também por Graciliano Ramos. O terceiro subcapítulo deste mesmo segundo capítulo, propositalmente, deixado nessa ordem, para que o leitor tivesse mais subsídios para conhecer o escritor e algumas características de sua narrativa, destaca a gênese do intelectual. Nele, analisamos a obra, identificando, principalmente, as leituras literárias

realizadas por Vivaldi Moreira, descobrindo os mediadores de leitura, lugares e pessoas que influenciaram o escritor. Com a finalidade de refletir sobre o papel do intelectual foram utilizadas, sobretudo, as referências de Miceli (1979), Bobbio (2008), Arendt (2006), Sartre (1994). No que se refere às questões de leitura e literatura, em especial, Lajolo & Zilberman (1996), Cavallo e Chartier (1998), Malard (2012), Candido (1995), Morin (2000), Maingueneau (2001).

A metodologia desse trabalho contou com as seguintes etapas: além da leitura da obra, texto escolhido como objeto, artigos e livros sobre o autor e as temáticas debatidas: gêneros literários - autobiografia e memória, mediadores de leitura e papel do intelectual, houve um contato com parte do arquivo de Vivaldi Moreira, sebos e também visita à Academia Mineira de Letras. Portanto, foram utilizados dois métodos, respectivamente, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

Por conseguinte, pensando na relevância que a leitura literária teve na formação intelectual de Vivaldi Moreira, esta dissertação propõe um trabalho de análise e reflexão teórico-crítica sobre o percurso de leitor literário a intelectual, dialogando com as polêmicas levantadas sobre o papel desse, tentando diluir a separação entre polos considerados distintos: pensamento e ação, no intuito de redimensionar o raciocínio binário e, por vezes, exigente de uma definição. Dessa maneira, a proposta aqui é reconhecer as escolhas realizadas pelo escritor em sua trajetória, sobretudo, elegendo a leitura literária como bússola para trilhar tantos caminhos, seja na escrita ou na realização concreta de uma nova sede para a Academia Mineira de Letras e também a construção de um Auditório anexo. Além disso, defrontar-se com uma vasta obra que requer o olhar atento de novos pesquisadores, pois o material encontrado intenta novos estudos em diversas perspectivas.

Capítulo 1

Uma personalidade multifacetada

1.1. O perfil de Vivaldi Moreira

“... *Tinha uma ideia nebulosa do que ia estudar. Queria era saber coisas*¹.”

Vivaldi Moreira

Antes de investigar as condições da formação do leitor a partir da narrativa memorialística escolhida para o *corpus* da pesquisa, *O menino da mata e seu cão Piloto*, é necessário apresentar um pouco da obra e do autor mineiro que fez de sua atividade intelectual um meio de servir ao seu país. Portanto, conhecer um pouco da intervenção do sujeito no espaço público, ajudará a perceber as influências, os gostos, as escolhas, enfim, a importância das letras na identidade de Vivaldi Moreira.

Vivaldi Wenceslau Moreira é filho de Pedro José Moreira e Jacintha de Oliveira Moreira. Nasceu em 28 de setembro de 1912, em Tombos, no seio de uma família de origem rural mineira e criado em São Francisco do Glória, ambos distritos de Carangola, na Zona da Mata mineira. É na Fazenda do Tanque, de propriedade de sua avó paterna, Donana do Tanque, conhecida assim em toda redondeza, que o menino aprendeu a ler aos oito anos, com professor particular.

O curso ginásial foi feito quase todo com distinção, no Instituto Profissional de Muriaé, no Colégio Carangolense, em Carangola, e no Instituto Evangélico do Alto Jequitibá, atual Presidente Soares- MG, quando se transferiu por causa da mudança de seus pais e ali se bacharelou em Letras, no ano de 1932. Mas antes, já revelando inclinação para as letras, publicou em 1929 o seu primeiro artigo na *Revista do Colégio Carangolense*, intitulado “Estudando e Pensando”.

No ano de 1933, Vivaldi ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, bacharelando-se em 1937. Durante o curso de Direito, trabalhou na imprensa carioca ao lado

¹MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão Piloto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981, p. 37. Uso Vivaldi Moreira como epígrafe por entender que a sua obra, assim como a sua trajetória intelectual, partem do seu interesse pela leitura desde cedo, ponto a ser desenvolvido mais detalhadamente no segundo capítulo.

de Cândido Campos, como colaborador na revista *Pan*, um semanário nacional de cultura, artes e política. A sua estreia profissional deu-se em 1934, quando foi contratado como repórter do *Informação Comercial e Financeira* e, depois, no diário *A Notícia*. Em 1939, voltou para Minas, indo advogar em Resplendor, cidade interiorana onde serviu também como Secretário da Prefeitura local.

Em outubro de 1940, Vivaldi instalou-se definitivamente em Belo Horizonte a chamado de seu amigo de infância Luís Carlos de Portilho. Ele foi secretário da *Revista da Associação Comercial*, como advogado e editor do boletim da entidade, editor do *Anuário Comercial e Industrial de Minas*, editorialista da *Folha de Minas*, fundador e redator-chefe do *Minas em Foco*, colaborador do *Diário de Minas* e do *Estado de Minas* e, nos últimos anos, colunista semanal do *Diário da Tarde*. No Rio de Janeiro, Vivaldi colaborou também com o *Jornal do Comércio*, com artigos de crítica literária. E por dois anos consecutivos no Suplemento Literário do *Diário de Notícias*. Publicou inúmeros ensaios em revistas especializadas sobre Ciências Sociais e Pedagógicas.

Vivaldi Moreira estreou em livro no ano de 1951, com *Sociologia da Crise - Conceitos Sociológicos da obra de José Ortega y Gasset ou a Sociologia como ciência da crise*. Tal ensaio expositivo recebeu louvores de Ortega y Gasset, Francisco Ayala, Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, entre outros².

No magistério, lecionou Sociologia da Educação na Faculdade de Filosofia e Letras Santa Maria, incorporada posteriormente à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais-PUC-Minas, e no Instituto de Educação de Minas Gerais. Em 1953 fundou *Minas em Foco*, mensário sintético de notícias e orientação, sobre o qual especificarei em um subcapítulo.

No seu estado de origem, Vivaldi foi também Secretário-Executivo do Centro de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, ao lado de Mário Casassanta. No Rio, ocupou, em seguida, o cargo de Chefe da Divisão de Publicações do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e também foi diretor da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional. Foi membro da Comissão Central da Enciclopédia Brasileira e desempenhou o cargo de Chefe do Gabinete do Secretário do Interior em 1959/1960, junto ao Desembargador Martins de Oliveira.

² Informação contida na publicação de Mário Matos para o jornal *O Diário*, 28 de setembro de 1962, presente no livro *Centenário de Vivaldi Moreira - Fortuna Biográfica*, 2012, p. 103. Fonte também do resumo elaborado sobre a origem, formação e atividades exercidas pelo escritor.

Em 1959, Vivaldi Moreira foi eleito membro da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira 38, vaga com o falecimento do poeta Honório Armond. Em 1975, passou a presidente da instituição e sua consagração deu-se em 1988, por voto unânime de seus pares, como presidente perpétuo da Academia Mineira de Letras.

Em 27 de abril de 1942, Vivaldi Wenceslau Moreira casa-se com Ibrantina Brandão Couto, conhecida como Dona Brante, com quem teve cinco filhos: José Maria, Eduardo Vítor, Pedro Rogério, Maria do Céu e Ana Cristina.

Vivaldi Moreira faleceu em Belo Horizonte no dia 26 de janeiro de 2001, no bairro Funcionários, em sua casa, na rua Professor Moraes 600, onde residia desde 1947 e manteve sua biblioteca de vinte mil volumes.

1.2. O leitor-escritor

A trajetória de letramento literário de Vivaldi Moreira é contemplada também em um acervo que traz muitos nomes da literatura brasileira e mundial. O escritor passou a vida recolhendo e escrevendo livros. Sobre essa dedicação, a professora Letícia Malard descreve em seu livro *Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros*:

Durante seus quase 90 anos de existência, este dedicou-se à leitura e à escrita com uma intensidade pouco divisada no panorama intelectual brasileiro. Segundo o filho Pedro Rogério – que o sucedeu na Academia Mineira de Letras – aos 88 anos o pai calculava ter lido cerca de dez mil livros, ou seja, um a cada três dias! Mas a biblioteca dele chegou a vinte mil volumes antes de ser doada, ainda em vida, à sua tão querida Academia (MALARD, 2012, p. 17).

No artigo “O letramento literário e a formação do escritor em *O menino da Mata e seu cão Piloto*”, mencionei que Vivaldi Moreira teve por 17 anos uma leitora particular:

Marília Moura Guilherme, bibliotecária formada na UFMG e funcionária da AML, iniciou o seu trabalho como ledora, na biblioteca particular do escritor. Ele possuía uma relação de títulos que era apresentada, por mês, à Marília. A lista era organizada por data/ano. O critério para selecionar as leituras também era feito por autor. Assim aconteceu, por exemplo, quando o escritor resolveu ler a obra inteira de Aquilino Ribeiro e do espanhol Azorín (BARBOSA, 2012, p. 143).

Na época em que Marília Moura Guilherme começou a ler para o escritor, ele já era presidente da Academia Mineira de Letras, posição ocupada desde 1975. O escritor tinha 72 anos e era aposentado do Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais, onde trabalhou durante muitos anos. “Segundo o próprio Vivaldi, era época de releitura.” (BARBOSA, 2012, p. 143). Foram 1933 livros lidos por Marília.

Na verdade, o escritor leu muito mais do que os números indicam, pois além de ouvir a leitura feita em português por Marília durante o dia, por exemplo, ainda tinha contato com os mesmos títulos à noite, quando se tratava de ler os originais escritos em outra língua. “Frequentador de sebos, sempre adquiria volumes de livros de acadêmicos, como também de outras obras.” (BARBOSA, 2012, p. 143). No seguinte excerto, um jeito singular de lidar com a leitura:

As leituras em voz alta eram acompanhadas de comentários feitos por Vivaldi. Enquanto Marília lia, o escritor tinha uma atitude muito singular, encadernava livros e nas suas lombadas, registrava com a sua letra em caneta prata, as informações inerentes aos mesmos. Por meio do trabalho manual, Vivaldi Moreira externava um grande zelo pelos livros. Além disso, o escritor também tinha o hábito de recortar artigos e reportagens de jornais referentes ao assunto que estava lendo ou ao autor e colocava dentro dos livros. De acordo com Marília, graças a essa prática do escritor, pesquisadores já encontraram materiais muito úteis, que inclusive, não estariam disponíveis se não fosse pela curiosidade e interesse do “menino da Mata” (BARBOSA, 2012, p. 144).

Em outra passagem do livro *Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros*, Malard (2012) confirma a informação:

Os livros que não lera guardavam um rastro de sua passagem por eles, ainda que rápida: um papelzinho ou um recorte de jornal entre páginas, um indício qualquer da presença de seu olhar por ali. Foi um devorador de livros desde a infância. Antes de aprender a ler e escrever, ouvia com encantamento os contos de fadas lidos pela mãe. Nos últimos anos de vida, para poupar a visão saboreava pelo ouvido, em perfeita sinestesia, as páginas lidas por Marília Moura Guilherme, sua leitora pela manhã e secretária da mencionada Academia à tarde, da qual Vivaldi era presidente desde 1975. Um fato curioso é que, enquanto ouvia a leitura, ele tinha o “hobby” de encadernar livros (MALARD, 2012, p. 17-18).

No mesmo livro de Malard (2012), fazendo referência à crônica “Lendo Azorín”, de *O círculo dos eleitos*, observa-se o tempo extra que Vivaldi gastava na leitura:

Raramente termino um livro sem colocar, em sua última página, uma opinião, uma notação psicológica, um fato contemporâneo ao final da leitura. Às vezes a nota nada tem a ver com o conteúdo, mas fixa um evento que jamais seria recordado se não estivesse ali como um flagrante. Isso deve ser uma balda, ou melhor, um salutar costume do velho jornalista (MOREIRA, 1987, p. 98 *apud* MALARD, 2012, p. 52).

Ainda sobre a prática de leitura em voz alta é necessário considerar a visão de Cavallo e Chartier (1998) no livro *História da leitura no mundo ocidental*, quando aludem à leitura de uma obra literária na Antiguidade e na Idade Média:

De qualquer forma, a maneira mais habitual de ler era, em qualquer nível e função, a leitura em voz alta, segundo o que se conclui também de trechos do mesmo Quintiliano e de vários outros testemunhos. A leitura podia ser pessoal ou também feita por um leitor que assegurava a mediação entre o livro, o ouvinte ou ainda todo

um auditório. No caso de certas composições poéticas, várias vezes leitoras se alternavam, segundo a estrutura do texto. Esse recurso à oralidade explica também a forte interação existente entre escrita literária e leitura (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 80).

Segundo Cavallo e Chartier (1988), o ato de ler um texto literário nesse período era comparado à execução de uma partitura musical. Isto é, ler com profundidade significava chegar ao cerne da expressão verbal. Entendia-se que o sentido do texto era colhido e, mesmo assim, só seria colhido, com segurança, por intermédio do ouvido melhor do que pela vista. Acreditava-se, dessa forma, que o sentido do texto era captado por meio das palavras as quais, por si mesmas, carregavam as ideias. Separada da aprendizagem da escrita, a leitura era realizada num segundo momento, apontando certamente a existência de indivíduos com pouco grau de escolaridade, capazes de escrever, mas não de ler. Os exercícios iniciais de leitura também fundamentavam-se primeiramente no conhecimento das letras isoladas, depois no das sílabas e posteriormente no domínio de palavras completas. Tal exercício em voz alta era realizado a partir de uma leitura feita por longo tempo e muito lentamente até atingir um grau considerável de rapidez. O ato de pronunciar as palavras já lidas e olhar para as palavras seguintes era tarefa que Quintiliano considerava difícil, visto que exigia um desdobramento de atenção. Ao se mostrar segura e rápida, a leitura em que o olho precedia a boca era considerada como uma leitura ao mesmo tempo oral e visual.

Outra passagem que nos leva a pensar no leitor-escriptor no que diz respeito à formação intelectual de Vivaldi Moreira encontra-se no excerto abaixo:

A leitura expressiva condicionava por sua vez a escrita literária que, justamente por ser destinada a uma leitura em voz alta, exigia prática e estilo próprios da oralidade. Vê-se, pois, que a fronteira entre o livro e a palavra não é das mais nítidas. Também a composição do texto acompanhada ou pelo sussurro da voz ou pela própria escrita pessoal ou por um ditado ou ainda pela leitura, a leitura do texto feita pelo autor aos amigos, esta também muito usada, eram fundamentais para um escrito que, substancialmente destinado a ser ouvido, podia sofrer derrogações nas rigorosas normas estilístico-retóricas (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 81).

Nota-se, portanto, que a voz fazia parte do texto escrito em cada fase de seu percurso, do emissor ao destinatário. E mesmo havendo diferenças de sonoridade na própria leitura em voz alta, segundo as ocasiões e tipologias textuais, é possível inferir que a composição do texto está intimamente ligada à forma pela qual se confere voz ao escrito. Vivaldi Moreira, ouvinte desde cedo e grande escutador da vida, das pessoas, das situações, principalmente em

seu livro de memórias, parece ter conduzido a sua escrita aos ouvidos e por meio da entonação, do ritmo, da fluência, da expressividade revela essa interferência que também compôs o seu estilo.

Dentre as observações feitas em visita ao acervo do escritor Vivaldi Moreira, registramos o tomo um e dois do livro de Anatomia Topográfica *Testut & Jacob*, citado por Cyro dos Anjos em *A Menina do Sobrado*. Da mesma forma, assinalamos alguns livros que foram encadernados pelo próprio Vivaldi. Ainda encontramos uma gramática de Napoleão Mendes de Almeida, *Gramática Metódica da Língua Portuguesa-5ª edição*.

No que se refere à Língua Portuguesa, registramos ainda *Programa de Vernáculo*, de Guimarães Corrêa -1ª e 2ª séries; *Programa de Vernáculo – Curso Ginásial 1ª e 2ª séries – edição atualizada de 20 lições de Português*; *Gramática expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira, 94ª edição adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire - edição de 1943 da Companhia Editora Nacional.

A presença de vários livros da área de Medicina, como por exemplo, Anatomia e também de livros de história da Medicina aparecem nas estantes da Academia Mineira de Letras. Tais livros foram parar nas mãos do escritor ou ele realmente os adquiriu porque tinha interesse pelo assunto. Além disso, conviveu com acadêmicos que eram médicos. Um de seus grandes amigos foi o escritor e memorialista Pedro Nava.

Em seu livro, *Jornal Amoroso*, Pedro Rogério Couto Moreira conta que na manhã de 13 de maio de 1984, um domingo, dia das mães, Pedro Nava telefonou do Rio para seu amigo Vivaldi Moreira, em Belo Horizonte. A ligação foi atendida pelo seu irmão Eduardo Vitor, que lhe informou que seu pai encontrava-se em Brasília, passando uns dias com Pedro Rogério. Eduardo forneceu-lhe o telefone de lá, mas o telefonema não foi feito. “Na noite daquele mesmo dia, sozinho e triste, Pedro Nava foi visto sentado num banco do Largo da Glória, próximo à sua residência. Às 23h30, suicidou-se com um tiro na têmpora, com um velho revólver Taurus calibre 32.” (MOREIRA, 2004, p. 57).

A literatura também era um grande interesse de Vivaldi, que sempre adquiria volumes nas feiras de livros. O escritor faleceu aos 88 anos. O interesse de aprender somado às diversas atividades exercidas ao longo da vida fez da leitura e da escrita um fio condutor para a caminhada intelectual de grande e vária produção de Vivaldi Moreira, atestada também no excerto abaixo:

Essa paixão pela leitura correspondeu à paixão pela escrita- dezenas de textos sobre variados assuntos, que caminham principalmente da Sociologia à Literatura, passando pelo Direito, pela Educação, pela Política, pela Economia, pela História e pelo Memorialismo de diversas fases da vida, bem como pelas marcantes impressões de viagens. Afinal, Vivaldi Moreira exerceu o jornalismo, a assessoria política, a advocacia e a magistratura, militou na crônica e no ensaio, foi professor, memorialista e turista cultural, proferiu aulas, palestras, conferências, saudações, discursos, decisões jurídicas e praticou outras espécies textuais. Escreveu seu primeiro artigo aos dezessete anos, em 1929. O último livro, *Novo glossário das Gerais*: prosa útil, saiu em 2000, aos 88 anos (MALARD, 2012, p. 18-19).

Dessa forma, constatamos que a obra de Vivaldi Moreira é imensa e requer mais atenção e profundidade, tarefa difícil em apenas uma dissertação. Muitos de seus escritos impressos em periódicos foram reunidos em volumes. Diversos textos jurídicos, sociológicos, históricos, educacionais e relativos a outros ramos do conhecimento, ligados ou não ao cotidiano do seu trabalho profissional, se acham gravados em livros e plaquetes. Há ainda uma composição inédita, hoje, em posse do seu filho Pedro Rogério Couto Moreira, jornalista e escritor, que ocupa o lugar do pai na Academia Mineira de Letras. Trata-se de vários diários manuscritos em cadernos escolares por Vivaldi Moreira desde 1936, quando ele cursava o quarto ano de Direito, no Rio de Janeiro. Em 2000, um ano anterior a sua morte, o escritor encerrou a escritura desses diários, com o pedido de que eles fossem interditados por 25 anos. Portanto, cumprindo o interdito decretado pelo pai, Pedro Rogério Couto Moreira pretende publicar os diários apenas no ano de 2025. Presume-se que além das angústias, alegrias e o cotidiano de homem público, teremos a versão do escritor em relação aos fatos importantes da vida política, administrativa e literária de Minas Gerais e do Brasil.

Parte da correspondência de Vivaldi Moreira dirigida aos acadêmicos estão na Academia Mineira de Letras. A parte recebida do ex-primeiro-ministro de Portugal, Marcello Caetano, foi doada em 2014, para a Biblioteca Celorico de Basto, distrito de Braga. Outra parte também foi cedida ao bibliófilo José Mário Pereira, editor da Topbooks, bem como cartas de escritores e personalidades brasileiros.

Vivaldi Moreira não nos deixou nenhuma obra de poesia nem de ficção, embora tenha registrado no livro *Memorial a Destempo*, dia 26-I-1976:

Irreprimível desejo de dar início a um romance, espécie de narração cerebral, autobiográfico e ecumênico, misto de história, ensaio, experimentação [...] Enfim sairia a História de uma paixão brasileira. Livro cheio de sugestões e experiências, estou certo (MOREIRA, 1986, p. 146).

No entanto, o romance nunca foi escrito. Vivaldi morre antes também de escrever o livro que tanto almejava cujo título seria *A arte de ser o segundo*. A obra de Vivaldi Moreira é extensa. Em vista disso, irei deter-me em apenas algumas.

Conceitos sociológicos da obra de José Ortega y Gasset ou *A Sociologia como ciência da crise*, de 1951. Trata-se de uma tese de concurso que não foi realizado. Segundo Vivaldi, na entrevista “Vivaldi Moreira. Em tempo de menino da mata com seu cão Piloto” a Airton Guimarães, do jornal *Estado de Minas*, no dia 11 de novembro de 1981, o trabalho foi realizado às pressas: “escrevi o livro em quinze dias. Precisava da tese para entrar no concurso. O José Carlos Lisboa e o diretor da Faculdade, Camilo Alvim insistiram comigo para que me inscrevesse” (MOREIRA, 1981 *apud* GUIMARÃES, 1981, p. 1).

Vivaldi Moreira, graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, estaria em desvantagem no quesito da titulação em relação a outro candidato formado em Sociologia “*stricto sensu*”, que já ocupava a cadeira interinamente. O escritor redigiu reflexões sobre a mudança social baseada na obra de Ortega y Gasset, associada à ideia de crise. A tese elaborada seria para provimento da cadeira de Sociologia da então Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais.

No livro *Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros*, Malard (2012) nos informa que, segundo o próprio candidato, o professor Mário Casassanta, “respeitável ex-professor da Faculdade de Filosofia e catedrático da Faculdade de Direito da mesma Universidade, escreveu no jornal *O Diário*, Belo Horizonte, 28 de setembro de 1962, que não deixaram Vivaldi concorrer” (MALARD, 2012, p. 26). Discussão que foge ao propósito da pesquisa e ainda sobre o conteúdo do trabalho podemos verificar:

A tônica da tese acadêmica é uma pesquisa de conceitos sociológicos na obra gassetiana, especialmente n^o *A rebelião das massas*, para demonstrar que a obra do filósofo foi elaborada a partir de um esquema de filiação sociológica, que seu conjunto de temas e sua caracterização factual são orientados por métodos extraídos da sociologia. A tese saiu como livro pela José Olympio, Rio de Janeiro, no mesmo ano, com outros textos anexados, sob o título de *Sociologia da crise*, “*tout court*” (MALARD, 2012, p. 26).

Alguns livros de Vivaldi Moreira como *Uma passagem para Meípe*: em torno de Rotary (1964) e *Volta a Meípe* (1973), principalmente, trazem a temática rotariana. Em *Memorial a Destempo* e *O velocino de Ouro*, ambos de 1986, também encontramos a admiração de Vivaldi pelo Rotary Clube Belo Horizonte, cuja presidência ocupou no ano

rotário de 1965/1966. Entre as numerosas atividades que exerceu, Vivaldi destacou-se como membro desse clube, como cita Raul Machado Horta, na conferência de 31 de janeiro de 2001:

Nas páginas de evocação de acontecimentos e fatos que contaram com sua ativa participação e nas memórias de seu *Diário*, Vivaldi celebrou o Rotary e predicou as benemerências da instituição, encarecendo para os auditórios de companheiros ou os de solenidades comemorativas os objetivos humanitários do Rotary na difusão do bem, da solidariedade humana e da paz universal (HORTA, 2001, *apud* MOREIRA, 2012, p. 166).

No *Memorial a Destempo*, em novembro de 1975, Vivaldi confessa: “Das associações, das agências de que participo, uma só me comunica esse refrigério na alma e me fornece alento para prosseguir na crença do advento da harmonia universal. Essa associação é o *Rotary*” (MALARD, 2012, p. 32). A concepção da instituição, seus fins, objetivos e estilo permanecem como página de reflexão, como Vivaldi escreveu em *O Velocino de Ouro*:

Rotary é uma colmeia. Não há hierarquia nos serviços a serem prestados à coletividade. Cada qual concorre alegre e prazerosamente com sua parcela, e, em breve, a tarefa, por mais complexa, estará concluída. O companheirismo que se estabelece entre os rotarianos, seja ele de que latitude for e pertença a qualquer profissão, é a base sobre a qual pretendemos sempre construir o magnífico edifício da compreensão e da paz. Não é Rotary “uma feira de vaidades”, onde cada companheiro procura figurar melhor. Quem pensa assim ainda não se integrou definitivamente no espírito rotário. O que se pretende, isto sim, é o desempenho fiel, cabal e consciente de cada tarefa que nos é cometida em favor do interesse da comunidade. Por isso, um dos deveres primordiais do rotariano é despir-se de qualquer veleidade que não seja um entranhado dever de ser útil, sem ostentação (MOREIRA, 1986, p. 139).

Outras informações sobre o leitor-escritor serão vistas no decorrer do texto por meio da fortuna crítica e mais especificamente no próximo capítulo, cuja análise será a do livro escolhido: *O menino da mata e seu cão Piloto*.

1.3. Minas em Foco

No que se refere à experiência escrita, Vivaldi Moreira começa cedo. De acordo com a entrevista a Guimarães (1981), do jornal *Estado de Minas*, em 11 de novembro de 1981, o memorialista escreve o seu primeiro artigo aos 15 anos, embora o considere ensaio:

Tudo que escrevo dá ensaio, de modo que, embora, objetivamente observando os fatos da vida, acabo dirigindo-me para o ensaio. Tenho até dois romances começados. Mas quando os releio, fico com uma raiva danada, pois vejo que são mais ensaios que propriamente romances. Acho que me falta aquilo que Paul Valéry

sempre criticou. Tinha vergonha de escrever uma frase como esta: “- Bom dia, Madame”. Então, o negócio é ir logo no grosso, no pensamento, na reflexão. Sou mais de reflexão que de descrição, embora muitos amigos meus achem que eu seria um grande narrador. [...] Mesmo o filósofo, ao redigir a reflexão, está narrando. Não há nada fora da narração (MOREIRA, 1981, p.1 *apud* GUIMARÃES, 1981, p. 1).

O artigo mencionado acima, no entanto, ficou apenas para a leitura dos familiares, até que se perdesse. O escritor começou a publicar, efetivamente, em 1929. O seu primeiro artigo saiu na *Revista do Ginásio*, em Carangola. Na mesma entrevista, Vivaldi Moreira ainda conta como editou sozinho, anos depois, um jornal, o *Minas em Foco*. Tratava-se de um jornal resumido:

Foi o primeiro órgão sintético aparecido no Brasil. Dividia-se em catorze pequenas páginas e cada uma correspondia a uma seção. A primeira, “A Cidade”, um editorial. Depois, “Focalizando”, notícias diversas. Seguia-se cada página com seus títulos e notícias correspondentes: “Atividade Agropecuárias”, “Crédito e Finanças”, “Vida Comercial”, “Educação e Cultura” etc, e terminava com a página “Ponto Final” (MOREIRA, 1981, p. 2 *apud* GUIMARÃES, 1981, p. 2).

O periódico começou em junho de 1953 e durou até fevereiro de 1961, quase oito anos de circulação constante, com 30.000 exemplares distribuídos gratuitamente para o país inteiro, pois a publicidade cobria os gastos. “Tive notícia de que Juscelino Kubitschek andava com ele no bolso”, (MOREIRA, 1981, p. 2 *apud* GUIMARÃES, 1981, p. 2), disse Vivaldi. Em relação à confecção do jornal, Malard (2012) explicita:

O lema da publicação era “Máximo de objetividade num mínimo de espaço.” O jornal era confeccionado na própria residência do jornalista, em sociedade com o amigo José Bento Teixeira Sales e com a ajuda de membros da família. Formatava-se em quatorze seções, com predomínio da área de Economia e Finanças, de onde se pode dizer que o título foi inspirado. Cada seção do *Minas em Foco* ocupava uma página, com notícias sobre a área seguidas de algum comentário (MALARD, 2012, p. 38).

Ainda na entrevista intitulada “Vivaldi Moreira – Em tempo de menino da mata com seu cão Piloto”, de 1981, o escritor conta que começou a fazer o jornal sozinho e depois teve a ajuda de um redator-associado, que vem a ser o segundo jornalista: José Bento Teixeira de Salles. “Foi na época em que estive quase dois anos no Rio de Janeiro, no Centro de Pesquisas Educacionais. O José Bento ficava aqui, colhendo o material, as notícias. No fim do mês, eu vinha e nós compúnhamos o jornal.” (MOREIRA, 1981, p. 2 *apud* GUIMARÃES, 1981, p. 2).

Em outra passagem, Vivaldi comenta sobre a quantia significativa que ganhou já no primeiro número, vinte e oito mil cruzeiros. Ele que ganhava sete mil cruzeiros no Tribunal de Contas comenta que nunca deveria ter parado com o jornal. No entanto, os filhos eram pequenos e o jornal era meio artesanal. Não teve continuidade. O escritor relembra um episódio engraçado:

O Victor Nunes, então chefe da Casa Civil, sempre meu amigo, me disse uma vez que ouviu Juscelino dar boas gargalhadas. Foi ver e o presidente estava lendo o meu jornal e encantado com uma frase que eu havia escrito: “Este mês o general Lott ganhou uma pesada espada de ouro.” E comentou com o Victor: “Aquele seu amigo Vivaldi é do diabo!” (MOREIRA, 1981, p. 2 *apud* GUIMARÃES, 1981, p. 2).

No livro *Centenário de Vivaldi Moreira - Fortuna Biográfica* (2012), Pedro Rogério Couto Moreira reflete sobre a grande lição de jornalismo do pai: “a objetividade, que deve ser a marca mais visível do repórter” (MOREIRA, 2012, p. 56). No caso do jornal *Minas em Foco*, as notícias eram apresentadas em *drops* de no máximo três linhas. Com o espaço reduzido, os adjetivos só os verdadeiramente indispensáveis à objetividade do texto. No excerto abaixo, mais detalhes sobre o jornal:

Era uma publicação *sui generis*: impresso numa única folha retangular, de 40 cm de largura por 30 cm de altura; dobrada e redobrada 14 vezes, seu formato final consistia num novo retângulo de 15 cm por 10 cm. Carlos Drummond de Andrade, numa crônica de saudação ao novo jornal, o apelidou de “a sanfona do Vivaldi”, pois abria-se o *Minas em Foco* como se abre o fole daquele instrumento. O número de dobras, 14, correspondia ao número de páginas internas, cada qual com uma seção temática: Política, Economia, Agricultura, Comércio, Indústria, Educação, Saúde, Cultura, Cidade, etc, etc. Só não publicava Esporte, Polícia e Crônica Social. Fechada a sanfona, o jornalzinho de 16 páginas (as outras duas eram capa e a contracapa) cabia dentro do bolso do paletó, portanto, era de cômodo manuseio. Os leitores adoravam. Uma ideia sensacional de Vivaldi, do ponto de vista gráfico (MOREIRA, 2012, p. 56).

Em relação ao periódico mensal *Minas em Foco*, é interessante verificar um trecho da vida do autor inserido na história do país. Por meio da inspiração em um outro jornal, de intuito promocional de uma empresa paulista, Vivaldi quis ampliar a ideia, enriquecendo o conteúdo pobre ou restrito unicamente aos assuntos do mercado de capitais. Com o lema *Máximo de objetividade num mínimo de espaço*, o microjornal fez sucesso, despertando o interesse de muitos pela assinatura ou a continuidade da remessa. O contentamento do escritor era grande não apenas pela renda mensal multiplicada, mas pela repercussão do jornal que lhe consumia horas de pesquisa e de redação.

Vivaldi Moreira recebeu muitas cartas lisonjeiras. De acordo com o seu livro *Correções a fazer e preços a praticar - Por que não reeditar o passado?* (1989), da Iugoslávia escreve-lhe o embaixador Ribeiro Couto: “Só não concordo com o lema de seu jornal. Em vez de: um máximo de objetividade num mínimo de espaço, você deveria colocar: Um máximo de polémica num mínimo de palavras” (MOREIRA, 1989, p. 16). Mário Casassanta, o padrinho mais forte de sua candidatura à vaga de Honório Armond, na Academia Mineira de Letras, em face da relutância de Vivaldi em se inscrever: “Vivaldi, um só daqueles papezinhos que você escreve e solta cada mês, vale mais que os alentados tomos dos bestialógicos que alguns publicam cada dez ou vinte anos... Você é o nosso Ramalho Ortigão em pastilhas...” (MOREIRA, 1989, p. 17).

O escritor mineiro também recebe elogios de Juscelino Kubitschek e de Dona Sarah, esposa do presidente, que sempre indagava ao secretário particular de seu marido, o jornalista Sérvulo Tavares, se já havia chegado o *Minas em Foco*, acrescentando o seguinte comentário: “Quero gozar nossa Belo Horizonte através de Vivaldi” (MOREIRA, 1989, p. 17). O memorialista é ainda surpreendido pela significativa opinião de Carlos Drummond de Andrade, publicada no *Correio da Manhã*, em 4 de dezembro de 1958. Transcrevo a fala de Drummond na íntegra, a fim de traçar não só o perfil de um homem que leu e estudou muito, mas sobretudo que tratou de assuntos importantes, inclusive, sobre a educação:

VIVALDI

Não é do “padre nosso” e de seus sublimes concertos que vou tratar, embora este Vivaldi de certa maneira também seja ligado à música; enquanto o de Veneza era mestre no violino, o daqui pratica a sanfona - uma sanfoniinha de papel, que o correio pela 65ª vez acaba de entregar ao cronista e que há mais de cinco anos recebo com particular agrado.

Sim, porque Vivaldi Moreira, escritor mineiro, lançou entre nós uma nova modalidade de jornalismo: faz a súmula (e a crítica) dos acontecimentos do momento em um microjornal, cuja página mede 16,5 x 11,8 centímetros, num total de 16 páginas. Tudo isso, aberto não chega à folha de um jornal comum. Rigorosamente planejado, com anúncios de 3 x 9 cm ao pé da página (sua única renda, pois não tem assinatura nem venda avulsa), o órgão dispõe de 14 seções: “A Cidade”, “Focalizando”, “Atividades Agropecuárias”, “Crédito e Finanças”, “Panorama Econômico”, “Vida Comercial”, “Orientação Fiscal”, “Bolsa de Títulos”, “Índice Industrial”, “Administração Pública”, “Negócios Imobiliários”, “Vida Municipal”, “Cultura e Ensino” e “Ponto Final”. Cada seção ocupa uma página e contém, sob forma de comprimido, o noticiário importante do setor, e um ou outro breve (e cortante) comentário.

O leitor toma conhecimento esputiniquiano do País, sorri aqui, ali move a cabeça, aprovando, e vai cuidar de sua vida. Não sabe que por trás daquelas pílulas há um mês inteiro de consultas a uma infinidade de fontes de informação, e que o Vivaldi não é apenas jornalista, mas também alto funcionário técnico em Minas e ensaísta de assuntos políticos e sociais.

Chama-se MINAS EM FOCO a sanfoninha do Vivaldi, mas o bairrismo do título não impede que sua música se faça com acordes do Brasil inteiro. Assim, estes números registram que o noroeste do País exportou 154.640 quilos de lagostas para os Estados Unidos no ano passado, você sabia? Sabia que a exportação do manganês do Amapá, pela ICOMI, a continuar com a mesma intensidade, dentro de dez anos estarão esgotadas nossas reservas desse minério, imprescindível à manufatura do aço? De Minas, conta-nos Vivaldi que a Standrill aforou terreno perto de Belo Horizonte para fabricar sondas e perfuratrizes, coisa que ainda não se faz nas Américas, salvo nos Estados Unidos; Poços de Caldas terá usina de alumínio; Lanari Jr. trouxe do Japão um empréstimo de 100 milhões de dólares para a USIMINAS. Tancredo Neves vai emitir 6 bilhões em apólices para consolidar a pequena dívida pública local, e promete uma leizinha “de emergência fiscal” (a essa voz o pessoal todo já se escondeu nas lapas de Lagoa Santa, presumo eu), etc. Pode considerar-se em dia com as coisas mineiras, quem leia simplesmente Vivaldi.

Em vez de editorial, que o boletim não comporta, a opinião da casa se espalha um pouco por toda a parte. “As emissoras radiofônicas do interior podiam cooperar na alfabetização de adultos, pois prestariam muito melhor serviço do que irradiar tolices”. Segue-se a informação: “Se quiserem, é só se dirigirem ao Ministério de Educação e Cultura, Rio, solicitando os cursos já gravados.” Não é reclame; logo adiante: “Em vez de federalizar tantas escolas superiores, o que o governo federal devia fazer era ampliar sua campanha de alfabetização por todo o País. Que valem faculdades disto e daquilo em cidades do interior, se 51,6% da população continuam analfabetos?”

Vivaldi faz considerações construtivas, declara-se otimista sem passividade, acha que JK deve supervisionar todo santo dia seus imediatos, nos setores de operação mais ligados ao desenvolvimento; do contrário... Muitas coisas diz o homem, em poucas palavras, nestes “concerti con molti istromenti”; resta a esperança de que alguém o ouça, mesmo de longe, num “concerto com l’eco in lontano” (ANDRADE, 1958 *apud* MOREIRA, 1989, p. 15-16).

Em análise do livro *Personagens & situações*, 1986, em publicação da Imprensa Oficial de Minas Gerais, em apreciação numa orelha de *O círculo dos eleitos*, Carlos Drummond de Andrade volta a falar sobre Vivaldi Moreira: “Seu livro, na linha saborosa de reflexão e análise dos anteriores, deixa ressonâncias de leitura. Você é dos últimos escritores brasileiros que sabem escrever. Como é bom verificar isto, através dessas páginas que versam de *omni re scibili!*” (ANDRADE, 1986 *apud* MALARD, 2012, p. 36). A explicação vem em seguida:

A frase latina se traduz por “tudo que se possa” e foi tirada do título de uma obra do renascentista italiano Giovanni Picolo dela Mirandola (1463-1494), erudito, filósofo e mágico. Evocando Mirandola, Drummond aponta não só para a erudição de Vivaldi, mas também para o caráter mágico de sua escrita, recebendo esta o elogio de nosso insigne poeta (MALARD, 2012, p. 36-37).

Sobre a repercussão do jornal *Minas em Foco*, temos também a publicação no *Diário da Tarde*, do jornalista Moacyr Andrade, que no dia 25 de setembro de 1953 tece o seu parecer:

Não é fácil resumir grandes coisas, fatos, empreendimentos, para que eles sejam conhecidos e aparecidos, sem se desfigurarem. Neste particular, é que entra o talento do escritor Vivaldi Moreira: ele consegue condensar, numa página, a mais ampla informação, em linguagem boa e clara, o que torna o seu boletim agradável como leitura até para os espíritos mais exigentes e, ao mesmo tempo, acessível ao mais lerdo de entendimento. Estudos, sobre assuntos variados, ele reduz a pequenos artigos que, manipulados com inteligência, têm a mesma virtude dos “extratos- fluidos” da terapêutica (ANDRADE, 1953 *apud* MOREIRA, 2012, p. 93).

Após considerar a questão do tempo e espaço, já que o jornal ocupava menos área do que um lenço e poderia ser contemplado em três minutos de leitura, Moacyr Andrade diz que o leitor em pouco tempo estaria apto a dar opinião segura e esclarecida sobre as matérias escolhidas. O jornalista termina o texto exaltando o custo, que em dinheiro, não era nada:

Vivaldi Moreira envia gratuitamente “Minas em Foco” a quem quiser lê-lo. Receberá o leitor, pelo correio, o seu exemplar. A tiragem já está em trinta mil exemplares. É a única coisa que se dá de graça neste tempo. É a última criação de Vivaldi Moreira, homem das arábias, inventor de modas... (ANDRADE, 1953 *apud* MOREIRA, 2012, p. 93).

Diante do exposto, percebe-se a criação de um gênero de publicação original no país, que ultrapassou as fronteiras de Minas Gerais. O pensamento de Vivaldi Moreira torna-se tangível nesse projeto ao oferecer em poucas páginas, um trabalho de informação cujo conteúdo revela também o talento de síntese do escritor e o seu empenho no estudo de assuntos diversos.

1.4. Itatiaia: artes e vidas entrelaçadas

A partir de meados da década de 1950 até pouco depois de 1980, a Livraria Editora Itatiaia foi um importante ponto de encontro cultural, artístico e social de Belo Horizonte. Pertencia aos irmãos Edison e Pedro Paulo Moreira, apesar de muita gente achar que Vivaldi também era sócio. Nas palavras de seu filho Pedro Rogério Couto Moreira vem a explicação:

Não foi, era apenas o incentivador dos irmãos mais novos. Diariamente “marcava o ponto”, no fim da tarde, para ver os irmãos e confraternizar com seus amigos escritores, políticos, jornalistas, magistrados, empresários e socialites que também frequentavam a maior e mais bem sortida livraria da capital mineira e uma das maiores do Brasil, rivalizando até mesmo com as famosas livrarias de Buenos Aires (MOREIRA, 2012, p. 128).

Primeiramente, a Livraria Itatiaia foi instalada na galeria do Edifício Dantés, na avenida Amazonas. No final dos anos 50, transferiu-se para a tradicional rua da Bahia,

ocupando o número 916, onde funcionava o Bar Estrela, o segundo com este nome. De acordo com Pedro Rogério Couto Moreira (2012), “o primeiro foi um famoso reduto da boemia literária mineira, no quarteirão acima, cantada em prosa e verso por Drummond, Pedro Nava e outros mais. Já o segundo, não atraía os intelectuais e a boemia tradicional; era um pé sujo” (MOREIRA, 2012, p. 129). Esgotado o estoque de comidas e bebidas, Pedro Paulo o adquiriu e empreendeu o sonho de dotar Belo Horizonte de “uma senhora livraria” (IBIDEM, p. 129), para usar o termo da época. Sobre tal evento, Pedro Rogério narra:

Em 1960, a inauguração da imensa loja mereceu destaque de grande acontecimento. O arcebispo João de Resende Costa abençoou o novo lar da cultura, ao lado dos irmãos Edison e Vivaldi e sob o olhar atento de seu Pedro Moreira, o chefe do clã. Presenças ilustres: a do governador Bias Fortes, ao lado do orador Vivaldi, e do governador eleito Magalhães Pinto, entre Vivaldi e o pai Pedro Moreira. Tais presenças só mostram a importância da Itatiaia como terreno da convergência espiritual em Minas, pois ambos os políticos eram de partidos ferrenhamente adversários (PSD e UDN). Esse era o espírito de Vivaldi: a comunhão. A livraria funcionava também como uma filial da Academia Mineira de Letras, tal a presença diária de seus integrantes em torno do poeta Edison Moreira e do irmão mais velho, o ensaísta Vivaldi (MOREIRA, 2012, p. 129).

Em capítulo do mesmo livro: *Centenário de Vivaldi Moreira - Fortuna Biográfica*, Pedro Rogério comenta que os encontros aconteciam nos fundos da loja, ao lado da mesa de trabalho de Edison. Ambiente decorado com canapés e cadeiras de espaldar alto e “uma cadeira de balanço de palhinha, assento predileto de Milton Campos. Ao lado, Edison colocou um cinzeiro de pé, para atender ao tabagismo do eminente homem público” (IBIDEM, p. 129). Como balconista da loja, o filho jornalista cita alguns fregueses assíduos que ele lembra:

Mário Mendes Campos, Mário Matos, Alberto Deodato (sempre com a última anedota política na ponta da língua), Moacyr Andrade, João Etienne Filho, Aníbal Matos, os irmãos Fritz e José Bento Teixeira de Salles, Padre Orlando Vilela, José Cabral, José Nava, Geraldo Teixeira da Costa, o famoso jornalista Monzeca, Oilian José, Fernando Veloso, Ildeu Brandão, Washington Albino etc (MOREIRA, 2012, p. 129).

Em relação aos partidos rivais UDN e PSD, Pedro Rogério ainda conta que se encontravam no amor aos livros:

Paulo Pinheiro Chagas, o velho Benedito Valadares, José Maria Magalhães, Pedro Aleixo. A nova geração intelectual também comparecia, como Afonso Romano de Sant’Anna, Danilo Gomes, Fábio Lucas, Olavo Gabriel Diniz, Silviano Santiago, Mauro Santayana, Sebastião Nery, a turma do cinema... (MOREIRA, 2012, p. 129-130).

O compositor e advogado Rômulo Paes também sempre dava uma parada na Livraria, como muitos boêmios que subiam a rua da Bahia a caminho da Gruta Metrópole, da Lanchonete Nacional ou da Camponesa, para a cerveja ou o uísque de cada fim de tarde. Segundo Pedro Rogério, “havia também a turma dos pintores, pois Edison Moreira mantinha uma galeria de arte dentro da livraria. O grande mestre Genesco Murta assinava o ponto, como também Chanina, Estevão, Haroldo Matos...” (MOREIRA, 2012, p. 130).

De alma boêmia, o poeta Edison Moreira também atraía os músicos, como foi o caso do “musicista de primeira ordem Mozart Bicalho” (MOREIRA, 2012, p. 130), que apareceu uma vez com seu violão debaixo do braço. A culinária também sempre foi algo marcante na família Moreira, como ainda veremos no livro de memórias de Vivaldi e no trecho a seguir sobre a Livraria Itatiaia:

No amplo salão existente no mezanino, ao fundo, realizaram-se almoços pantagruélicos, como o oferecido pelos irmãos Moreira ao presidente Juscelino Kubitschek. O único prato servido: galinha ao molho pardo, com angu e couve rasgada. Dona Tita, a mãe dos Moreira, supervisionou o preparo da iguaria que deixava JK de água na boca. A sobremesa veio da casa de Vivaldi: arroz doce, com pitadas de canela e uma casquinha fininha de limão. Era um dos segredos culinários de dona Brante (MOREIRA, 2012, p. 130).

Nas tertúlias da Itatiaia falava-se livremente de qualquer assunto, mas o que prevalecia eram as conversas sobre política e letras. As gozações também eram comuns, sobretudo as que tinham os próprios amigos como personagens. Os chistes gozavam também os anfitriões dos saraus, como conta Pedro Rogério (2012), como aqueles cometidos por Moacyr Andrade:

- O Vivaldi criou a Academia Moreira de Letras! E para zombar de Pedro Paulo, a quem cabia a responsabilidade financeira que garantiu o sucesso da Itatiaia: - Vivaldi é a cultura; Edison, a ternura; Pedro Paulo, a usura (ANDRADE, *apud* MOREIRA, 2012, p. 132).

De acordo com Pedro Rogério, “Pedro Paulo era o primeiro a rir dos chistes do amigo e grande romancista editado por ele.” (MOREIRA, 2012, p. 132). No mezanino da loja, encontrava-se o escritório de Pedro Paulo, “ao lado de uma sala que abrigava nomes tutelares da difícil arte da tradução: Oscar Mendes, Milton Amado, Neil S. Ferreira, João Etienne Filho...” (MOREIRA, 2012, p. 133). É importante lembrar, que segundo Pedro Rogério, a esposa de Pedro Paulo, Leny de Andrade Moreira, emprestava ao marido enorme ajuda, como

chefe da revisão dos originais, já que “dominava vários idiomas estrangeiros e a língua portuguesa” (IBIDEM, p. 133).

Em meio às estantes da Itatiaia surgiram casamentos e desfizeram-se noivados. Lançamentos e tardes-noites de autógrafos se transformavam em verdadeiros acontecimentos na cidade, conforme Pedro Rogério Couto Moreira, que sobre o assunto acrescenta:

Jorge Amado, sempre que tinha romance novo, ia lançá-lo na Casa dos Moreira. Quando o livro era do poeta popular carioca J. G. de Araújo Jorge, colega de turma de Vivaldi na Faculdade de Direito do Catete, a fila de autógrafos, de moçoilas enamoradas, rivalizavam com a fila do filme de amor em exibição no Cine Metrópole na mesma rua da Bahia... (MOREIRA, 2012, p. 133).

Lançamentos de celebridades internacionais também aconteciam, como ocorre no ano de 1963:

A Itatiaia recebeu o célebre escritor chinês Lin Yutang, diversas vezes indicado ao Prêmio Nobel. Seu livro *Um jardim do bairro chinês* teve no Brasil o selo da Itatiaia, cuja editora era dirigida por Pedro Paulo. Ele era possuidor de um faro espetacular para descobrir no exterior novidades que fizeram sucesso no mundo. (MOREIRA, 2012, p. 133).

Nesta visita a Belo Horizonte, Lin Yutang foi acompanhado pela irmã dos Moreira que trabalhava na livraria: Ernestina, nome da avó, mas era chamada Neta:



Foto 1-Visita à Itatiaia. Em primeiro plano: Lin Yutang, Neta Moreira e Vivaldi. Ao fundo, à esquerda, o editor Pedro Paulo Moreira. (MOREIRA, 2012, p. 135).

Ao final do capítulo “Itatiaia, ponto da convergência espiritual”, Pedro Rogério apresenta quando foi o “grande lance editorial do caçula dos Moreira” (MOREIRA, 2012, p. 134). Trata-se do momento em que Pedro Paulo adquiriu os direitos para edição, em língua portuguesa, “do romance de um obscuro autor russo chamado Boris Pasternak.” (IBIDEM,

p. 134). Acontece que, dois anos depois, o romancista ganha o Nobel e seu livro se torna um enorme sucesso mundial: *Doutor Jivago*, que logo chega às telas dos cinemas. “O livro vendeu feito água.” (IBIDEM, p. 134).

Sobre a Livraria Itatiaia, uma passagem engraçada que revela uma característica do irmão e sócio Edison Moreira, seu jeito bastante peculiar de se relacionar com a clientela:

Uma mocinha pede ao gerente Mário Lúcio para embrulhar um exemplar de *Eu e você*, de um poeta francês, Paul Gerald, considerado água com açúcar. Edison intervém: - Não leve essa porcaria, minha filha; tome aqui este Ruben Dario... (MOREIRA, 2012, p. 133).

Anos depois, a Itatiaia mudaria para o prédio logo abaixo, Park Royal, ainda existente, porque tombado por representar a história viva de Belo Horizonte. “Ali a saudosa livraria terminou seus memoráveis dias de cultura e de convívio social ameno e democrático.” (MOREIRA, 2012, p. 134). Um inédito encontrado no arquivo de Vivaldi foi publicado no livro *Centenário de Vivaldi Moreira- Fortuna Biográfica*; trata-se do poema “Ode à Itatiaia”, do Gato Félix, pseudônimo que o romancista Moacyr Andrade usava em suas crônicas sobre a vida da cidade:

Ao entrar na Itatiaia,
Qualquer mau logo, num triz,
Vê que a maldade desmaia
- Que trindade tão feliz!

São bem calvos todos os três.
Cabelos, com inclemência,
Foram queimados com pez
De fêrvida inteligência.

Cada qual tem modo seu
De revelar o talento.
É Vivaldi o que mais leu,
Edison, poeta, é portanto.

Pedro Paulo, sem ser lírico,
Com tino de timoneiro,
Moderno, espaventa o empírico
Nos seus afãs de livreiro.

E lá vai a Itatiaia
Galhardamente para cima.
É de Minas atalaia
Das letras, em prosa ou rima.

A casa agasalha a todos
Com calor o mais humano,

Calor que cresta os apodos
Dos torpes ou dos insanos.

Invejas ou maus olhados
Fazem rir os três Moreiras,
Que se fizeram cruzados
Da cultura a mais mineira.

Bondade que não estiola
Tem neles anfitriões.
São filhos de Carangola
Ou são de “Três Corações?”

(MOREIRA, 2012, p. 136-137).



Park Royal, última sede da Livraria Itatiaia

Foto 2- Última sede da Livraria Itatiaia.
(MOREIRA, 2019, p. 122).

Dessa maneira, é possível compreender como a Livraria Editora Itatiaia foi também, apesar de um espaço informal, uma fonte de aprendizado e trocas interessantes. Por meio dela, Vivaldi Moreira além do seu amor pelos livros, partilhou experiências com políticos, advogados, jornalistas, intelectuais, pintores, músicos e outros. Prova de que a convivência social era uma prática importante, para fruir em comunhão, de assuntos que tanto lhe interessavam, sobretudo, a literatura.

1.5. AML: às palavras, dedicação; ao sonho, realização

A repercussão sobre a nova sede da Academia Mineira de Letras foi grande na imprensa e revela o reconhecimento da luta de Vivaldi Moreira na realização de um sonho. Veremos a seguir algumas publicações que confirmam o empenho do escritor. Em uma conferência no Rotary Clube em 2001, Raul Machado Horta pronuncia:

(...) A Academia Mineira de Letras transformou-se na preocupação absorvente nos últimos vinte e cinco anos da existência de Vivaldi. No discurso de posse da presidência, sucedendo a Cândido Martins de Oliveira, inscreveu no seu programa de realizações objetivo generoso, enunciado com firmeza e determinação nas seguintes palavras: “Não me conformarei com esta honraria enquanto não der a esta Casa uma sede ao rés-do chão”. Propósito que pontualmente cumpriu nas etapas da doação, em comodato, no Governo Hélio Garcia, e, posteriormente, da doação definitiva à Academia do Palacete Borges da Costa, da rua da Bahia n. 1466, no Governo Newton Cardoso, a que se seguiu a construção do belo edifício anexo, projeto do arquiteto Gustavo Pena, no terreno contíguo ao prédio, mediante auxílio substancial da Fundação Cultural Banco do Brasil, no período da Presidência Itamar Franco (HORTA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 202).

Em matéria ao jornal *Estado de Minas*, em 13 de janeiro de 1984, Edgar de Vasconcelos recorda uma série de considerações do atual presidente Vivaldi Moreira a respeito da grave situação financeira que a Academia Mineira de Letras enfrentava, no momento. Não obstante ao fato, o jornalista considera com que sabedoria, modéstia e discrição ela procura realizar o seu programa de expansão cultural de orientação intelectual às novas gerações seja dentro ou fora das universidades. A intenção era mobilizar o Poder Público, que segundo Edgar, não poderia ficar indiferente à crise da Academia Mineira de Letras, precisando do apelo do presidente a fim de evitar o fechamento de suas portas. Sobre o escritor, ele ressalta:

(...) Por outro lado, justo é reconhecer o esforço hercúleo que o escritor Vivaldi Moreira vem realizando ali, no sentido de manter, com dignidade, os altos padrões da vida intelectual de nosso Estado e do nosso País. Nisso, ele está se desdobrando numa série de iniciativas, com o objetivo de criar recursos capazes de dar sustentação à vida da Academia, de modo que ela possa continuar dando às letras brasileiras o fruto daqueles que pensam e escrevem a respeito do nosso meio e do nosso tempo. Mas uma das condições para que a produção intelectual de uma academia possa alcançar altos níveis está justamente nisto, isto é, na sua tranquilidade financeira, em face dos compromissos que sobre ela costumam cair em todos os tempos (VASCONCELOS, 1984 *apud* MOREIRA, 2012, p. 204-205).

Em 6 de abril de 1994, Katia Lage escreve para o jornal *Hoje em dia*, com o título “E o sonho se concretizou”, dando mais detalhes sobre a longa história da aquisição da sede da Academia Mineira de Letras:

(...) Até 1987, ela funcionava no 6º andar da rua Carijós 150, endereço com o qual jamais se conformou Vivaldi Moreira. Ele andava “namorando” os prédios que seriam dignos da Academia. Namorou por muito tempo o prédio do Tribunal de

Justiça, na Avenida Afonso Pena. Chegou a pedi-lo ao então acadêmico Tancredo Neves, que prometeu conseguir, mas morreu antes de concretizar o pedido de Vivaldi. Ele também caiu de amores pelo prédio da Secretaria de Agricultura, perto da Rodoviária de BH, e ficou em cima do governador Hélio Garcia, que estava em seu primeiro mandato como governador (LAGE, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 205-206).

Na mesma matéria, Vivaldi relembra que quando o governador veio a uma solenidade na Academia, ele insistiu no prédio da Secretaria de Agricultura e Hélio Garcia disse que aquele ele não dava, mas que já havia arrumado outro: “Lá eu não dou, porque vocês já são velhinhos e lá tem muito trombadinha e muito *trottoir*. Mas já tenho um lugar para vocês: o Palacete dos Borges da Costa, na rua da Bahia. Lá é que os velhinhos devem ficar” (MOREIRA, 2012, p. 206).

O governador, então, no mesmo ano, não só doou o casarão antigo, como deu também o lote ao lado. Vivaldi, enquanto arranjava recursos para estruturar o palacete, começou a sonhar com o prédio novo. Chegou a pedir ajuda financeira ao então presidente da República José Sarney. Recebeu 10 dos 20 milhões de cruzeiros solicitados. E muito agradeceu a Sarney. O destino do dinheiro é explícito na seguinte passagem:

Com o dinheiro vindo de Brasília, Vivaldi Moreira restaurou todo o casarão e ainda comprou seis tapetes persas, louça inglesa para a mesa de jantar, cristais da Boêmia e talheres de prata, para as ocasiões elegantes. O mobiliário e os lustres do casarão foram doados diretamente pela família Borges da Costa à Academia, por escritura particular. E, da verba destinada pelo presidente Sarney, ainda sobraram quatro milhões de cruzeiros, que foram depositados em poupança. (MOREIRA, 2012, p. 205-206).

O que não se esperava é que a poupança da Academia fosse confiscada, como aconteceu no Governo Collor. Com isso, após entrar na Justiça, Vivaldi esperou longos 18 meses para reaver o dinheiro. Assim que o dinheiro chegou às suas mãos, ele aplicou na construção do prédio ao lado.

No *Diário do Comércio*, em 5 de maio de 1986, José Lopes faz o seguinte comentário sobre a desapropriação do casarão Borges da Costa para a futura sede da Academia Mineira de Letras: “O governador Hélio Garcia transformou o seu presidente, Vivaldi Moreira, no homem mais feliz do planeta” (LOPES, 1986, *apud* MOREIRA, 2012, p. 207). Segundo o jornalista, Garcia disse que Vivaldi lembrou-lhe que foi preciso um governador que não tem livro para que o velho sonho da entidade se concretizasse. Em relação à nova sede, o jornalista ainda informa:

O arquiteto responsável pela obra de adaptação já foi escolhido, Gustavo Araújo Pena, que teve um avô imortal, o escritor José Oswaldo de Araújo. Boa parte do imobiliário da mansão será mantido, e no núcleo central ficarão a biblioteca e os escritórios. No terreno ao lado, também desapropriado, se erguerá o auditório com capacidade para 400 pessoas e um estacionamento anexo (LOPES, 1986 *apud* MOREIRA, 2012, p. 208).

A publicação de Gilberto Amaral, no *Correio Braziliense*, em 13 de março de 1988, reafirma o compromisso de Vivaldi que, “se a Academia Mineira de Letras viesse a ocupar um local condigno como sede, ele doaria sua preciosa biblioteca para a entidade” (AMARAL, 1988 *apud* MOREIRA, 2012, p. 208). Nessa matéria, é possível saber mais sobre esse acontecimento:

Praticamente concluídos os trabalhos de restauração e reparos no Solar “Borges da Costa”, o presidente da Academia Mineira de Letras, escritor Vivaldi Moreira, já começou a transportar para a nova sede, localizando-a na parte de baixo do casarão, sua biblioteca particular, de mais de vinte mil volumes, doação que ele fez, com o consentimento e aplausos da família, à casa maior de cultura mineira. (...) Essa livraria é produto de quase sessenta anos de aquisição dos livros que ajudaram sua formação humana, hoje respeitado em todo Brasil. São volumes de Literatura, Filosofia, Religião, História, Ciências em geral, nos vários ramos do saber, até de medicina, de que é cultor apaixonado. Essa doação, pelo montante do acervo e valor, é das mais importantes já havidas no País. Ficarà a biblioteca de Vivaldi, de agora em diante, aberta à consulta especializada, servindo seus livros, reunidos numa existência consagrada às Letras, a pesquisa dos estudiosos, pois resguarda para a posteridade uma coleção preciosa, cheia de raridades bibliográficas, com volumes impressos até no século XVII. É um belo exemplo de dedicação (AMARAL, 1988 *apud* MOREIRA, 2012, p. 208-209).

No *Diário da Tarde*, em 4 de abril de 1988, Anna Marina fala do reconhecimento de Vivaldi Moreira por seus pares:

Pela reforma, e como homenagem especial, Vivaldi Moreira foi eleito presidente perpétuo da Academia Mineira de Letras, sem prejuízo para a eleição dos outros cargos. Os imortais mineiros não fizeram mais do que reconhecer o trabalho sem tamanho que Vivaldi vem desenvolvendo. Ele simplesmente “montou barraca” no Palacete Borges da Costa e administrou toda a restauração do imóvel, que está sendo feita de forma impecável, com supervisão técnica do IEPHA (MARINA, 1988 *apud* MOREIRA, 2012, p. 209).

Sobre a inauguração da sede própria da Academia Mineira de Letras temos em setembro de 1988, a seguinte publicação no *Estado de Minas*:

Num discurso apaixonado, o presidente Vivaldi Moreira, reeleito desde 1975 e eleito este ano presidente perpétuo, disse que teve sempre como sentido de vida “um amor entranhado à literatura, à arte literária, ao pensamento”, e que se apegou a este sentido, “não como deleite, mas como princípio de vida, de compreensão dos homens, de entendimento e de aproximação do próximo” (MOREIRA, 2012, p. 210).

Com o título “A festança na Academia”, Paulo César de Oliveira também escreve para o jornal *Estado de Minas*, em 18 de setembro de 1988, fornecendo mais informações a respeito do evento:

Foi de “arromba”, como se dizia na Fazenda do Tanque, cenário do “Menino da Mata” - a festa de inauguração da nova sede da Academia Mineira de Letras, sob a batuta dinâmica e incansável do presidente Vivaldi Moreira. Mais de duzentas pessoas foram ao antigo Palacete Borges da Costa, na rua da Bahia, para assistir à missa solene, concelebrada pelos acadêmicos D. João Resende Costa e D. Oscar de Oliveira - e depois sorver o “Cafezão”, assinado por Titina Castro Silva, onde a extensa mesa apresentava as mais finas quitandas da cozinha mineira, e os convivas se fartaram. Depois, como era de costume na Fazenda do Tanque, do pai do presidente Vivaldi Moreira, levaram embrulhos como lembrança. Foi uma festa inesquecível para quem teve ideia de lá ir, pois não houve convites formais. As mais gratas presenças do mundo intelectual, empresarial, político e social ali estavam para levar os parabéns ao inquieto realizador que é Vivaldi Moreira (OLIVEIRA, 1988 *apud* MOREIRA, 2012, p. 212).

A obra administrativa de Vivaldi Moreira também repercute na Academia Brasileira de Letras e tem o seu registro no *Almanaque*, na Sessão da ABL, em 11 de julho de 1991:

O Sr. Oscar Dias Corrêa - Sr. Presidente: venho de breve viagem a Minas Gerais e, de passagem por Belo Horizonte, visitei a Academia Mineira de Letras, que rejuvenesce nos seus mais de oitenta anos, sob a direção superior de Vivaldi Moreira. Realiza o presidente obra de ampliação da sede, que conseguiu, com esforço ingente e dedicação desvelada, do Governo do Estado, em afã só comparável – guardadas as proporções- ao com que V.Exa. ergue no momento no Solar da Baronesa, abrigo próximo da maior “Brasileira” do mundo. Não precisa falar da Casa de Alphonsus de Guimaraens: basta enuncie o nome do patrono imortal para se lhe conheça, respeite e admire a grandeza; como bastaria dissesse que a integram, nesta Casa, Abgar Renault e Cyro dos Anjos para assinalar-lhe a grandeza e o relevo nas letras nacionais (CORRÊA, 1991 *apud* MOREIRA, 2012, p. 215).

A Sessão na Academia Brasileira de Letras ainda traz considerações sobre o último livro de Vivaldi Moreira, *Glossário das Gerais*, no qual reúne escritos de várias épocas e lembra figuras como Milton Campos, Eduardo Frieiro, Francisco Campos, Vitor Nunes Leal, João Camilo de Oliveira Torres, Alphonsus de Guimaraes, Emílio Moura e outros. Algumas características do escritor são ressaltadas: “estilo vivo e correntio, a lucidez da avaliação, a permanente preocupação com os valores morais e culturais, tudo na visão do humanista e do erudito, do leitor infatigável de tudo, do crítico arguto e do homem abrangente do mundo.” (CORRÊA, 1991 *apud* MOREIRA, 2012, p. 216). E o escritor Oscar Dias Corrêa termina assim:

Honra-me, pois, Sr. Presidente, nestas breves palavras, deixar consignado o louvor da obra administrativa de Vivaldi Moreira na Academia Mineira de Letras e o impulso que vem imprimindo à cultura mineira; ao mesmo tempo em que saúdo o *Glossário das Gerais*, canto perene da terra e da gente, na admirável obra literária

que vem tecendo com mão de mestre e que o credencia como nobre expressão da nossa literatura.” (CORRÊA, 1991 *apud* MOREIRA, 2012, p. 216).

Na publicação intitulada “Amor a tudo”, Katia Lage escreve para o jornal *Hoje em dia*, em 6 de abril de 1994, dizendo que o intelectual Vivaldi Moreira era uma lição de vida. “Vestido com a bandeira da Academia Mineira de Letras (...), conseguiu uma casa-sede (das mais bonitas), e agora, a duras penas, conseguiu terminar o auditório anexo ao Palacete.” (LAGE, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 217). Incansável, segundo ela, o escritor quis mais: “decorar a casa como convém a uma casa de intelectuais e promover reuniões, trazendo pessoas representativas que possam discutir assuntos de interesse de Minas e do Brasil.” (IBIDEM, p. 217). Na observação do novo e do velho parecendo orquestrados não apenas nas curvas dos dois prédios, mas em toda a simbologia da Academia Mineira de Letras, a jornalista recebe a seguinte explicação de Vivaldi:

- Compondo seu brasão, tem por divisa a Academia Mineira de Letras um dístico em latim: “*Scribendi nullus finis*”, que significa: o escrever nunca tem fim, isto é, escrever ininterruptamente. Cada geração tem sua mensagem a transmitir, através da escrita. Eis a tarefa primordial das Academias. E a Mineira tem por objetivo seguir pontualmente, à risca, essa tarefa. Estão os acadêmicos preocupados com o ato de escrever, cada qual em seu setor, a fim de dar o testemunho de uma vida, de uma vocação, de uma carreira - afirma Vivaldi Moreira, orgulhosos de seu feito. (MOREIRA, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 217).

Manoel Hygino dos Santos, em 8 de abril de 1994, escreve sobre Vivaldi no jornal *Hoje em dia*, constatando que criador e criatura não vivem dissociados ao se referir ao Palacete Borges da Costa e o sentir a presença de Vivaldi Moreira nas ideias e irrestrita dedicação. Tece também uma reflexão a respeito das academias:

Minas se enriquece com a obra concluída pelo presidente do importante grêmio, que teve a ousadia de erguer um prédio, junto ao Palacete Borges, da grandeza que Gustavo Penna projetou. Demonstrou, com sua decisão e esforço de muitos anos, que entidades como as academias não são abrigo senil, nem meros pontos de reuniões fúteis e distanciadas dos duros problemas da coletividade. Muda-se, assim, um tanto do preconceito que gira em torno dessas entidades e dos homens que a compõem, velhos que não produzem mais literariamente, lazer e ócio para antigos capitães de muitas atividades, que para lá se deslocam para curtir a doce vida que lhe asseguram os anos de labor encerrados (SANTOS, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 219-220).

Logo após, o comentário que conclui a sua matéria no jornal:

A importância da AML na vida intelectual e artística mineira cresceu grandemente desde a ascensão de Vivaldi à sua presidência, e é justo, necessário e oportuno ressaltar. Veteranos de guerra no campo das letras encontram, desde recentemente, o oportuno ensejo de expor pensamentos e traçar planos, que estes não fenecem com o correr dos anos; pelo contrário, ganham força e consistência, que só a experiência

propicia. Em Minas Gerais, como demonstrado, ainda se pratica o bom jogo das artes e do espírito (SANTOS, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 220).

No texto “Todo o esforço de Vivaldi Moreira”, Déa Januzzi escreve para o *Estado de Minas*, em 25 de maio de 1994, que a Academia Mineira de Letras não seria a mesma sem Vivaldi Moreira, depois da mudança dos estatutos em 1988. Ele ocupou a cadeira n.º 38, cuja patrona é Beatriz Brandão, e que foi fundada por seu sobrinho-neto, Paulo Emílio Brandão. Vivaldi foi eleito em 1959 para ocupar a vaga do poeta Honório Armond, que faleceu em 1958. Em seguida, a jornalista relata:

Logo que entrou, foi eleito 1º secretário e depois vice-presidente. E em 1975 eleito presidente para o biênio 75/76. Nunca mais deixou a presidência e teve vices famosos, como Paulo Pinheiro Chagas, Oscar Mendes e Hilton Rocha. A Academia Mineira de Letras muitas vezes sobreviveu graças aos seus “parcos vencimentos como auditor do Tribunal de Contas e depois dos meus proventos de aposentado”, ele conta. Até hoje Vivaldi Moreira cuida da Academia como se fosse o seu lar (JANUZZI, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 221).

Na mesma matéria obtemos a informação de que os 20 mil volumes da biblioteca particular de Vivaldi Moreira doados para a Academia se juntaram a um acervo de 60 mil volumes, que inclui parte da biblioteca de Milton Campos e oito mil volumes da coleção de Eduardo Frieiro, adquiridos pelo então governador Francelino Pereira. Déa Januzzi destaca também o saber exercitado diariamente por Vivaldi na prática da leitura:

Ele tem uma “leitora”, a secretária Marília, que todo santo dia se dirige à sua casa, pra ler, durante quatro horas seguidas, romances, ensaios, história e filosofia. (...) Todos os dias Vivaldi e Marília encontram palavras novas. Ontem, por exemplo, eles foram surpreendidos com duas palavras completamente desconhecidas no livro “O Poder e a Glória”, de Graham Greene: “bútio” e “encóspia”. E não encontraram o significado nem no Aurélio. Só souberam que “bútio” é urubu e ave de rapina ou que “encóspia” significa fôrma para abrir sapato ao consultarem um dicionário de Português castiço (JANUZZI, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 222).

A passagem abaixo ainda ratifica como “o trabalho de Vivaldi Moreira à frente da Academia Mineira de Letras é imortal” (JANUZZI, 1994, *apud* MOREIRA, 2012, p. 222). Déa Januzzi pontua a dedicação do escritor por meio desta definição elaborada pelo memorialista:

- A Academia é instituição acima das paixões, dos atropelos, dos ódios, das cóleras, das preferências. Ela visa ao eterno e por isso se diz que a transitoriedade nos julgamentos é matéria falível. O registro sereno dos fatos, a alta reflexão, isenta de impureza, e o sentimento estético decantado são o fim para onde se orienta. Por isso a Academia é tão infensa às modas, símbolo da transitoriedade e das emoções momentâneas, como equidistante de grupos, sejam esses de natureza política ou literária (JANUZZI, 1994 *apud* MOREIRA, 2012, p. 222).

Nos últimos 25 anos da existência de Vivaldi Moreira, a Academia Mineira de Letras, de fato, foi uma preocupação que absorveu suas energias em prol de uma realização que uniu o antigo ao novo. A doação do Palacete Borges da Costa e a construção do auditório anexo foram celebrados com entusiasmo por quem lutou por uma sede própria ao *rés-do-chão* e considerava a Academia um órgão de prestígio no Estado e fora dele, “um território neutro, onde homens eminentes de nosso Estado se encontrem para um dedo de prosa e talvez matriz de soluções futuras.” (MOREIRA, 1986, p. 279). Cumpriu, pois, o seu propósito de erigir a Academia numa espécie de “Senado Mineiro” (IBIDEM, p. 279), como também disse em seu livro *Memorial a Destempo*.

1.5.1. Curiosidades acadêmicas

Dentre tantos acontecimentos na vida acadêmica, vale ressaltar três grandes momentos na Academia Mineira de Letras. O primeiro trata-se do “mais concorrido pleito na história da Academia” (MOREIRA, 2012, p. 101), conforme diz Pedro Rogério Couto Moreira, ao se referir à eleição para a cadeira 26, em que concorriam Henriqueta Lisboa e Edison Moreira, irmão de Vivaldi. A campanha teve ampla cobertura dos jornais e Henriqueta Lisboa foi eleita, com 18 votos, “e merecendo assim, a glória de ser a primeira mulher a ingressar na Casa de Alphonsus.” (IBIDEM, p. 101). Edison Moreira obteve 17 votos, mostrando como a eleição foi disputada. Dois anos depois, ele também ingressaria na Academia, sucedendo ao também poeta Wellington Brandão na cadeira número 8. Vivaldi Moreira, nas exéquias de Henriqueta Lisboa, no dia 10 de outubro de 1985, profere a oração de despedida à beira do esquife:

Durante a vida, querida Henriqueta, você não fez senão aspergir os fluidos mais benfazejos que o Senhor destinou fossem prodigalizados pelos eleitos. Criou beleza. Só beleza sua alma bem-aventurada nos doou. Maravilhoso destino de Ariel, agora só nos resta ouvir e proclamar o estro que seu primoroso espírito nos deixa numa obra de extrema sensibilidade, inspirada na mais profunda emoção. Sente-se órfã a Academia, para quem você era a Madrinha Lua, a nossa peregrina estrela de quem nós nos orgulhamos (MOREIRA, 1985 *apud* MOREIRA, 2012, p. 101).

Outro momento de grandeza diz respeito à condução dos pleitos acadêmicos por parte de Vivaldi Moreira. Sobre a eleição do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira para a Academia Mineira de Letras, Pedro Rogério Couto Moreira (2012) afirma: “Vivaldi foi, além do condutor, o baluarte, o que ergueu as barricadas para enfrentar o arbítrio que se desenhava,

às ocultas, para barrar a legítima pretensão acadêmica do autor de *Meu caminho para Brasília e Por que construí Brasília?*” (MOREIRA, 2012, p. 150).

Vencido o prazo de dez anos do decreto que cassara o seu mandato de senador, em 1964, Juscelino imaginara que recuperaria seus direitos políticos e poderia até aventurar-se numa eleição para o Congresso. No entanto, os militares afirmaram que a vida política não lhe seria facultada. Com isso, os amigos ficaram preocupados com a saúde dele, sempre muito alegre e “que ficou conhecido pelo seu sorriso contagiante (...). Era necessário um refrigério na alma do querido brasileiro de Diamantina, o mais amado dos nossos presidentes” (MOREIRA, 2012, p. 150). Foi nessa circunstância que dois desses amigos tiveram a ideia de lançar o nome de Juscelino para a Academia. Pedro Aleixo, o ex-parlamentar e ex-vice-presidente da República, “compadre de JK e seu antigo opositor na cena política” (MOREIRA, 2012, p. 152) e o escritor Moacyr Andrade, ambos da Academia Mineira de Letras. Vivaldi Moreira, que já então presidia o grêmio, agiu a favor de Juscelino. Sobre a relação do ex-presidente e o escritor Vivaldi, Pedro Rogério Couto Moreira relata:

Juscelino sabia quem era Vivaldi desde a década de 40, quando o jovem jornalista secretariava a *Revista da Associação Comercial* e editava o *Anuário Comercial e Industrial de Minas*. JK era o nosso prefeito inovador. Tiveram um encontro fortuito em novembro de 1943, no Hospital São Lucas, onde nasceram Márcia, a filha do sorridente Prefeito, e José Maria, o primogênito de Vivaldi. Desejaram-se boa sorte e um destino de felicidade para os filhos, como o escritor registrou em seu diário. Tiveram posteriormente outros brevíssimos encontros, em ocasiões de cunho social ou cultural, JK como deputado federal e Vivaldi, no Governo de seu amigo e líder moral Milton Campos, chefe de gabinete do Secretário de Finanças, Magalhães Pinto. Vivaldi então já construíra nome entre a intelectualidade mineira e sobretudo na imprensa. (...) Todavia, jamais o jornalista e o político haviam entretido uma conversação de fundo. Nem mesmo quando, em 1957, o presidente JK, acolhendo proposta do ministro da Educação, Clóvis Salgado, nomeia Vivaldi para diretor do Instituto Nacional do Livro, e, no dia seguinte, não querendo contrariar o protesto da feroz jornalista Adalgisa Nery, que via no ato a chegada à ribalta de “um obscuro escritor provinciano”, torna sem efeito a nomeação (MOREIRA, 2012, p. 153).

Apesar desse acontecimento, “Vivaldi como Juscelino não tinha a palavra rancor no seu dicionário de vida” (MOREIRA, 2012, p. 153), segundo Pedro Rogério. Os dois travaram, pela primeira vez, uma conversação prolongada, em fevereiro de 1974, dias após o falecimento do acadêmico Nilo Aparecida Pinto. O encontro aconteceu na chácara de Nascimento Nunes Leal, no município de Esmeraldas. Ali, “foi o começo de uma bem fundada amizade entre Juscelino e Vivaldi, nascida da maturidade, o ex-presidente da República contando 72 anos e o escritor, e então conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, 61” (MOREIRA, 2012, p. 155).

A sucessão do poeta Nilo Aparecida, conhecido de Juscelino pela sua obra poética e também por assessorá-lo como governador e também no Palácio do Catete, foi a oportunidade de desagrar JK publicamente das perseguições militares e conferir-lhe um título para o qual ele tinha todo o merecimento. Conforme escreve Pedro Rogério Couto Moreira (2012), assim ocorreu: “Vivaldi meteu mãos à obra, sabendo dos riscos que corria. Vivíamos tempos perigosos, em que até um pleito acadêmico poderia ser reprochado de subversivo.” (MOREIRA, 2012, p. 155). A campanha eleitoral na Academia produz rumor, incomoda o Governo e tentam amedrontar o presidente Vivaldi Moreira, que recordando tal acontecimento numa página de diário escrita vinte anos depois, escreve:

Daí até a eleição, se desenrolaria, não a batalha de JK, mas a minha, para desfazer a má vontade do sistema militar contra seu ingresso na Academia. Os episódios aqui descritos mostram bem vivos a má vontade reinante ainda em certa parcela de contemporâneos contra o excelso brasileiro que foi Juscelino Kubitschek de Oliveira. Até o dia em que fui diretamente à agência do SNI em Belo Horizonte para desfazer intrigas, envolvendo-me e à Academia como conspiradores para enfrentar o regime militar. Pude dizer, com todas as letras, ao general responsável pelo SNI: Tudo que há por aí não passa de sórdido mexerico. Enredo e cilada de invejosos contra o grande mineiro, um invulgar brasileiro que empurrou este país para o futuro (MOREIRA, 2012, p. 156).

Vivaldi continua a escrita, apontando a decisão a ser tomada:

Nós temos uma dívida para com ele. E Minas quer começar a resgatá-la, elegendo um intelectual para a Academia, instituição que acolhe, desde 1910, os mais ilustres representantes do nosso pensamento, sejam eles políticos ou só escritores. Juscelino é também um escritor e um orador fulgurante. Não há nenhum confronto, general. Vamos elegê-lo, a menos que haja outro ato de violência e que mandem fechar as portas da Academia (MOREIRA, 2012, p. 156-157).

Ao transpor “todos os obstáculos que surgiram naqueles tempos sombrios” (MOREIRA, 2012, p. 157), Vivaldi pôde realizar o pleito acadêmico para a cadeira 34 e Juscelino foi eleito por unanimidade, no dia 20 de junho de 1974. No ano seguinte, a 3 de maio de 1975, Juscelino é recebido na Academia, mas no amplo auditório da Associação Médica de Minas Gerais, já que a sede da rua Carijós ficaria pequena para acolher tantas pessoas que gostariam de testemunhar a vitória de JK e a glória da Academia. Acadêmico desde 1970, o cardeal Carlos Carmelo Motta foi escolhido por Juscelino para fazer-lhe a saudação acadêmica.

Abaixo, Vivaldi Moreira ao lado de Juscelino Kubitschek, ambos satisfeitos com o encontro na Academia Mineira de Letras:



Foto 3- A eleição de JK comunicada por Vivaldi.
(MOREIRA, 2012, p. 151).

O discurso de Vivaldi Moreira celebrando a eleição de Juscelino Kubitschek de Oliveira revela a atenção dos participantes e a alegria do ex-presidente da República, que estampa um grande sorriso no rosto.



Foto 4- À esquerda, Vivaldi Moreira, ao meio, o poeta Tote (Antônio Avelar) e à direita, Juscelino.
(MOREIRA, 2012, p. 156).

O terceiro grande momento da Academia Mineira de Letras e, na verdade, também tríplice comemoração aconteceu no dia 28 de setembro de 1996: a inauguração da placa do Auditório, a comemoração dos 84 anos de Vivaldi Moreira e o lançamento de *Viagens*, mais um livro do escritor. Sobre os eventos, Pedro Rogério Couto Moreira (2012) discorre:

Por decisão unânime dos confrades, em mais um reconhecimento ao incansável labor de seu presidente perpétuo, o Auditório recebeu o nome de Vivaldi Moreira. Coube à dona Brante Couto Moreira, companheira de vida inteira do homenageado,

descerrar a placa de inauguração. Diversas personalidades mineiras de todos os setores prestigiaram os inesquecíveis eventos dessa noite, como o senador José de Alencar, incentivador do trabalho de Vivaldi e admirador da Academia, e, sendo homem ligado às lides empresariais, sempre reconheceu na cultura um dos pilares do progresso do País (MOREIRA, 2012, p. 231).

Sem dúvida, três motivos especiais para festejar. A vida, o lançamento de outro livro, uma vez que a leitura e a escrita moviam o escritor, assim como a realização de mais um sonho: a conclusão das obras do auditório anexo à Academia Mineira de Letras.

A seguir temos o momento em que a placa do Auditório Vivaldi Moreira é descerrada pela sua esposa Brante, na presença do senador José de Alencar, sorridente com a homenagem ao escritor, que também celebra uma nova história da Academia Mineira de Letras. Ampliando o espaço desse lugar tão estimado por ele, Vivaldi colhe mais uma vez os frutos de sua persistência e dedicação:



Foto 5- À esquerda, o senador José de Alencar, Vivaldi Moreira e sua esposa, Brante, descerrando a placa de inauguração. (MOREIRA, 2012, p. 231).

Abaixo seguem duas fotos registradas em setembro de 2022, na Academia Mineira de Letras, onde verifico a placa do Auditório e também o pensamento do escritor Vivaldi Moreira sobre a instituição “acima das paixões, dos atropelos, dos ódios, das cóleras, das preferências” (MOREIRA, 2012, p. 101).



Foto 6 - Auditório Vivaldi Moreira.
(arquivo pessoal, setembro de 2022).

O pensamento de Vivaldi Moreira é registrado junto com a sua assinatura em uma parede da Academia Mineira de Letras, próxima ao Auditório que recebeu o seu nome:

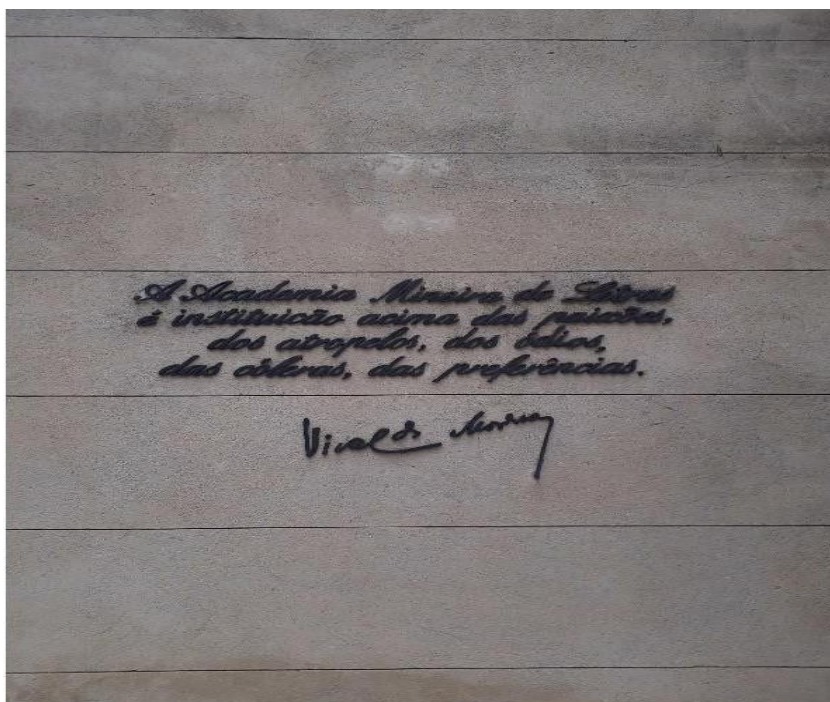


Foto 7 - Pensamento de Vivaldi Moreira sobre a Academia.
(Arquivo pessoal, setembro de 2022).

Constata-se que o labor físico e intelectual dispensado à Academia Mineira de Letras diz muito sobre o propósito de Vivaldi Moreira ao consagrar a sua vida aos livros, às ideias, à

escrita, enfim, ao universo das letras. Fez desse espaço, a extensão do seu lar, onde procurou agregar personalidades, em uma visão humanista, que assegurasse a boa convivência e a disseminação dos saberes.

1.6. A despedida

Vivaldi Moreira faleceu em casa, na manhã do dia 26 de janeiro de 2001, aos 88 anos. Enfrentou um câncer e até o aparecimento da doença escrevia o artigo semanal para o *Diário da Tarde* diretamente no computador. Acamado, fazia-o manuscrito. Parou de uma hora para outra. Só teve ânimo para ainda presidir, na sede da Academia, a posse de Aloísio Garcia. Em sua casa, fez as posses de Fábio Doyle e João Bosco Murta Lages. Ele projetava presidir a eleição de Antenor Pimenta, ficcionista mineiro que “está dando um alento ao romance brasileiro” (MOREIRA, 2012, p. 242), mas a tarefa ficaria para o seu sucessor, segundo Pedro Rogério Couto Moreira (2012), que relembra os últimos momentos do pai:

Permaneceu no quarto de que tanto gostava, com dona Brante, a irmã Stella, os filhos, netos, a secretária Marília, a amiga Leila Sodré e o enfermeiro Werley a lhe velarem a letargia. Sua cama estava de frente para o retrato que mandou emoldurar, no começo de janeiro, de Teresa de Jesus, a escritora de Ávila, uma de suas convictas admirações intelectuais. Ela, a santa que dizia haver imensas alegrias nas pequenas coisas do mundo como ver o meu Pai chupando uma lima ou dando corda no oito da sala de jantar. O velho relógio, se estivesse funcionando na sexta-feira, 26 de janeiro de 2001, estaria marcando 10h55 quando Frei Aurélio chegou com a extrema-unção. Vivaldi dormiu profundamente. E nós ficamos acordados dele para sempre (MOREIRA, 2012, p. 244).

Em nota oficial do Governador do Estado, Itamar Franco lamenta a morte de Vivaldi Moreira:

Minas e os mineiros lamentamos a partida do intelectual Vivaldi Moreira que, como poucos, soube vivenciar e exprimir as virtudes maiores do modo de ser da gente montanhesa. (...) Escritor e homem público devotado às grandes causas, Vivaldi Moreira foi partícipe de momentos altos da história e observador privilegiado do seu tempo, ao fixá-lo, em flagrantes irretocáveis, na fortuna de suas crônicas e memórias. Pude acompanhar, sobretudo como Presidente da República, seu empenho na implantação da sede da Academia e testemunhar a dedicação com que alcançou as metas traçadas. Ele valorizou a instituição e enriqueceu o acervo da casa com a doação de notável biblioteca. Ali sempre estará o vulto tutelar do autor e mestre. (FRANCO, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 247).

No texto intitulado “Nas exéquias”, o Vice-Presidente da Academia Mineira de Letras e amigo de Vivaldi, Murilo Badaró, agrega à notável obra literária do escritor a sua doação à Academia Mineira de Letras, “a que entregou os melhores dias de sua vida, até vê-la dotada de uma sede condigna e à altura de seu vasto patrimônio intelectual e moral.” (BADARÓ, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 250). Retomando a sentença de Vivaldi de que “a inteligência e o trabalho dirigem a humanidade” (IBIDEM, p. 250), Murilo Badaró diz que Minas sem o escritor fica menor, pois “acabamos de perder uma mente poderosa, capaz das mais altas reflexões e das elaborações mais sofisticadas do espírito.” (BADARÓ, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 251). Sobre o labor do intelectual e a afeição devotada ao confrade, ele destaca:

Trabalhar foi o seu destino, na infatigável faina da elaboração intelectual, tudo elevado aos píncaros da inteligência, da dignidade, da operosidade e da honradez. Sei que apreciava muito a parêmia de que a honra é a única palavra cujo singular e o plural jamais estão de acordo. É mais importante viver com honra do que viver com honras. Eis aí o segredo de sua vida de escritor, intelectual, homem público, chefe de família e dirigente: sempre preferiu viver com honra a viver com honras. Por isso recebeu no curso de sua utilíssima existência a láurea mais elevada da dignidade intelectual, além do reconhecimento e o respeito dos coetâneos (BADARÓ, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 251).

A Presidente da Associação de Professores Públicos, Magda Campbell, sensibilizada com o falecimento de Vivaldi Moreira, deixa a sua mensagem, em nome do magistério mineiro:

Intelectual de nomeada, escritor primoroso, arauto da mineiridade mais autêntica, doutor Vivaldi integra a galeria dos mineiros mais ilustres de todos os tempos - a galeria daqueles que, com sua obra e com sua ação, fizeram de Minas Gerais o grande Estado que é. Sua obra literária, reconhecida nacionalmente, é testemunho de sua dedicação à cultura e às mais caras tradições de Minas. Na Academia Mineira de Letras, realizou gestão profícua e brilhante, a ponto de confundir-se com essa instituição que tão bem representa a cultura mineira. Esposo dedicado, pai amoroso, doutor Vivaldi deixa exemplo de cidadão decente e generoso (CAMPBELL, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 253).

No *Jornal do Senado*, em 27 de janeiro de 2001, o Presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) disse que Minas acabava de perder um de seus grandes vultos contemporâneos, ao lamentar a morte de Vivaldi Moreira: “Com o coração na história e os olhos voltados para o futuro, ele interpretou em seus vinte livros publicados o mais genuíno sentimento das montanhas de Minas” (MAGALHÃES, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 253), disse o senador.

No texto “Adeus ao mestre”, de Sâmara d’Armada, publicado no *Diário da Tarde*, em 27 de janeiro de 2001, encontramos a informação sobre o velório de Vivaldi Moreira realizado no anexo da Academia, construído por iniciativa dele e denominado Auditório Vivaldi Moreira em sua homenagem. É possível saber também um pouco mais sobre a relação do escritor com sua leitora Marília Moura Guilherme, uma das pessoas com quem Vivaldi mais conviveu. Ela, que trabalhou por 17 anos, lendo para ele quase 2 mil obras, conta como foi o início da relação com o acadêmico:

Eu formei e saí na rua com a cara e a coragem para procurar emprego. Fui até a Academia Mineira de Letras e perguntei para o Dr. Vivaldi se a instituição não estava precisando de uma bibliotecária. Ele disse que estava, mas na época, a Academia não podia me contratar. Então, ele me perguntou se eu lia castelhano. Eu disse que sim e ele me pediu para ler, em voz alta, um trecho da obra de Pio Baroja, em espanhol. Li e ele gostou tanto que me perguntou se eu queria trabalhar como leitora para ele. Eu aceitei e ele falou: “Hoje você começa” (D’ARMADA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 254-255).

No mesmo texto, Marília, que depois daquele dia nunca mais se separou de Vivaldi, conta como era a sua rotina:

Eu chegava na casa dele às 8 horas e ele já estava acordado há muito tempo. Ele acordava cedo e era muito agitado. Enquanto ele fazia a barba, eu lia os jornais do dia, de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Primeiro, lia as notícias de política. Depois passava para as outras. Mas, o que ele gostava mais mesmo era das crônicas. Quando a gente acabava de ler os jornais, a gente começava a ler livros. Ele gostava muito de Filosofia, História e Literatura em geral (D’ARMADA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 255).

Com o tempo, Marília foi contratada para trabalhar na Academia, onde ela fazia o serviço de bibliotecária e secretária. Sua irmã, Carmem Elizabeth Moura Santos, mais tarde, também foi chamada por Vivaldi para trabalhar na instituição. “Estamos perdendo outro pai. O Dr. Vivaldi era um grande companheiro. Aprendi muito com ele. Costumo dizer que este tempo com ele valeu mais do que se tivesse cursado mais cinco cursos universitários”. (D’ARMADA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 255), declarou Marília. Segundo ela, Vivaldi era um amigo muito franco, que se preocupava com o futuro das duas irmãs. Os dois capítulos do livro *As cidades e As Serras*, de Eça de Queiroz, foi a última coisa que leu para Vivaldi, ela revela. “Ele já tinha lido este livro, mas gostava muito das releituras. A gente lia, lia e ele sempre pedia para a gente voltar nos autores que ele mais gostava. E o que ele mais gostava mesmo era Machado de Assis.” (D’ARMADA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 255).

A foto abaixo é uma das últimas de Vivaldi Moreira, na circunstância do seu aniversário, no dia 28 de setembro de 2000, aos 88 anos. Segundo seu filho Pedro Rogério

Couto Moreira (2012), “o escritor pressentia seus dias finais: ao descer os degraus da mesa da presidência, ele proferiu, em voz baixa e firme, o lamento profundo ouvido por Marília ‘Adeus, minha Academia. Não voltarei mais a vê-la.’” (MOREIRA, 2012, p. 238). No entanto, Vivaldi ainda voltou a 11 de outubro para presidir a posse do confrade Aloísio Garcia. Aí sim, foi a despedida.



Foto 8 - Carmem Elizabeth Moura dos Santos, Vivaldi Moreira e a esposa Brante, ao lado direito, Marília Moura Guilherme, na Academia Mineira de Letras. (MOREIRA, 2012, p. 238).

Alécio Cunha publica no dia 27 de janeiro de 2001, no jornal *Hoje em dia*, o texto “O adeus ao acadêmico”, assemelhando o escritor Vivaldi Moreira ao personagem Funes, do escritor argentino Jorge Luís Borges: “memorioso, devorador dos livros e de seus personagens. Gabava-se de ter lido mais de oito mil volumes, todos recheados de anotações. Era o guardião de sua biblioteca de Babel: a sede da Academia, na Rua da Bahia” (CUNHA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 258). Em outra passagem verificamos mais detalhes sobre a prática de leitura de Vivaldi:

(...) sempre dedicou-se com esmero a ler e escrever. Em sua última entrevista, concedida ao *Hoje em Dia* e publicada dia 1º de outubro passado, contou detalhes de sua vida e reafirmou seu amor à literatura, lembrando, entre outras coisas, do primeiro artigo, publicado ainda no ginásio. “Eu não gostava de literatura fútil. Leio seletivamente desde esta idade. Nunca li, por exemplo, um romance de aventuras. Encontro isso em Ana Karenina, em Guerra e Paz”, salientou. “Posso dizer que esta minha longa vida se deve a um pensamento que cultivo há muito tempo, sem orgulho. Devo minha vitalidade e lucidez à minha mente cheia de ideias e ao coração limpo. Experiência e sabedoria também vêm com a idade. O escritor tem que rever periodicamente sua obra”, registrou (CUNHA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 259).

No que se refere à paixão pela Academia Mineira de Letras, Alécio Cunha em 27 de janeiro de 2001, ainda traz informações sobre a reportagem do jornal *Hoje em dia*, em julho de 1997, quando acompanhou a rotina de Vivaldi Moreira no local:

Vasculhando estantes, ele mostrou suas obras preferidas, entre essas o raro exemplar de *O Ateneu*, de Raul Pompeia, da primeira edição, de 1888. “Eu o dei de presente, em 1938, para meu amigo Eduardo Frieiro, que vivia atrás desta edição. Só quando ele morreu e sua biblioteca foi doada a esta casa, é que revi o volume” (CUNHA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 259).

Nessa última entrevista, ao contrário de tantos escritores mineiros ao longo do século XX que assumiram a diáspora, Vivaldi Moreira confessa os seus motivos para não deixar a terra natal:

Sou muito agarrado a Minas. Vivi no Rio, onde tinha um patrão que gostava muito de mim e onde havia uma espécie de pista para o meu lançamento, se eu tivesse permanecido por lá. Mas nunca quis. Deixei essa pista favorável e vim advogar em Minas, porque gosto daqui. Minas é o meio do mundo. Fiz como César na Bretanha: coloquei fogo nos navios para não retornar (CUNHA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 259).

Por ter decidido ficar e morrer em Minas, o escritor não se incomodava com os rótulos de escritor provinciano. “Sou provinciano no sentido geográfico. No sentido estrito não sou, porque meus temas são universais. Minhas leituras me conduziram a isso. Poucos leram os livros que li” (CUNHA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 260), afirmou. Ainda em entrevista ao *Hoje em dia*, o acadêmico ironiza o fato de ser considerado “imortal”:

É uma ficção. Ninguém é imortal, isto é apenas uma honraria, uma homenagem em vida. Há dezenas de acadêmicos brasileiros dos quais ninguém se lembra. A imortalidade é uma ficção inventada na França, no tempo de Richelieu, para resguardar a memória dos escritores. Sou mais imortal pelos livros que deixo que por fazer parte de uma instituição (CUNHA, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 259-260).

O acadêmico Fábio P. Doyle, com o título “Uma legenda”, publica no *Diário da Tarde*, no dia 29 de janeiro de 2001, um texto sobre Vivaldi Moreira, “mestre de todos nós, os que cultivamos as coisas do espírito, as coisas da cultura, as sagradas coisas da Minas eterna, que teve nele sua marca e sua expressão maior” (DOYLE, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 261). Em outro trecho, ele conta sobre a sua posse na Academia Mineira de Letras:

Choro a sua morte como mineiro, como seu amigo, como seu admirador. Recordo-me do dia em que ele me pediu que fosse à sua casa, em setembro do ano passado. Eu fora eleito para a Academia, na vaga de João Etienne Filho, em 1988. Retardava o dia da posse, apesar dos apelos de Vivaldi e de seus companheiros. Afinal, em junho do ano passado, marquei a data da posse para fevereiro de 2001. Vivaldi me chamou e pediu para antecipar a data escolhida. Sugeriu novembro de 2000. Ele foi

Catagórico: “Faço questão de presidir a sua posse e já marquei o dia: será em 27 de outubro”. Eu concordei, pois percebi o motivo. Ele sabia estar doente e temia que o tempo que lhe restava não nos ajudasse a cumprir o que ele desejava. E mais me pediu: que eu concordasse em tomar posse não na Academia, mas em sua casa. Pelo mesmo motivo. Concordei na hora. Seria, eu lhe disse, uma honra maior ainda. E foi o que fizemos. Posso assegurar, e todos os que lá estiveram concordam comigo, que foi a solenidade de posse mais bonita e mais emocionante entre todas as que eu presenciei e de que participei (DOYLE, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 262).

Fábio P. Doyle recorda também que para Vivaldi Moreira a Academia era “a sua igreja, o seu santuário, a sua catedral, a sua basílica maior. Todos a deviam respeitar, como ele, o guardião das chaves e da fé dos que acreditam na cultura, no que ela tem de nobre, de sério, de eterno” (DOYLE, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 261). E na sexta-feira, ao ser ouvido por uma jornalista sobre Vivaldi, ele declara:

(...) se me fosse dada a missão de elaborar uma lista dos grandes homens de Minas, entre eles, certamente, Vivaldi seria incluído. Sua estirpe era daqueles cidadãos exemplares, em conduta, em cultura, em dignidade, que identificavam e distinguiam os mineiros de antigamente. Eram homens-legenda, modelos sempre lembrados e citados, homens que os demais, quando com eles cruzavam nas ruas, paravam para a homenagem do cumprimento respeitoso, tirando-lhes o chapéu, que todos usavam, como Vivaldi nunca deixou de usar o seu (DOYLE, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 262).

Ao final do texto, Fábio P. Doyle conta que no sábado, ele e seus confrades acompanharam o enterro de Vivaldi, que saiu da Academia Mineira de Letras. “Um cortejo de quilômetros acompanhou o carro do Corpo de Bombeiros, que levava, coberto pela Bandeira Nacional, a urna que guardava seu corpo.” (DOYLE, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 263). Mais detalhes são fornecidos na despedida do escritor:

No cemitério, lotado, sob um sol causticante, dezenas de amigos, de admiradores, ao lado de sua família, prestaram-lhe a última homenagem. O toque de silêncio, dado pelo corneteiro da PM, anunciou a descida do caixão. A multidão se dispersou. Mestre Vivaldi já não estava entre nós. Mas a sua obra e sua memória permanecem. O que é um consolo (DOYLE, 2001 *apud* MOREIRA, 2012, p. 263).

Abaixo, a foto de Vivaldi Moreira com o chapéu *Gelot*, acessório indispensável mencionado por Fábio P. Doyle. Em frente à Academia Mineira de Letras, o escritor comemora a nova sede, posando nas escadarias do Palácio Borges da Costa. O sonho é concretizado em grande estilo, representando a realização do mineiro da Zona da Mata.

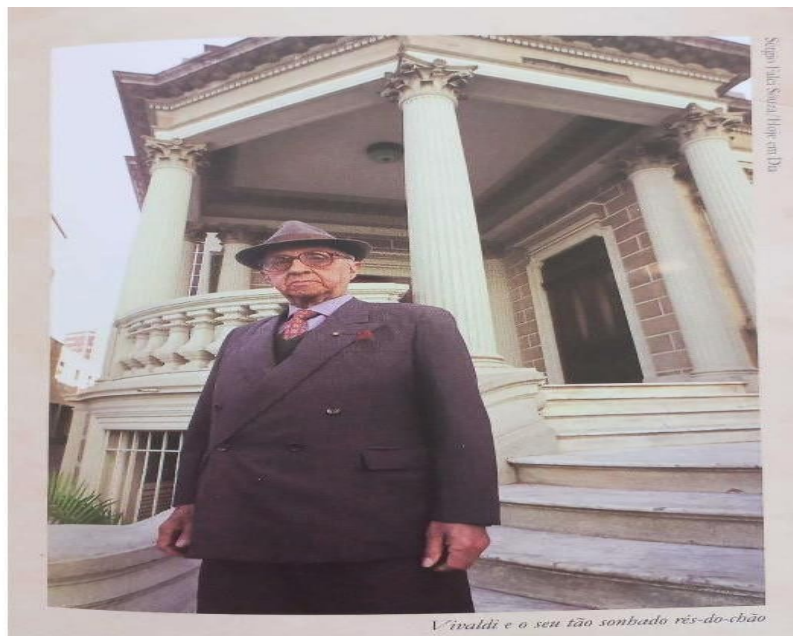


Foto 9 - Vivaldi Moreira na entrada do Palácio Borges da Costa.
(MOREIRA, 2012, p. 211).

A seguir, duas imagens presentes no livro *Centenário de Vivaldi Moreira - Fortuna Biográfica* (2012), que registram a despedida do escritor. A primeira é do esquife que deixa a Academia Mineira de Letras no alto do carro de Bombeiros, na rua da Bahia, rumo ao Cemitério do Bonfim.

Amigos e admiradores aglomeram-se em frente à entrada da Academia, a fim de seguir o cortejo e prestar a última homenagem à Vivaldi Moreira, na manhã ensolarada de janeiro.



Foto 10- Esquife com o corpo de Vivaldi no alto do carro de Bombeiros.
(MOREIRA, 2012, p. 245).

A segunda é de um poema da professora, museóloga, pesquisadora, historiadora, crítica de arte, além de escritora e poetisa, Conceição Piló.

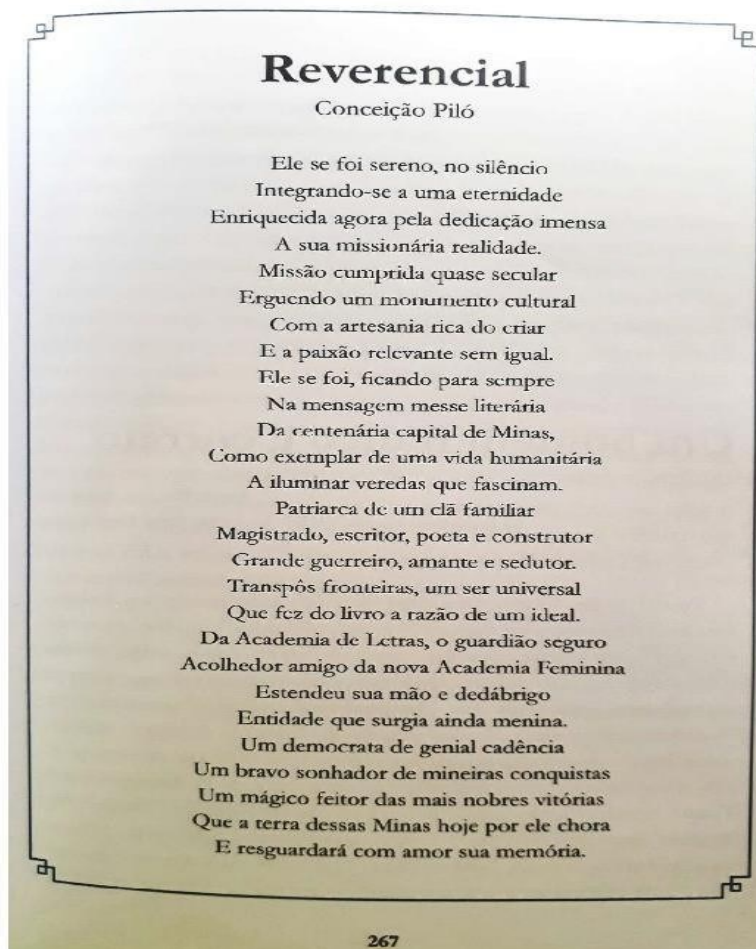


Figura 1- Poema “Reverencial”, de Conceição Piló.
(MOREIRA, 2012, p. 267).

Nas linhas do dizer poético, uma homenagem à vida de Vivaldi Moreira, ressaltando sua dedicação às letras e seu caráter construtor. A memória de um homem sonhador, que cumpriu com paixão as atividades a que se dispôs a oferecer o seu labor intelectual, sua presença fraterna, sua luta pela cultura e encantamento pelos livros. Seu respeito, enfim, pelo saber. Percepções que compõem o poema da autora e justifica o título escolhido: “Reverencial”. De fato, uma reverência ao homem e a sua produção literária.

1.7. Fortuna Crítica

Diversas personalidades escreveram sobre Vivaldi Moreira e sua obra. Inclusive, jornalistas e escritores já citados, como Carlos Drummond de Andrade. Vamos resumir alguns escritos, sem intenção de abrangência, para que o leitor se sinta um pouco informado sobre os autores e os seus textos, em ordem alfabética.

Alaíde Lisboa de Oliveira (1904-2006), professora catedrática, ensaísta, jornalista, autora de obras para crianças, de livros didáticos e de Educação, membro da Academia Mineira de Letras e política brasileira. Foi a primeira mulher vereadora de Belo Horizonte, em 1950. Mineira de Lambari e também irmã da poetisa Henriqueta Lisboa (1901-1985), que em 1963, foi a primeira mulher eleita membro da Academia Mineira de Letras, recebendo em 1984, o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra. Alaíde Lisboa publicou *A bonequinha preta* (1938), *Crítica e interpretação* (1997) e *Se bem me lembro* (2000).

No texto “Reflexões sobre *O menino da mata e seu cão Piloto*”, publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, em 12 de dezembro de 1981, a autora começa afirmando sobre a forte atração que o livro exerce sobre o leitor, ressaltando os interesses: “do ponto de vista estético, ético, afetivo ou mesmo sentimental” (OLIVEIRA, 1981, p. 3).

Alaíde Lisboa comenta que os momentos poéticos se sucedem nos relatos de Vivaldi e tece elogios à sua escrita, julgando-a segura, fluente e de bom gosto. Segundo a acadêmica, a performance na expressividade do autor é fruto de suas aquisições linguísticas. Sua fluência provoca no leitor a fluência no ler e no ouvir mentalmente. “As frases, as lembranças, as ideias, as captações, as cogitações, as expressões fluem e o leitor as frui e se envolve naquelas teias, naquela tessitura tão bela.” (OLIVEIRA, 1981, p. 3).

A autora pergunta o que é mais expressivo nesse livro: o fato narrado ou a análise do fato? A pintura viva das personagens ou a interpretação do comportamento delas? Ela mesma responde: a capacidade de análise do memorialista surpreende, pela dissecação e integração. O que de fato importa ao leitor não são as sínteses, mas “cada afirmação, cada mergulho nos tipos, nas coisas, nos acontecimentos.” (IBIDEM, p. 3). Em relação aos personagens apresentados com força de realidade, Alaíde comenta: “Vivaldi Moreira tem *olhos de lince*: vê o que é visível e penetra profundamente no que seria invisível para a maioria” (IBIDEM, p. 3).

Em análise aos fatos narrados, Alaíde Lisboa ressalta que eles também têm mensagens informativas ricas, combinando a qualidade dos perfis com a riqueza interior de Vivaldi. Observa, ainda, a propriedade do autor em aplicar citações eruditas a situações singelas para valorizar o conteúdo do livro: grandes escritores, filósofos, santos que aparecem no início dos

capítulos realçam o cotidiano e aumentam o significado da interpretação casuística. A educadora destaca a dinâmica do relato vivaldiano:

Vivaldi Moreira se apresenta como aquele que conta, com força constante de primeira pessoa. Raros são seus diálogos com ou de outros personagens, mas os efeitos teatrais das próprias cogitações são como diálogos do Autor com o Autor. O dinamismo do relato provoca o leitor que acaba inserindo-se no contexto (OLIVEIRA, 1981, p. 3).

Ao término das reflexões, a escritora pontua a edificante filosofia de vida que deriva do livro de memórias, num clima de literatura e espiritualidade.

Danilo Gomes (1942) nasceu em Mariana e mora em Brasília desde 1975. Advogado, jornalista e membro da Academia Mineira de Letras. Escreve em jornais e revistas desde 1961. Tem crônicas, contos e poemas publicados em antologias. Publicou os seguintes livros: *Escritores Brasileiros ao Vivo* (entrevistas, dois volumes), 1978; *Uma Rua Chamada Ouvidor*, 1981; *Água do Catete*, 1981; *Antigos Cafés do Rio de Janeiro*, 1987 e *Em Torno de Rubem Braga*, 1991.

No *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, em 9 de agosto de 1982, Danilo Gomes publica o texto “Vivaldi Moreira: memórias de infância.” Ele inicia o texto fazendo referência à seguinte frase de Augusto Meyer: “A memória da infância é uma ilha perdida” (GOMES, 1982, p. 8). Isso para dizer que, pela força e magia da palavra, alguns escritores conseguem resgatar do passado essa ilha fantástica e cita Vivaldi como um deles.

Alguns elementos são apontados por Gomes a respeito da obra *O menino da mata e seu cão Piloto*: “a saudade, o senso de humor, a severa, salutar mas injusta autocrítica as lições aprendidas e transmitidas aos leitores, um entranhado amor a Minas e ao chão natal, a catarse depois do ponto final” (GOMES, 1982, p. 8). O jornalista aponta também o “castiço vernáculo” que convive com o “coloquial, o oral, o desprezioso da linguagem.” (IBIDEM, p. 8).

Danilo Gomes soma aos componentes já citados, os valores morais que fazem parte do espírito do autor e que se tornaram faróis para a vida toda. Ele cita o nome de alguns escritores do convívio diário de Vivaldi, presentes em suas epígrafes, como Ésquilo, Tertuliano, Shakespeare, Goethe, Baltazar Gracián etc. “No âmago do livro, encontrará o leitor o que aflora também nos outros livros de Vivaldi Moreira: aquele espírito impregnado dos altos valores do humanismo que vem de Erasmo e outros renascentistas ilustres, e aquela

sabedoria profunda que vem de Montaigne.” (GOMES, 1982, p. 8). Alguns componentes do livro merecem destaque, segundo Danilo Gomes:

a depressão econômica de 1929 e seus efeitos no interior mineiro, o circo caseiro, mambembe, o desinteresse que no autor provocaram os modernistas, iconoclastas e brincalhões, as meditações sobre o tempo, a eternidade e a permanência da obra literária, o arrolamento da ecologia da região natal (...) (GOMES, 1982, p. 8).

Ainda sobre o conteúdo das memórias, Gomes ressalta:

Vivaldi Moreira compôs esse seu novo livro, incorporado agora ao que de melhor tem nossa memorialística, como lirismo bucólico e telúrico, humor refinado, sabedoria da idade madura e modelo de linguagem, numa época em que gramática e estilo são tidos por velharias... (GOMES, 1982, p. 8).

Citando mais uma vez Augusto Meyer, que diria, segundo Gomes: “Vivaldi sabe governar a pena”, o jornalista escreve que Vivaldi Moreira, com obra já vasta, “confirma mais uma vez o posto de destaque que conquistou entre os melhores escritores brasileiros” (GOMES, 1982, p. 8).

Em 8 de setembro de 1987, com o título “O Círculo dos Eleitos”, Danilo Gomes publica novamente sobre Vivaldi Moreira, agora, no jornal *Estado de Minas*. O jornalista cita a proposta do livro de mesmo nome do seu texto. Trata-se de uma espécie de miscelânea, artigos e ensaios, de assuntos variados. De acordo com Gomes:

é que o espírito arguto de Vivaldi Moreira, sempre ávido de saber, de aprender e de transmitir conhecimentos, atingiu um alto grau de erudição ricamente matizada, um campo vasto onde o espírito corre à larga, deliciando-se com os temas mais diversos, os assuntos mais interessantes, os mais variados autores (GOMES, 1987, p. 5).

No decorrer do texto, Gomes ressalta o exemplo de Vivaldi Moreira aos escritores, especialmente aos jovens, com a sua dedicação ao trabalho, a sua disciplina e paixão pela literatura. O jornalista observa que o livro é resultado das muitas leituras do mineiro:

Obra de pensamento, obra de meditação, enriquecida por tantas luzes e tantos nomes eminentes (Merleau-Ponty, Alain, Dante, Anatole France, Boécio, Aires da Mata Filho, Milton Campos, Bernanos, para ficarmos apenas em alguns), *O Círculo dos Eleitos* é uma verdadeira antologia montada pelo erudito presidente da Academia Mineira de Letras (GOMES, 1987, p. 5).

Danilo Gomes qualifica o volume de peças literárias desse volume como instigantes e saborosas, dando ao leitor uma visão do que irá encontrar:

(...) frumento variado para a inteligência insaciável. São ensaios a respeito da arte de escrever, da língua, de semântica, de filosofia. Há ali “Meditações Goethianas” e trabalhos sobre essa trindade fabulosa composta por Azorín, Pío Boroja e Ortega Y Gasset; a defesa corajosa de Vargas Vila; a evocação de Eugênia de Gusman, tida

como a mais bela Imperatriz da História; meditações sobre democracia e sobre as coisas do mundo em geral (GOMES, 1987, p. 5).

Eduardo Frieiro (1889-1982) nasceu em Matias Barbosa, Minas Gerais. Bibliófilo, escritor, ensaísta, professor catedrático, jornalista e membro da Academia Mineira de Letras, que salvaguarda o seu acervo pessoal. Foi ainda fundador da Faculdade de Filosofia (UFMG), fundador e primeiro diretor da Biblioteca Pública de Minas Gerais, hoje Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa. Além de vários ensaios e romances é também autor de *A ilusão literária* (1932), *Basileu* (1935), *Os livros nossos amigos* (1941), *Torre de papel* (1969) e *Novo diário* (1986).

Em publicação intitulada “Eduardo Frieiro e *O Menino da Mata e seu Cão Piloto*”, o escritor publica uma carta a Vivaldi Moreira, no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em 13 de fevereiro de 1982. Frieiro se diz encantado com a leitura do livro e o adjectiva de “gostoso, bem escrito, interessantíssimo, lírico”, intuindo que vai ficar na literatura. Tece mais elogios: “obra invejável, descrições magníficas, pintura dos caracteres primorosa e as figuras são tão reais que a gente as vê em nossa frente” (FRIEIRO, 1982, p. 2).

Frieiro declara saber que Vivaldi era um bom ensaísta, no entanto, se surpreende com suas habilidades de memorialista, capaz de transformar saudades em obra de arte autêntica. Ressalta a originalidade do livro ser apresentado em quadros, um de cada vez. Por isso, não considera o escritor mineiro um heliocêntrico, quer dizer, que não conta a sua vida dia a dia, como fazem alguns narradores. “Você soube colorir com a poesia da lembrança saudosa aspectos simples, de modo que todos nós nos encontramos em suas páginas.” (FRIEIRO, 1982, p. 2).

O bibliófilo-escritor diz sentir-se cativado pela maneira como Vivaldi trata as figuras humildes, tornando-as eternas na literatura brasileira. Frieiro acrescenta que assim também seria com o livro do autor, pelo fato de retratar um mundo morto, com artística fidelidade. Aconselha ainda o memorialista continuar a escrever, a fim de contar muitas histórias pitorescas e assim termina a carta: “As figuras descritas por você são como símbolos. Valem como pontos de aferição para o futuro. Daí as reflexões muito a propósito que sempre as acompanham. Livro de memórias aforístico. Tudo ali tem valor. Não é mesmo isto que você quis deixar?” (FRIEIRO, 1982, p. 2).

Elisabeth Fernandes Rennó de Castro (1930) nasceu em Carmo de Minas, Minas Gerais. Poeta, pesquisadora, ensaísta, graduada e pós-graduada em Letras pela UFMG. Foi a primeira mulher a presidir a Academia Mineira de Letras. É também Presidente Emérita da Academia Feminina de Letras. Ela pertence a outras Academias de Letras do Estado e é membro do Internacional Writers and Artists, Ohio, Estados Unidos. Possui vários livros publicados, entre os quais *A aventura poética de Lêdo Ivo* (1988), *Palavras e parábolas* (1992), *Cantata em dor maior - Opus 5* (1997) e *De Gil a João* (1999).

O texto “Tempo de memorial” está publicado no livro *Centenário de Vivaldi Moreira - Fortuna Biográfica*, de 2012. A autora inicia seu texto erudito fazendo citações e refletindo sobre a permanência das pessoas na memória de quem as cativa. Elogia Vivaldi Moreira e o seu empenho na Academia Mineira de Letras como exemplo para a Academia Feminina Mineira de Letras, que dele recebeu precioso apoio. Algumas características são destacadas por Rennó: “foi agraciado por Deus a par de sua inteligência viva, da cultura adquirida, da disposição para o trabalho, do raciocínio fértil e objetivo” (RENNÓ *apud* MOREIRA, 2012, p. 296).

Em continuação, focaliza o *Memorial a Destempo*, destacando a erudição do autor, cuja marca são as epígrafes de seus textos. O trabalho metalinguístico é pontuado, uma vez que o texto remete o leitor a outros discursos no espaço intertextual. Evocando Unamuno, conforme diz Rennó, Vivaldi “posiciona o viver espontaneamente, sem segundas intenções” (RENNÓ *apud* MOREIRA, 2012, p. 297).

Além de relatar os acontecimentos que aconteceram no período de 1975 a 1977, “ternos, vigorosos ou políticos” (RENNÓ *apud* MOREIRA, 2012, p. 297), a escritora ressalta a presença da Academia Mineira no livro:

Conta a história da Academia, o seu construir penoso, as reformas empreendidas, as eleições difíceis, os telefonemas, as cartas, os livros, o percorrer toda uma trajetória que se foi traçando até a culminância de um auditório magnífico, no anexo ao lado da sede principal na rua da Bahia (RENNÓ *apud* MOREIRA, 2012, p. 297).

Elisabeth Rennó avalia a prosa de Vivaldi como sendo bem feita, castiça e que promove o interesse do leitor. Sobre a saudade que é preciso fixar, numa reflexão a respeito da rememoração, a pesquisadora conclui: “Vivaldi talvez perceba agora, pela continuação de seu Memorial, sentimentos serenados, visão do transcorrido, sem a cumplicidade do papel e

da caneta, que conseguiu arrancar o sentido do pressentido, que impregna o seu instrumental texto-vida” (RENNÓ *apud* MOREIRA, 2012, p. 298).

Joaquim Veríssimo Serrão (1925-2020) – Historiador português, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Reitor da Universidade de Lisboa (1973-1974). Foi também presidente da Academia Portuguesa da História, entre 1975 e 2006. É autor da *História de Portugal* de suas origens à atualidade, iniciada em 1977. O 18.º volume foi publicado em 2010.

Com o título “Escritor mineiro, amigo de Portugal”, Serrão publica um texto sobre *Memorial a Destempo*, no jornal *Estado de Minas*, em 30 de setembro de 1986. O historiador português inicia a sua escrita considerando o título do livro de Vivaldi inovador, bem como elogia a sua competência na administração da Academia Mineira de Letras:

Deve-lhe esta instituição o nível científico que hoje auferi na república das letras. Tendo-a valorizado pela obra escrita e pelos fulgores do verbo, por ser um dos maiores oradores do Brasil, Vivaldi Moreira é, de plena justiça, o patriarca desse grêmio cultural. Com o seu espírito dadivoso, conferiu-lhe uma projeção que a Academia Mineira de Letras jamais alcançara naquele país e fora dele (SERRÃO, 1986, p. 2).

Focalizando *O Memorial a Destempo*, Joaquim Veríssimo afirma que Vivaldi recorre a frases de autores consagrados para corroborar com as suas declarações, elevando o ato de escrever como a habilidade do artista em sua intenção de eternizar as sensações e lembranças do cotidiano. O jornalista ainda compara o escritor mineiro ao escritor argentino Jorge Luís Borges, no que diz respeito ao poder da leitura, observando com espanto a cultura de Vivaldi. E comenta sobre o livro: “obra em que registra encontros, formula juízos, rememora o passado e comenta o cotidiano, indo ao ponto de elaborar uma teoria espiritual da existência” (SERRÃO, 1986, p. 2).

Ao discorrer sobre os valores do espírito presentes no livro, Serrão considera a leitura comovente e elogia a capacidade do autor em tecer reflexões sobre a essência humana. Enumera algumas passagens que ressoam o afeto, como a presença da família e dos amigos. Enfatiza que em Vivaldi os amigos também encontram referência na palavra consoladora seja nas horas boas ou ruins. “Poucos terão praticado com tanta nobreza as virtudes da amizade integral.” (SERRÃO, 1986, p. 2).

Em seguida, o historiador fala da amizade de Vivaldi Moreira com Marcello Caetano, das visitas que realizou ao Rio de Janeiro para estar com ele e da frequência das cartas escritas

a fim de levantar o moral do amigo exilado. Relembra a postura de Vivaldi ao defender Marcello Caetano na imprensa, elevando-o pelas atitudes e inteligência. Na ocasião de um artigo escrito por Antonio Champalimaud, no *Jornal do Brasil*, em junho de 1976 contra Marcello, Vivaldi retruca: “Não gosto que firam amigos meus. Muito menos quando estão em desgraça, como está Marcello, sofrendo um exílio cruel”. (MOREIRA, 1986, p. 241 *apud* SERRÃO, 1986, p. 2).

Na intenção de fazer justiça ao estadista expulso pela revolução de Portugal, o escritor mineiro escreve: “Inculcam Marcello como um ditador. Não o foi. As circunstâncias e o contexto social o arrastaram. No futuro, verão que o seu intento foi restituir a plena liberdade a um país que ainda não a merecia e nem o tempo permitia” (MOREIRA, 1986, p. 204 *apud* SERRÃO, 1986, p. 2).

Joaquim Veríssimo Serrão termina o texto dizendo que muitas confidências de Marcello Caetano foram recebidas por Vivaldi, algumas das quais arquivadas no livro *Memorial a Destempo*, que corresponde ao período de 1975 a 1977. Dados novos sobre o estadista são encontrados no livro, com as apreciações críticas que o escritor fez sobre homens e acontecimentos ligados ao 25 de abril. O historiador pontua, por último, a farta correspondência que trocaram durante o exílio do português no Rio de Janeiro, admitindo valer a pena a publicação, um dia.

Outro artigo de Joaquim Veríssimo Serrão foi publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em 25 de outubro de 1986, com o título “Experiência compensadora e dolorosa em *Memorial a Destempo*.” Na verdade, boa parte do que Serrão escreve no artigo anterior é conservada nessa publicação. No entanto, na segunda parte, bem mais longa, ele traz detalhes da amizade de Vivaldi e Marcello Caetano, Presidente do Conselho de Ministros de Portugal a partir de 1968, e exilado no Rio de Janeiro após a Revolução de 25 de Abril de 1974. O apoio integral de Vivaldi ao amigo é muito ilustrado com citações da obra, esmiuçada pelo historiador, que não só busca referências e comentários sobre Caetano na perspectiva vivaldiana, como também visa conhecer novas facetas do político.

Ao citar longos trechos da obra, Serrão relembra a visita que o memorialista fez a Portugal e lá manteve contatos com pessoas que se opunham ao regime político do país, comenta sobre o livro de Alçada Baptista que Marcello perguntava se Vivaldi queria conhecer, fala da antiga amizade entre Marcello e o industrial Antônio Champalimaud, bem

como o respeito que o estadista tinha por Álvaro Cunhal, seu ex- aluno e Chefe do Partido Comunista Português e também da esperança de Vivaldi na reabilitação política do amigo.

O historiador termina o texto na expectativa da continuação dessas memórias, considerando o livro um material precioso para conhecer os eventos brasileiros da época e a importância que o autor dava ao nosso país. Enaltece a amizade como sentimento que mais enobrece a alma humana e conclui: “o livro é o exemplar mais fiel e comovente da antitraição” (SERRÃO, 1986, p. 4).

No livro *Centenário de Vivaldi Moreira-Fortuna Biográfica* (2012), Pedro Rogério Couto Moreira relata a origem da amizade entre Vivaldi e Marcello Caetano. Embora começasse a partir de 1969 uma maior aproximação, baseada na mútua admiração intelectual, Vivaldi manteve desde a década de 1930, uma relação literária estreita com o sogro de Marcello Caetano, o escritor português João de Barros. Eles se conheceram em 1936, no Rio de Janeiro, quando o escritor veio ao Brasil em viagem planejada pelo jornalista Cândido Campos, chefe de Vivaldi, que participa ativamente da organização. O que sucedeu é explicitado no excerto:

O célebre escritor tomou de simpatias pelo rapaz que o ciceroneou. Passaram a trocar vasta correspondência sobre literatura brasileira e portuguesa, especialmente no campo da historiografia. João de Barros, figura exponencial das letras em Portugal, era um ferrenho opositor do ditador Oliveira Salazar, que até o mandou prender. João de Barros morreu em 1960. O mundo gira e pouco tempo depois o destino leva o genro perseguido, ilustre professor em Coimbra e considerado o “pai do Direito Administrativo português”, a ser o sucessor do algoz do sogro! Marcello foi o continuador do regime salazarista, embora tenha introduzido reformas democratizantes. Vivaldi jamais permitiu que a política interferisse em suas predileções literárias. Outro não foi o caso do contista e poeta Miguel Torga, que manteve correspondência com Vivaldi. O célebre escritor também foi perseguido por Salazar (MOREIRA, 2012, p. 192-193).

Vivaldi Moreira recebe o então primeiro-ministro de Portugal, Marcello Caetano, quando da visita oficial deste a Minas Gerais, em 1969:



Foto 11- Marcello Caetano à esquerda de Vivaldi Moreira.
(MOREIRA, 2012, p. 192).

Joaquim Serrão faz considerações importantes ao perceber na escrita de Vivaldi Moreira a sua cultura. Fruto de uma vida dedicada à leitura. Além de tecer outros comentários já citados sobre o seu livro *Memorial a Destempo*, destaco o fato dessa obra ser uma fonte para novas pesquisas, já que também traz eventos brasileiros da década de 70. Permite-nos conhecer a relação de Vivaldi Moreira com Portugal, pensar no valor da amizade, bem como observarmos uma distinta construção e circulação de saberes, por meio das correspondências trocadas entre o escritor e outras personalidades.

José Afrânio Moreira Duarte (1931-2008) nasceu em Alvinópolis, Minas Gerais. Advogado, contista, ensaísta, crítico literário, entrevistador, poeta e membro da Academia Mineira de Letras. Autor de *Tempo de Narciso* (1975), *Impressões críticas* (1991), *Henriqueta Lisboa: poesia plena* (1966) e *Azul: estranhos caminhos* (2003).

O artigo “Um escritor erudito” foi publicado no jornal *Estado de Minas*, em 21 de janeiro de 1987. Nele, Duarte comenta três livros de Vivaldi: *Memorial a Destempo*, *Personagens e situações* e *O velocino de ouro*.

Inicialmente, o acadêmico elogia a quantidade de leituras do autor, que apesar de ter lido os mais importantes escritores contemporâneos, concede grande privilégio aos escritores clássicos:

Muita pouca gente pode ombrear com ele, pois além de ler, Vivaldi Moreira analisou profundamente desde os gregos e romanos da antiguidade até aos nomes que se avultam na literatura brasileira e nas grandes literaturas europeias, com acentuada predominância para os que viveram no século XIX, chamado o Século de ouro da literatura (DUARTE, 1987, p. 2).

No primeiro livro, Duarte destaca o ensaísta “lúcido e profundo, cheio de conhecimentos” (DUARTE, 1987, p. 2). Segundo ele, como é comum no gênero diário, Vivaldi não se restringe ao registro de fatos cotidianos, mas também revela conceitos e opiniões. Trechos do diário de Vivaldi Moreira eram há mais tempo divulgado no *Estado de Minas*, mas a partir do *Memorial a Destempo*, parte do seu jornal literário é incluído no livro e entre outras coisas positivas, Duarte ressalta a sinceridade com bom senso para não ferir as pessoas focalizadas, quando delas discorda do comportamento ou modo de pensar.

Do segundo livro, considerado por Duarte grande e abrangente, ele afirma que *Personagens e situações* é um desses livros raros que “se lê com prazer o tempo todo e ainda

se guarda com cuidado para ser objeto de consultas, posteriormente” (DUARTE, 1987, p. 2).

Sobre ele, ainda faz a seguinte consideração:

(...) é um verdadeiro manancial de cultura onde o autor faz jorrar erudição em cada página, o que consegue sempre sem ser afetado ou esnobe, usando com sabedoria uma linguagem requintada mas que todos desde logo entendem, pois o escritor sabe, com técnica, elegância e classe, transmitir com facilidade os milênios de cultura que sorveu e assimilou (DUARTE, 1987, p. 2).

Em relação ao terceiro livro, elogia o título e declara que ele mantém o mesmo nível do anterior. Assuntos diversos são abordados, guardando a mesma eficiência e confirmando as qualidades do autor: “culto, lúcido e profundo ensaísta”, primando pelo “português correto e de qualidade.” (DUARTE, 1987, p. 2).

Pela publicação quase simultânea dos três livros, Duarte termina o texto informando que em 1986, o autor recebeu o diploma de personalidade cultural do ano da União Brasileira de Escritores. Reconhecimento que, emenda José Afrânio, deveria ser não só pela qualidade de grande ensaísta, mas sim “personalidade marcante de toda uma época da literatura em Minas Gerais.” (DUARTE, 1987, p. 2).

José Campomizzi Filho (1923-1987) nasceu em Ubá, na Zona da Mata mineira. Advogado, geógrafo, historiador, professor, jornalista e promotor de justiça. Colaborou nos jornais *Folha de Minas* e *Estado de Minas*. Textos de sua autoria foram reunidos postumamente em *Escritos e memórias* (2000).

Dois textos comentados pelo autor estão resumidos no livro *Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros*, da professora Leticia Malard (2012). *A fruta de Mársias*, publicado na *Folha do Povo*, Minas Gerais, em 12 de outubro de 1963 e *Navegação de cabotagem*, também presente na *Folha do Povo*, Minas Gerais, em 18 de abril de 1964.

No primeiro artigo, o professor elogia Vivaldi e a sua obra. Ele afirma que *A fruta de Mársias* traz escritos em fases diversas e que eles mantêm uma admirável unidade, considerando bons trabalhos reunidos e consolidando a posição de Vivaldi no panorama da nossa cultura.

Campomizzi Filho elege Vivaldi como uma das figuras do mais alto gabarito existentes na província e declara os motivos: tem profundidade de observação, capacidade de entendimento e de penetrar no âmago das coisas, além de abordar os temas com perfeito

conhecimento deles. O jornalista também enxerga na obra o humor astuto, a beleza da forma, as afirmações argutas, a segurança da frase, a espontaneidade da palavra. Segundo ele, o texto vivaldiano funciona como uma conversa evocativa de experiências.

Em relação à leitura tardia de *A fruta de Mársias*, o professor lamenta que não tivesse lido tempos antes:

É talvez o mais importante livro de ensaios aparecido ultimamente entre nós. Sua repercussão foi a mais ampla. Toda a imprensa falou dele. E é pena que tenhamos nós apenas agora debruçado por sobre aqueles textos que têm muito de poesia, que são muito de filosofia e que, acima de tudo, valem principalmente pela expressão viva de quem conhece todos os assuntos e sabe abordar todas as questões (FILHO, 1963 *apud* MALARD, 2012, p. 132).

Na sequência, o jornalista focaliza individualmente alguns temas e textos do livro. O que trata da tristeza criadora, por exemplo, é considerado por ele, antológico. O outro sobre “ninguém” possui um humor fino, como poucos escritores atingiram. Vivaldi demonstra uma interpretação convincente sobre os romances de Lima Barreto, Graça Aranha, Sarmiento e Euclides da Cunha, na visão de Campomizzi Filho, que ainda o considera spengleriano, mencionando o lado filosófico d’*A fruta de Mársias* e a palavra atraente e envolvente do autor (FILHO, 1963 *apud* MALARD, 2012, p. 132).

No segundo artigo, o livro comentado é *Navegação de cabotagem*. Campomizzi Filho repete os elogios iguais ao artigo anterior, passando sobre o ato de escrever e comenta sobre um curso ministrado por Vivaldi a respeito de romances mineiros. Concorda com este, na invocação aos jovens a se dedicarem ao romance, pois pensam que Minas tem poetas gabaritados, mas lhe falta um grande romancista. No entanto, o jornalista declara que Vivaldi faz justiça a Martins de Oliveira, cuja prosa ambos elogiam.

Outros artigos do livro têm a exposição do jornalista, que aponta para uma característica de Vivaldi, segundo a sua percepção:

(...) é sempre o ensaísta equidistante. Tem o conceito certo e o comentário seguro. Não se perde em louvações desnecessárias e nem se detém em ataques infundados. Se a obra não lhe merece estudo, deixa-a de lado. Se é homem importante para as letras, vai-lhe ao âmago, mostrando a fidelidade aos seus princípios (FILHO, 1964 *apud* MALARD, 2012, p. 132).

Outro artigo de Campomizzi Filho aparece no jornal *Estado de Minas*, em 17 de janeiro de 1987, com o título “Vivaldi Moreira, percorrendo os caminhos de Jasão – O

Velocino de Ouro.” O jornalista inicia elogiando o permanente trabalho de Vivaldi Moreira seja na liderança de movimentos, na direção de cursos ou no lançamento de seus livros. Aponta os diferentes aspectos da cultura multiforme do escritor desde “a crônica leve ao comentário mais profundo dos clássicos.” (FILHO, 1987, p. 2). Algumas características são acentuadas: espírito lúcido, pontos de vistas, revelação de suas preferências, senso crítico agudo, distinção do falso e do verdadeiro.

Ao falar sobre o domínio de Vivaldi em relação aos mais diferentes polos do conhecimento humano, reconhece que a crítica recebe sempre com simpatia tudo o que ele publica, fornecendo a informação sobre algumas particularidades do escritor:

Seus ensaios têm profundidade. Não esconde sua preferência pelos hispânicos. Mas é de base nitidamente francesa a sua cultura. Não se desliga também de italianos e de portugueses, nessa mescla de latinidade que lhe dá um toque único no panorama das letras pátrias. Faz, ainda, suas incursões pelos ingleses e pelos alemães, retirando de toda essa larga experiência um resultado pouco comum de quem é capaz de mostrar em mais diferenciados instantes um perfeito domínio de todos os ramos do conhecimento urbano (FILHO, 1987, p. 2).

O volume *O Velocino de Ouro* reúne “doze trabalhos de fôlego, identificados pela erudição e reafirmados em segurança de conceitos” (FILHO, 1987, p. 2). A lenda de Jasão e seus cinquenta e dois companheiros desdobra-se em amplo processo de atualização. Os temas são diferentes e Vivaldi estuda processos de educação e de liderança. Fatos e figuras ilustram os seus comentários. O escritor lamenta que os jovens estejam caindo na negação, considerada por ele, o maior flagelo da humanidade. Assuntos variados são elencados: os roteiros de liberdade a partir das andanças do alferes Joaquim José, a finalidade humana do casamento, o político que não deve sobrepor-se ao econômico, o olhar atento para a criança, “esperança de agora e realidade do amanhã” (FILHO, 1987, p. 2), entre outros.

Reafirmando os propósitos mineiros de equilíbrio e de trabalho sério, segundo o jornalista, ele conclui sobre o livro: “Vivaldi Moreira é realmente o homem comprometido com sua arte e que dá um toque de permanência a todas as suas páginas. Seu compromisso é com o presente na projeção para o futuro”. (FILHO, 1987, p. 2).

José Geraldo Bandeira de Mello – jornalista e assessor político, foi Secretário de Cultura e Turismo de Belo Horizonte na gestão do prefeito Hélio Garcia. Publicou, em parceria com Roberto Drummond, *Magalhães navegando contra o vento* (1994), biografia de José Magalhães Pinto.

“A alma de Minas no *Menino da Mata e seu cão Piloto*” é o texto do jornalista, publicado no jornal *Estado de Minas*, em 13 de fevereiro de 1982. De acordo com Mello, nas memórias de Vivaldi está embutida: “uma espécie de sociologia da decadência mineira. Ou quem sabe das mudanças, apenas as mudanças, de uma região mineira, a Zona da Mata, onde tudo parece o mesmo, mas só parece”. (MELLO, 1982, p. 5).

Em seguida, ele explica que o relato é de um tempo em que aquela região tinha a pretensão de incorporar-se na ideia de um mundo que renascia da Primeira Guerra Mundial, dando início à verdadeira revolução industrial: “O ser humano, todo ele, era então um início de rebelião social, econômica, cultural, o tempo do mundo pequeno e o fim do mundo grande e misterioso na sua simplicidade pareciam estar chegando”. (MELLO, 1982, p. 5). Minas era estática. Ou talvez isso não fosse realidade na Fazenda do Tanque, onde a vida parecia consolidada, olhava-se com descrédito para as mudanças que chegavam, gritando que não se queria modificar nada ali, tudo parecia bem ajustado e, portanto, eterno.

Nesse contexto, o jornalista afirma duas confissões feitas por Vivaldi: o seu mundo no Tanque era feliz, mas ele quis mudar, acompanhando a multidão do pós-guerra. E, escrevendo o livro, ele parece arrependido por ter imaginado que, mudando, a sua história fosse outra. Citando Mello:

E foi, ninguém discute, mas na sua realidade de hoje, na sua visão atormentada de agora, o velho mundo explode cheio de festa e de sentida saudade, mas é tarde. Menos, é claro, para lembrar, só que a sua saudade, agora, me parece a dos enfartados que fazem ponte de safena. Eles têm duas realidades dentro do corpo e da alma: um velho coração necrosado, mas vivo, e ainda mais vivo porque ligado a uma nova vida dentro do mesmo coração restaurado pela cirurgia e pelo enxerto da safena (MELLO, 1982, p. 5).

Mello considera o livro denso e autêntico, que traz tonalidades de Charles Dickens, de Monteiro Lobato e dos navegantes. “Alguém ainda é capaz de ter memória” (MELLO, 1982, p. 5), atesta o jornalista que admira o fato de alguém guardar as lembranças e não querer escondê-las, justo quando o ontem é tido como cafona e tolo para as pessoas que vivem no hoje. Julga o relato como esférico e amplo.

Nereu Corrêa de Souza (1914-1992) nasceu em Tubarão, município de Santa Catarina. Foi ministro do Tribunal de Contas do mesmo Estado e membro da Academia Catarinense de Letras desde 1960, presidiu a entidade em 1965. Ensaísta, ele é autor de *Temas de nosso tempo* (1953), *Democracia, Educação e Liberdade* (1964), *A palavra* (uma introdução ao

estudo da oratória) (1972), *A tapeçaria linguística de Os sertões* (1979), *Perfis e retratos em vários tons* (1986).

Nereu Corrêa, como assinava, publica em *O Estado de Santa Catarina*, Florianópolis, em 29 de novembro de 1981, o texto “Vivaldi Moreira e seu ‘piccolo mondo’”. O artigo fala sobre o livro de memórias, referindo-se a ele com a expressão “pequeno mundo”, em italiano. Segundo a professora Letícia Malard (2012), a “expressão é inspirada na obra de Giovannino Guareschi (1908-1968) *Dom Camilo e seu pequeno mundo*, em que Guareschi desenha a Itália rural dos anos 1945-50” (MALARD, 2012, p. 156).

Inicialmente, o ensaísta disserta sobre o memorialismo, atentando-se ao fato de que, enquanto políticos escrevem para dar sua versão dos fatos, os escritores preferem reconstruir a infância “com toda a carga de magia” (CORRÊA, 1981, p. 5), como é o caso de *O menino da mata e seu cão Piloto*. Corrêa assinala que além das criaturas humanas, Vivaldi também compõe o livro com os animais domésticos, que recebem nomes exóticos ou familiares, evocados de maneira humanizada pelo autor:

Possuindo uma memória fiel das coisas e dos seres, Vivaldi Moreira surpreende o leitor com a descrição minuciosa de tipos, fatos e ambientes que se conservaram vivos na sua lembrança, não apenas os mais importantes sob o aspecto existencial ou de interesse histórico, mas também aqueles aparentemente irrelevantes, recolhidos no fluxo do cotidiano (CORRÊA, 1981, p. 5).

Corrêa ressalta também que além do mérito da composição literária, Vivaldi Moreira contribuiu com o historiador e o sociólogo, pois mesmo sem a intenção de querer fazer História e Sociologia, oferece muitas informações sobre costumes e processos de trabalho numa fazenda mineira. Termina o texto fazendo referência à paixão de Vivaldi pela literatura, presente nas páginas do livro nos encontros com os autores que lhe inspiraram. No entanto, lembra também que nem tudo é deslumbramento na infância do memorialista. Há também passagens amargas que turvam a luz do horizonte na aurora da vida.

Oscar Dias Corrêa (1921-2005) foi político, jurista, advogado e magistrado brasileiro. Entre outros cargos, foi deputado federal, ministro do Supremo Federal, ministro da Justiça. Era membro da Academia Brasileira de Letras e também confrade de Vivaldi Moreira na Academia Mineira de Letras.

Com o título de “O Menino da Mata e seu Cão Piloto”, Oscar Dias Corrêa publica no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em 9 de janeiro de 1982, a carta que dirigiu a Vivaldi,

após a leitura do livro de memórias do escritor. Ele comenta sobre a empatia entre o autor e leitor, dizendo ser difícil falar sobre a sucessão das impressões provocadas principalmente por ele, “Menino do Oeste”, que conheceu e viveu momentos semelhantes:

que viu o Pai, mais pobre do que o Pedro Moreira, sair de candeeiro para carreiro, para a máquina de limpar arroz e a “casa de negócio”; e que se não sofreu as mesmas angústias que o Menino da Mata suportou, com superior confiança, viu-as, como outras, rondando-lhe a vida, contidas pela relação de otimismo e de uma infinita fé em Deus, que mantém até hoje!... (CORRÊA, 1982, p. 11).

O confrade de Vivaldi relembra alguns trechos do livro, na intenção de mostrar como ele se integrava às cenas, como se as estivesse revivendo:

se não tive o “Loide”, de menino, outros mais modestos tive (...), li o “Penduirbos” lembrando o “Pomba Feliz” da loja do Manoel Corrêa; vivi as festas de “Mar S. Sebastião e Santo Antônio”, delicieei-me nos salgados e doces da comadre Donana, como se fossem os de minha avó Dinha, tão parecida no feitio e no caráter (CORRÊA, 1982, p. 11).

Segundo o escritor carioca Oscar Dias Corrêa, Vivaldi junta as figuras que conheceu, os fatos, a paisagem física e moral, apresentando o retrato vivo da terra e da gente, destacando a visão humana do mundo:

Sob esse aspecto, você fez, em verdade, o estudo da Mata Mineira- que sonhou fazer – e com a vantagem de o não ter anunciado, com preocupações científicas, mas realizando-o no debuxo – de traço forte – do meio e do homem, no seu caráter, no seu estilo de vida, das suas preocupações e dos seus anseios (CORRÊA, 1982, p. 11).

Há da parte de Corrêa a falta de uma indagação histórica de como surgiu a colonização da Mata Mineira. Mas, “o que ela é, como se comporta, como age e reage, o que faz, com que conta, tudo isso o Menino da Mata disse, e bem, com todas as letras” (CORRÊA, 1982, p. 11). Segundo o escritor, essa “sociologia destilada natural” (IBIDEM, p.11) é muito mais importante do que aquela de caráter científico, muitas vezes imposta de maneira árida e fria. Em relação ao estilo do livro de Vivaldi Moreira, Oscar Dias Corrêa discorre:

Correntio, vivo, luminoso, às vezes, em linguagem colorida, espontânea, apurada, enriquecida pela força verbal do autor, e, por isso mesmo, prendendo-nos da primeira à última linha, e mostrando como são improcedentes suas dúvidas quanto ao interesse dos leitores, e como o que escreve tem a sua “marca”, o seu timbre, o seu braço, que permanecerá (CORRÊA, 1982, p. 11).

Oscar Mendes Guimarães (1902-1983) foi advogado, ensaísta, professor, jornalista, tradutor, crítico literário e membro da Academia Mineira de Letras. Nasceu em Recife-PE e é

autor de *A alma dos livros* (1932), *Poetas de Minas* (1970) e *Estética Literária inglesa* (1983).

O texto de Oscar Mendes, como assinava, é publicado no jornal *Estado de Minas*, em 24 de outubro de 1981, com o título “Um memorialista”. Na introdução, ele informa o motivo de apreciar livros de memórias e diários: pelo que lhe ensinam sobre a psicologia humana e sobre a formação moral e intelectual de seus autores.

Na citação de memorialistas estrangeiros e nacionais, insere Vivaldi Moreira, elogiando a sua vivência no campo da literatura e atuação no jornalismo e ensaísmo, como suas várias atuações na vida pública e intelectual do país, que colaboraram para isso:

(...) fazem dele uma testemunha atenta do espetáculo humano nos vários ambientes em que tem vivido desde sua meninice e como demonstra este livro que acaba de publicar. É um memorialista que sabe evocar figuras e paisagens com um colorido e um vigor que os tornam vivos e atuantes sobre a nossa sensibilidade (MENDES, 1981, p. 5).

Mendes considera que uma qualidade importante do memorialismo é saber tirar de fatos simples da vida riquezas psicológicas que se escondem, iluminando-os com o brilho da inteligência e da cultura, envolvendo-os em uma aparência poética. Assinala em seguida algumas qualidades das memórias de Vivaldi: vibração vital ao ressuscitar a fazenda da família, com saudade e poesia; retratista no ânimo de desenhar as pessoas com quem conviveu, especialmente os pais e a psicologia íntima do memorialista. Sobre a última, afirma:

são autênticas confissões de um eu que se vai desenvolvendo e afirmando, através dos anos, das vivências, das leituras, das reflexões. E estas compõem muitas das páginas, nelas conhecendo-se a multiplicidade das leituras que entraram na formação intelectual desse devorador insaciável de bons livros e de bons autores (MENDES, 1981, p. 5).

O professor lembra que, no dever de crítico, é levado a fazer ressalvas a respeito da composição do livro, sobre as quais pede perdão pela impertinência de apresentá-las. A primeira trata-se da inclusão no livro memorialístico de páginas do diário de Vivaldi, causando uma dissonância à obra, com a mistura de espécies diferentes de discurso. As do diário são “mais graves, mais carregadas, mais refertas de citações e de reflexões”. (MENDES, 1981, p. 5). Já as memórias, “mais vivas, mais alegres, mais ricas de sentimento saudoso e da poesia que a saudade sempre traz consigo.” (IBIDEM, p. 5).

A outra ressalva de Oscar Mendes é também o autor incluir no seu livro de memórias, conferência, discurso, entrevista, ensaio historiográfico e sociológico. Tais inclusões desagradam o confrade de Vivaldi, acostumado a exigir da obra literária harmonia e perfeição formal.

Paulo Dantas (1922-2007), escritor sergipano que se radicou em São Paulo, onde fez crítica literária para o jornal *Diário Popular*, nos anos 40. Literato completo, foi ensaísta e romancista. Biógrafo de grandes intelectuais brasileiros como Lima Barreto, Aluísio Azevedo e Afonso Arinos. Foi também ficcionista, jornalista e ainda membro e vice-presidente da Academia de Letras de Campos do Jordão, presidente da Academia Brasileira de Literatura Infanto-Juvenil. Sua literatura é avultada e densa. *Cidade enferma*, de 1959, projetou o escritor no universo das letras nacionais. Em seguida, a trilogia *Chão de Infância*, 1953; *Purgatório*, 1955; *O Livro de Daniel*, 1961. Livros de especial destaque: *Capitão Jagunço* e *Euclides, Opus 66*.

A publicação de Paulo Dantas está no *Suplemento de Minas Gerais*, em 4 de dezembro de 1982, intitulada “Carta aberta a Vivaldi Moreira”. O escritor inicia o texto relatando a sua leitura comovida, ao enfim, receber em mãos, o livro *O menino da Mata e seu cão Piloto*. “Tinha ouvido ou lido muito a respeito dele. Não sabia tão delicioso e poderoso memorialista, dos melhores, já que com esses mineiros, nos contos e nas memórias, ninguém pode.” (DANTAS, 1982, p. 5).

Paulo Dantas continua o texto indagando “onde repousa esse encanto, onde reside esse segredo?” (DANTAS, 1982, p. 5). E diz entender o porquê de todo mundo falar bem do livro, impressionado. “Você bateu todos os livros que li no gênero”. (IBIDEM, p. 5). E em seguida reforça:

Vá ver que nem o Vivaldi sabe disso, já que seu livro está por demais acumulado, carregado de mistérios. Talvez, no fundo, por isso mesmo ele fascina, vence o leitor, que acaba rendido, entregando os pontos. Tantas vivências, tantas experiências, tantas leituras, tantas impressões (DANTAS, 1982, p. 5).

O literato também reflete sobre a primeira e errada impressão que Vivaldi lhe dava de ser um esnobe e comenta ter cometido o mesmo erro, em vida, ao escrever sobre o livro de memórias do seu conterrâneo Gilberto Amado. Dantas adverte:

Esse território da infância é troço muito sério e precisa ser mais bem compreendido, aceito ou achado, já que nele repousa tudo o que somos, o que de nós emana. Essa

carta deveria ser mesmo aberta. Literatura aberta, a sua. Aberta e profundamente generosa, outro misterioso traço que vislumbrava, sem saber direito, na gente da Zona da Mata mineira, gente além fazendeira (DANTAS, 1982, p. 5).

O escritor sergipano alega que, como por milagre, o homem aparentemente orgulhoso, dá lugar a um “escritor de raça, ‘tutanudo’, como queria o nosso genial Rosa. *Escritor* e não *autor*” (DANTAS, 1982, p. 5). E continua tecendo elogios ao escritor mineiro: “sua vinha, seu olival, Vivaldi, tem o sabor dos frutos sazonados. Livro da vida vivida, dos dias idos e passados, indo em filas, como as boiadas, para as zonas das matas saudosas e eternas. Mais do que mineiras, brasileiras” (IBIDEM, p. 5).

Paulo Dantas ainda faz referência a algumas características do livro de Vivaldi Moreira, como a sua postura descontraída, o ritmo veloz, a lembrança dos pais, dos filhos, dos netos, as evocações citadas, o cão Piloto que virou símbolo e comenta que para ele, Minas sempre foi uma espécie de segundo Nordeste. Enaltece a geração de Vivaldi e a formação educacional, bem como a educação sentimental, enfim, a sua história, de seus amigos, de seus tipos. Em tom poético, o escritor prossegue:

(...) seu livro, memorial tumultuado, mas sóbrio, mais memorial, Vivaldi, do que conselheiro Ayres, Moreiras, amoreiras, árvores, frutos maduros, duros discursos, cadernos de seu calado pertencido, tudo tem o seu livro-lanterna, seu livro-caserna, seu livro universal, seu livro particular (DANTAS, 1982, p. 5).

Ao final do texto, Dantas intui que Vivaldi poderia escrever um romance:

Os sucos. Os resumos. As súmulas. Os enredos. Difícil achar a síntese do seu trabalho literário. Não importa. Um romancista grita, represado ainda. Solte-o logo. Não demore. O tempo urge. O tempo rugé. Num só livro da semana, estou abastecido de boas leituras. Sorvo. Absorvo as lições, os aprendizados do seu armazém memorial. (...) Minas é fogo. Outubro chegou. Me trouxe Vivaldi Moreira. Seu livro esperado. Solte o seu cão romanceado. *Lóide-Piloto* o espera na mata alumbrada. Matas iluminadas, Moreiras. Chega... (DANTAS, 1982, p. 5).

Abaixo, segue uma foto da festa de inauguração da nova sede, na rua da Bahia, onde Vivaldi celebra com os amigos, Gustavo Penna e o acadêmico Angelo Oswaldo.



Foto 12- Gustavo Penna e o confrade Angelo Oswaldo ao lado de Vivaldi Moreira. (MOREIRA, 2012, p. 213).

Dentre outras homenagens em verso, seleciono duas, a primeira refere-se ao poema do arquiteto e urbanista, autor do projeto do Anexo da Academia Mineira de Letras. O poema de Gustavo Penna (1950), que revela duas afeições de Vivaldi Moreira: a literatura e a Academia Mineira de Letras. O título “Letra e Pedra” traz também dois aspectos do escritor ou duas dedicações pelas quais ele gastou grande parte da sua vida: a escrita e a construção do Auditório anexo. De maneira simultânea à criação dos livros e do espaço físico da Academia, via-se também a construção das amizades, a celebração dos afetos, o lado sonhador e prático, em que homem e menino eram um só.

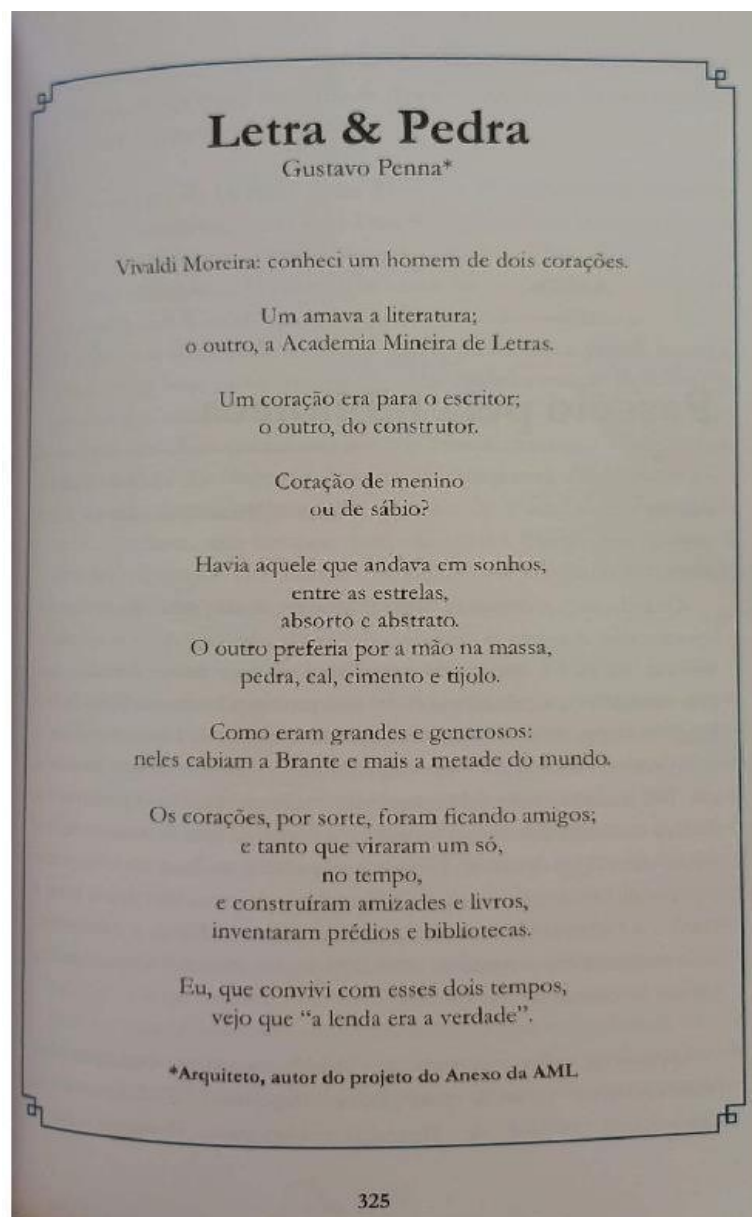


Figura 2- O poema de Gustavo Penna.
(MOREIRA, 2012, p. 325).

O segundo poema é de Cely Vilhena (1930-2017), poetisa, cronista, ensaísta, professora, psicóloga. Foi presidente da Academia Feminina Mineira de Letras. Autora de *Tempo Espera*, em 1986, *Conquista de Meus Amores*, em 1987, *Os Olhos de Aarão - História Poética de Belo Horizonte*, em 1988, *Clara e Francisco – de Assis e de Deus* em 1994, *Bárbara Heliadora*, em 1999 e *Na Esteira do Tempo*, vencedor do Prêmio Centenário Emílio Moura da Academia Mineira de Letras, em 2002.

Em 2006, Cely Vilhena compõe o livro *A Casa do Menino*, em homenagem a Vivaldi Moreira:

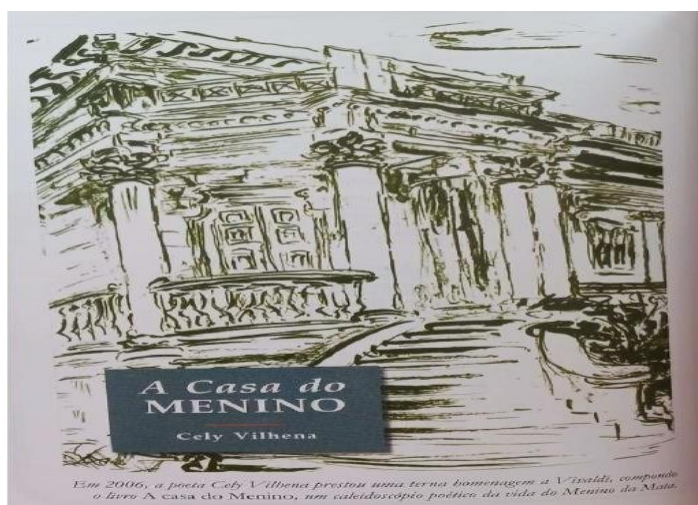


Figura 3- Capa do livro *A Casa do Menino*, de Cely Vilhena. (MOREIRA, 2012, p. 48).

Por fim, o poema de Cely Vilhena, que encerra o primeiro capítulo, ilustrando um pouco da trajetória de Vivaldi Moreira. Na imagem do trem em movimento, temos também a dimensão do tempo que passa e da realização de quem foi trilhando o caminho de suas escolhas em busca do saber:

Passa-se o tempo

Passa-se o tempo

E o Menino,

Conforme dizia sua Mãe, vai correr mundos sozinho

Ao encontro dos seus sonhos

sua vida e vocação

Menino da Mata,

Menino do Tanque,

Onde está você?
Onde está seu cão?

Cresceu, mudou de ares,
Deixou Minas Gerais,
Estudou letras e leis,
Foi bem longe dentre os trilhos
de uma estrada de trem
- a Leopoldina Railways

Ah! O trem!
Era de ferro e se foi!...
E o trem ultrapassou as matas
E os rios do chão mineiro
Em busca de cátedras
mais altas
de uma cidade esplendente
de luzes de céus de montanhas
que escoram o mar
e circundam
a baía fascinante.

Foi o Menino da Mata
continuar sua vertente
de ler os livros e anotar
seus passos por paços e lentes
de renomado saber
na trajetória dos tempos
escolhendo entre os autores
de Montaigne a citação
resumida em um só conceito:
*-“Quem busca a sabedoria
Que a busque onde se aloja
Não tenho a pretensão de possuí-la.”* (MOREIRA, 2012, p. 46-47).

Cely Vilhena retrata a viagem, a partida, a rota percorrida por quem se aventurou a seguir sua vocação. É o menino Vivaldi que deixa a terra natal e seu cão tão estimado para crescer, ganhar o mundo, estudar. Conhecer as leis, no Rio de Janeiro, onde se formou em Direito e continuar na direção da leitura, anotando também os seus feitos.

Ao final do primeiro capítulo, podemos averiguar que desde a infância, Vivaldi é tomado pela vontade de ler e de continuar aprendendo por meio dos livros. Toda a sua trajetória intelectual seja nos mais variados cargos que ocupou tem a leitura e a escrita como atividades principais. Ainda quando precisou poupar as vistas, o escritor não abriu mão de apreciar as palavras, contratando para isso, uma leitora particular.

A habilidade com as palavras, bem como a criatividade, a síntese e o espírito investigativo são frutos do jornalismo. A partir dessa experiência, Vivaldi Moreira teve a ideia de criar um microjornal de cômodo manuseio, que do ponto de vista gráfico, foi inovador para a época (1953-1961) e fez sucesso.

A Livraria Editora Itatiaia, embora pertencesse aos irmãos de Vivaldi Moreira, também representou um local de encontros culturais e sociais que serviram de ensinamento e de partilha entre personalidades mineiras, nacionais e internacionais. Vê-se a importância desses espaços na divulgação da literatura e das artes.

Vivaldi Moreira teve o amor à literatura como sentido de vida e concretamente demonstrou a sua dedicação às letras não só pela elaboração de sua obra, mas pelo empenho na aquisição da sede da Academia Mineira de Letras. Ele arranhou recursos para estruturar o Palacete Borges da Costa e construir o Auditório anexo, doando sua biblioteca particular para a entidade – coleção preciosa pelo montante e pelo valor.

Eleito presidente perpétuo da Academia Mineira de Letras, Vivaldi Moreira foi homenageado e reconhecido pelo seu trabalho, por acreditar na cultura, pelo espírito ávido de saber e de ensinar. As diversas personalidades que teceram comentários sobre o escritor ressaltam a sua riqueza interior, bem como suas citações eruditas, consequência da disciplina e do amor pela leitura. Assim, com uma presença multifacetada, o mineiro que saiu do interior de Minas, vai alargando cada vez mais os horizontes, na descoberta do mundo e na maturação dos seus sonhos.

Capítulo 2

Do “menino da mata” ao intelectual

“[...] naquela ecologia que meu ser atingiu a razão e onde recebi os maiores e melhores influxos de minha alma, os alentos para a marcha terrestre.”

Vivaldi Moreira

2.1. Nas fronteiras do gênero: memória ou autobiografia?

A pesquisa, embora não tenha a pretensão de compor um quadro amplo sobre a questão do gênero literário, espera ao menos assinalar algumas considerações que versam de maneira direta sobre o tema e que parecem proveitosas para melhor dimensionar o vínculo entre memória e autobiografia.

As fronteiras entre memória e autobiografia são difíceis de delimitar, por serem textos deveras híbridos, dificultando uma classificação rígida e mais “segura” por parte dos estudos contemporâneos. As linhas de demarcação entre as duas formas de escrita pessoal não são muito claras, embora algumas definições indiquem certas peculiaridades. O registro no *Dicionário Houaiss* (2001) alude à possibilidade de distinção entre essas formas:

Memória - Relato que alguém faz, muitas vezes na forma de obra literária, a partir de acontecimentos históricos dos quais participou ou foi testemunha, ou que estão fundamentados em sua vida particular (HOUAISS, 2001, p. 1890).

Autobiografia - Narração sobre a vida de um indivíduo, escrita pelo próprio, sob forma documental ou ficcional (HOUAISS, 2001, p. 348).

A análise dos verbetes acima sugere que a definição de memória seja entendida a partir da perspectiva social, ou seja, construção marcada pela vivência com o coletivo. Na autobiografia, a ênfase recai nos aspectos mais subjetivos da experiência vivida ou da história de uma vida que o próprio escritor elabora. Massaud Moisés (1999), no *Dicionário de termos literários*, traz novas contribuições a essas reflexões:

Enquanto a autobiografia permite supor o relato objetivo e completo de uma existência, tendo ela própria como centro, as memórias implicam um à-vontade na reestruturação dos acontecimentos e a inclusão de pessoas com as quais o biógrafo teria entrado em contato (MOISÉS, 1999, p. 50).

Nesse trecho, entende-se que apenas no caso das memórias é feita uma reestruturação dos acontecimentos, pois na autobiografia o relato objetivo permite supor um discurso mais “verdadeiro”. Ninguém mais indicado para relatar a sua experiência do que o próprio indivíduo. Mas, ao contrário do que se pensa, a autobiografia rompe com a confiança desejada, já que a expectativa é desmentida pelos fatos. Em outra passagem, Massaud Moisés (1999) elucida essa questão:

[...] o escritor acaba distorcendo a imagem de seu passado, seja por esquecimento, involuntário ou deliberado, seja por censura, seja por amplificar ou minimizar alguns aspectos em detrimento de outros, seja porque, afinal de contas, se instila grande dose de narcisismo na reconstituição que uma existência faz de si própria. Ademais, a autobiografia participa do processo literário naquilo em que a escrita deve obrigatoriamente enquadrar-se nos melhores padrões em moda; com isso, em nome do estilo e da narrativa, se cometem deformações, omissões e obliteramentos, que fatalmente emprestam caráter romanesco às lembranças. Do contrário, a autobiografia se torna árida e fatigante (MOISÉS, 1999, p. 50).

No caso do discurso autobiográfico, além desta identidade entre um *eu* que fala e um *tu* que escuta (o escritor como o primeiro leitor de si mesmo), pode-se pensar em uma terceira identidade: um *ele*, de que se fala, confundindo, pelo menos na aparência, com o próprio emissor. Ora, a autobiografia e as memórias estão sujeitas a esta contradição: a objetividade, que julgamos derivar do discurso “sincero”, do *eu* e sobre o *eu*, estará sempre comprometida por uma visão pouco ou nada distanciada deste *eu/outro*. Dessa forma, ao memorialista, “cuja condição é ter um pé na história e outro na ficção” (NAVA, 1985, p. 406), como diria Pedro Nava, interessa eternizar fatos e gentes, inserindo-os no *tempo*, segundo uma história (apenas) possível. Ao falar, portanto, de memória e autobiografia é necessário perceber como esses conceitos se inter-relacionam e se transpõem sem muita rigidez.

No que diz respeito à memória, pode-se também entendê-la a partir de aspectos essenciais da teoria sócio-histórica. Vygotsky (1984) é quem vai relacionar a psicologia individual ao contexto sócio-histórico, mostrando como os processos da memória são desenvolvidos e motivados pela interação social humana. Tal teoria é esclarecedora no sentido de diferenciar os processos primitivos da memória na criança, que não possuem correspondência nos humanos adultos. Ou seja, “a criança lembra para poder pensar e o adulto pensa para lembrar” (VYGOTSKY, 1984 *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 32). Isso implica

dizer que “a memória do adulto é resultante da mediatização da vida social, interiorizada, principalmente, por meio da linguagem verbal” (IBIDEM, p. 32).

Nesse sentido, percebe-se que é o indivíduo que constrói ou desconstrói a sua memória, embora essa construção esteja marcada pelas características do grupo social com o qual ele interage. Partindo da reconstrução pela reminiscência, que se constitui no processo de memória que mais nos interessa, observa-se a reorganização do passado de forma melhorada com o *tempo*, segundo Rubinstein (1967). A reminiscência é, pois, “uma memória mais completa, marcada pelo aperfeiçoamento que o tempo lhe impõe.” (RUBINSTEIN, 1967 *apud* OLIVEIRA, 2001, p. 39).

Dessa forma, é fácil concluir que os fatos vividos são submetidos a um plano lógico, mediados, portanto, por um tempo seletivo e organizador, em que a postura do indivíduo está vinculada a seu interesse. Trata-se, com efeito, de se pensar em uma reconstrução social do vivido e, por isso mesmo, em uma matéria influenciada por informações irrelevantes, por afetos, por valores, por crenças, por pensamentos, por interesses sociais.

O trabalho da obra memorialística/autobiográfica é, sem dúvida, perpassado por vários dos elementos já citados, tais como o afeto e o pensamento. Em sua obra *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*, Ecléa Bosi (1979) reforça tal visão, acentuando a alta função da lembrança, que é reconstruída:

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Aturada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (BOSI, 1979, p. 39).

Na verdade, tanto a autobiografia quanto a memória não visam transmitir o “em si” do acontecido, mas o tecem até atingir uma forma boa, investindo sobre o objeto de modo a transformá-lo. Como se vê, então, lembrar não é reviver o passado, mas sobretudo refazê-lo, através de imagens e ideias do presente. É preciso, portanto, considerar a mudança em termos de ponto de vista, já que a imagem que o autor experimenta na infância não é a mesma que povoa a sua consciência atual, pois o sujeito não é o mesmo, assim como a sua percepção também se alterou e, com ela, as suas ideias e seus juízos de realidade.

Com essa reflexão, somos instigados a pensar na etimologia do verbo “lembrar-se”, em francês *se souvenir*, que significa um movimento de “vir de baixo”: *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso (BOSI, 1979, p. 9). Assim, o afloramento do passado combina-se ou subordina-se à subjetividade das pessoas. Ainda no livro de Ecléa Bosi, William Stern (1957), do ponto de vista psicológico, enfatiza essa concepção extremamente flexível da memória, localizada “a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar” (STERN, 1957 *apud* BOSI, 1979, p. 28). Sobre essa questão, Stern acrescenta:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (Stern, 1957 *apud* BOSI, 1979, p. 28).

Apesar das semelhanças indiscutíveis entre autobiografia e memória, ambas centradas na figura de um narrador em primeira pessoa que se revela, torna-se necessário situar um espaço para cada uma destas possibilidades, ainda que seja difícil distinguir duas formas tão próximas. No que diz respeito à autobiografia, na tentativa de conceituá-la, o teórico francês Philippe Lejeune define o termo a partir de um pacto firmado entre autor e leitor. Dessa forma, o texto para ser considerado autobiográfico poderia ser entendido tanto como um modo de escritura quanto de leitura. No entanto, é importante ressaltar que o “pacto autobiográfico” só é possível se houver uma afirmação no texto da identidade do nome (autor=narrador=personagem), visto que o leitor poderá questionar o que está dito, mas nunca a identidade de quem se inscreve” (LEJEUNE, 2014, p. 19).

Um fato importante é que a própria concepção de autobiografia tem evoluído. Fávero (1999), em sua tese de doutorado, *Aspectos do memorialismo brasileiro*, resalta que muitos autores procuram apontar as ligações entre as esferas do factual e da invenção, pois “essa penetração recíproca parece ser ela mesma um dos elementos responsáveis pela variação de perspectiva ocorrida entre os críticos” (FÁVERO, 1999, p. 16). Em outro momento, no entanto, Fávero comenta sobre um artigo de Robert Bell como uma referência direta à mudança daquela perspectiva crítica, que estava mais propensa a considerar a autobiografia como registros de experiência pessoal do que como obra de arte (BELL, 1985 *apud* FÁVERO, 1999, p. 17). Portanto, a mudança ocorre, provavelmente, em dois aspectos: na

elaboração das autobiografias e no modo de compreendê-las. O juízo de valor acerca do texto deixa de estar preso a critérios de fidelidade com base em depoimentos que podem ser comprovados, já que a mescla entre o factual e a ficção é normal, legítima e, até mesmo, inevitável.

A autobiografia, ao contrário do que muitos pensam, é um tipo de narrativa que não se estrutura em verdades inquestionáveis nem se compõe delas. A impossibilidade de se resgatar o passado em sua inteireza e na sua realidade objetiva tem a finalidade de nos apresentar a verdade como interpretação e produção construída. Para enfatizar a questão, Maria José Motta Viana (1995), no texto “Nas memórias, mulheres de Lot?”, faz o seguinte comentário:

A verdade não se fundamenta na exatidão da realidade referencial. Um texto que se deseja mais próximo do referencial, como é o caso do texto memorialístico, encontra-se de alguma forma sujeito à prova de verificação. No entanto, não se pode esquecer que a realidade referencial não é uma nem coletiva. Ou seja, não há uma realidade única verificável e coincidente aos olhos de todos. Existe uma que é verdadeira apenas tal como aparece ao filtro do olhar de cada um. Desse filtro fazem parte os inevitáveis e involuntários esquecimentos, deformações e erros, elementos composicionais da estrutura identificadora de cada sujeito (VIANA, 1995, p. 39).

Para outros autores, a autobiografia opõe-se à ficção, aproximando-se da história por seu caráter documental. Entretanto, ela “não pode ser tomada como documento histórico, pois é apenas o testemunho do modo como alguém viu-se a si próprio, um outro que atendia pelo nome do eu vivendo sob a ilusão da unidade” (JOZEF, 1997, p. 221). Essa natureza híbrida do gênero implica uma aproximação entre o passado da recordação e o presente da escrita. É, portanto, um discurso ordenador do texto, uma convenção escolhida para poder transgredir.

A autobiografia, tomada como módulo de interpretação da história, deve ser analisada com certa cautela, uma vez que é sempre uma representação de acontecimentos baseada na memória. Nota-se que as fronteiras entre essa e a imaginação tornam-se difíceis de determinar, sofrendo permanente instabilidade. Além disso, como sugere Vladimir Nabokov, “ninguém pode falar de si mesmo em uma autobiografia sem estar consciente da quantidade de ficção que existe na percepção do ‘eu’” (NABOKOV *apud* JOZEF, 1997, p. 223).

Esse gênero complexo, variável e múltiplo, como campo de estudos literários está limitado no tempo e no espaço, pois surge por volta de 1800, na Inglaterra, como uma preocupação específica do homem ocidental. A formação de uma doutrina crítica sobre a autobiografia, assim como a sua delimitação ainda é matéria de questionamento. O mesmo

pode ser dito em relação à memória, por sua vez considerada mais recente ainda, visto que somente da segunda metade do século XIX em diante é que tal literatura conhece um pouco de relevo na produção literária brasileira, matéria do nosso interesse. Segundo Fávero (1999), a presença gradativa dos textos de memória demonstrou que o gênero apresentava potencial considerável de contribuição, no sentido de traçar o perfil do país, na medida em que refletiam o meio em que se situava o autor. “Uma espécie de força auxiliar da ficção no intuito de mapear a realidade brasileira, mesmo que isto não representasse um projeto específico de atuação.” (FÁVERO, 1999, p. 29).

Dessa maneira, é possível entender mais sobre o gênero, uma vez que os textos de memória acabam desempenhando um papel análogo ao do romance e, embora não fosse necessário, ganham muitas vezes vulto artístico, utilizando-se das técnicas dos romances e confundindo-se com eles. Além disso, ainda guardam a importância pela condição de testemunhar a realidade, devido ao parentesco com o discurso histórico.

Do ponto de vista literário, a validade das obras autobiográficas/memorialísticas consiste em expandir os aspectos contingentes da matéria tratada - no caso o relato da vida pessoal - a níveis mais abrangentes, mais universais, imprimindo-lhe por tal meio caráter mais exemplar. No que se refere a esta pesquisa, pretende-se trilhar, junto com o autor-narrador-personagem, os “caminhos” percorridos entre as suas leituras literárias, enfatizando a importância que elas tiveram para a sua formação intelectual.

Na verdade, memórias e autobiografias podem ser vistas como reflexos, onde procuramos rever-nos no que fomos. Contudo, é preciso lembrar que o conhecimento total do *eu* é uma vã pretensão, uma vez que sempre há um espaço entre o desejo de ser e o que se é. A diferença tênue entre as duas narrativas parece estar evidenciada na busca específica para a qual este *eu*, de vida comprovada ou não, se remete. As passagens a seguir resultam, se não em conclusão definitiva, ao menos em considerações que revelem uma boa consistência quanto ao problema pesquisado. Sheila Dias Maciel (2004), no texto “A Literatura e os gêneros confessionais” afirma:

[...] se a busca das memórias equivaleria a de um historiador que procura no passado aquilo que explique o presente e o desenrolar de fatos diversos, na autobiografia o relato se daria segundo critérios que sirvam para reforçar a história de uma personalidade, ou seja, da existência deste eu-narrador. Se nas memórias temos um “eu” que quer tirar do passado uma leitura do mundo, na autobiografia temos um “eu” que quer tirar do mundo o que seja a sua própria história (MACIEL, 2004, p. 85).

Vê-se que há formas diversas de apresentação do *eu*. E mesmo conhecendo as dificuldades de encontrar o caráter distintivo entre formas tão próximas, no caso entre memória e autobiografia, podemos situar um espaço mais ou menos preciso para cada uma dessas possibilidades de escrita confessional.

Maria José Motta (1955), no texto “Nas memórias, mulheres de Lot?” traz outra contribuição a respeito das narrações memorialísticas e autobiográficas:

Tomar consciência da impossibilidade de se recuperar o passado inteiro na sua referencialidade para alcançar uma verdade sobre a identidade do sujeito não significa, absolutamente, que se deva descrever dos relatos memorialísticos e autobiográficos e tributá-los de falsificações ou meras invenções, mesmo sabendo-se do maior ou menor grau de fingimento com que se pode revestir essa narrativa. Ao contrário, essa consciência amplia a possibilidade de se alcançar o caminho da unidade ao persegui-lo no que é diverso e variável (VIANA, 1995, p. 40).

A inteireza do passado, portanto, é algo que não pode ser resgatado. De fato, as lembranças não são marcas de acontecimentos reais, mas de elaborações posteriormente trabalhadas. Por isso, não significa que se deva descrever desses relatos, mas antes reconhecê-los como produções construídas e também claudicantes.

A despeito de toda essa discussão, procedente e elucidativa, é necessário discernir sobre a caracterização dos gêneros em questão, a fim de, inclusive, nos posicionarmos diante de uma leitura, seja ela autobiográfica ou memorialística, já que a classificação das narrativas é também determinada pelo olhar do leitor. Convém ainda lembrar que a própria noção de gênero literário requer uma análise mais profunda. Se, por um lado, ele é tido como um meio de remediar a desordem de uma produção apresentada “livre”, sem categorias determinadas, por outro, funciona como uma espécie de ordem a seguir. O fato é que a predeterminação do conteúdo das produções nunca conseguiu agradar a todos.

Em nome da liberdade do gênio criador, autores do século XIX, como Baudelaire e Mallarmé vão recusar o arbitrário das categorias literárias. A radicalização desse princípio, no entanto, convida-nos à reflexão e é pronunciada, no início do século XX, pelo crítico italiano Benedetto Croce: “Toda autêntica obra-prima viola a lei de um gênero instituído e, assim, semeia a desordem no espírito dos críticos, imediatamente impelidos, assim, a ampliarem a noção de ‘gênero’” (CROCE *apud* STALLONI, 2001, p. 177).

Entende-se, portanto, que memória e autobiografia são gêneros complementares. A predeterminação do conteúdo dos textos, embora continue gerando reflexões, é também uma

maneira de condicionar a direção a seguir. Ou seja, ainda que exista a liberdade do leitor em relação à classificação das narrativas, uma chave de leitura é oferecida a ele. No subcapítulo seguinte, teremos mais detalhes a partir da escolha de Vivaldi Moreira ao nomear o subtítulo do livro. Uma pista é dada pelo escritor no que diz respeito à elaboração de suas recordações. Com isso, é possível ter um pouco mais de clareza sobre os fatos que deverão ser revelados, porque são de interesse de quem antes os selecionou.

2.2. Memórias sincopadas

O menino da mata e seu cão Piloto (402 p.) foi publicado em 1981, pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, experimentando singular repercussão, com a edição esgotada em menos de três meses. A capa é baseada em um traço de Sara Ávila e apresentação de Márcio Garcia Vilela. Essa edição representa o corpus da pesquisa.

O livro de memórias de Vivaldi Moreira foi lançado no dia 24 de setembro, terça-feira à noite, no Palácio das Artes. O governador na época, Francelino Pereira, esteve presente e o oftalmologista e acadêmico Hilton Rocha fez uma saudação ao escritor. Ele falou da importância do livro de memórias, “quando se tem uma vida rica, sob todos os aspectos, como a de Vivaldi.” Lembrou ainda o começo de sua amizade com ele, “há quase meio século”, enfatizando as qualidades intelectuais e a perseverança do escritor.³ O livro também foi inserido na Coleção Reconquista do Brasil (2ª série), em edição comemorativa Brasil 500 anos, publicado no ano 2000, pela editora Itatiaia. Nessa segunda edição, ele recebe o título de *O menino da mata – Crônica de uma Comunidade Mineira*. Um capítulo, no entanto, é excluído: “Depoimento dos Cinquenta anos”, presente na primeira edição, pelo fato do escritor entendê-lo como uma espécie de confissão. Mas trata-se de entrevista realizada por dois órgãos de imprensa de Belo Horizonte, quando Vivaldi Moreira completou cinquenta anos e julgou que as suas respostas às perguntas realizadas deveriam fazer parte da obra, como um “retrato moral do autor ao atingir uma idade limite” (MOREIRA, 1981, p. 359). Seguem as edições:

³ MOREIRA, Pedro Rogério Couto. *Centenário de Vivaldi Moreira- Fortuna Biográfica*, 2012, p. 158.



Figura 4- Capa da 1ª edição.

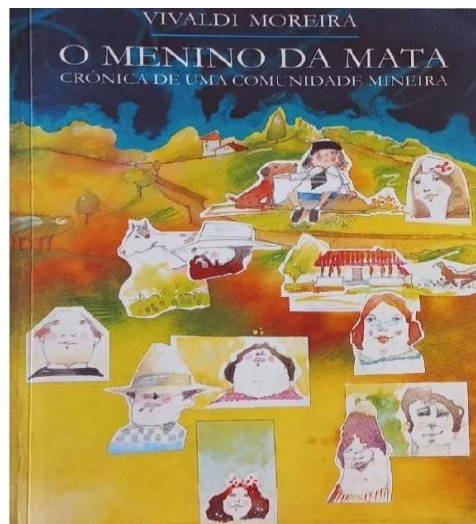


Figura 5- Capa da 2ª edição.

O título é uma espécie de paráfrase de um conto infantil anônimo que a mãe do autor, D. Tita, narrava constantemente aos filhos. Trata-se de um menino chamado Guilherme, que após a morte do pai, o lenhador Antônio, ficou entregue aos cuidados dos irmãos mais velhos. Incomodados com a sobrecarga de Guilherme e, temendo serem denunciados pelo menino por caçarem os veados do rei, os irmãos mais velhos, em vez de matá-lo simplesmente, decidem deixá-lo perdido na floresta. Depois de abandonado, o menino encontra o fiel Piloto. Sucessivos episódios acontecem até Guilherme atingir a casa de uma velha, desprezada há muito pelo pai do menino que lhe narra a história e se reconhecem avó e neto. No entanto, a história não termina assim. Anos depois, os irmãos mais velhos, famintos e esfarrapados batem à porta e recebem a ajuda do caçula, outrora entregue à sorte e agora homem bem afazendado (MOREIRA, 1981, p.18-19).

Vivaldi Moreira se atém ao exemplo da maldade recompensada com a bondade. Essa história ensinou-lhe os valores da lealdade, clemência, brandura e, ao mesmo tempo, bravura e coragem, respectivamente, características formadoras da personalidade do seu pai e da sua mãe.

Graciliano Ramos, em seu livro de memórias, *Infância*, escreve um capítulo com o mesmo título do livro de Vivaldi Moreira: *O Menino da Mata e seu Cão Piloto*. Entretanto, Graciliano revela um conflito entre a vontade de ler o livro e uma proibição, que o atormentava:

Descobri um folheto de capa amarela e papel ordinário, cheio de letras miúdas, as linhas juntas, tão juntas que para um olho inexperiente os saltos e as repetições eram inevitáveis... Creio que isso me apareceu depois do meu acesso de religião. Deve ter sido por aí. Os santos que se penduravam nas paredes do meu quarto cresciam demais. Diminuíram e foram substituídos pelos seres que povoavam as histórias volumosas. (...) Por que brigaram no meu interior esses entes de sonhos não sei. Julgo que foi por causa de uma proibição, terrível proibição, relativa à brochura de capa amarela. Alguém a deixou na loja (RAMOS, 2003, p. 217-218).

Percebe-se que a leitura é limitada por fatores que impedem o leitor inexperiente de usufruir melhor da história, como o desenho de letras miúdas e as linhas juntas. Por outro lado, verifica-se também a interdição relativa ao material de leitura considerado inapropriado e, por isso, proibido.

Em outra passagem, o autor de *Infância* conta que mostra o achado a sua prima, Emília, que além de ficar horrorizada, aconselha o menino a não ler, porque aquilo era pecado. Diante dos questionamentos de Graciliano, ela se recua pálida e com receio de se contaminar, vira o rosto, insistindo que era pecado. Ainda que a criança aventurasse a discutir a questão, a explicação da prima incutia o medo e era sinal de desaprovação:

- Pecado por quê, Emília?
Porque o livro era excomungado, escrito por um sujeito ruim, protestante, para enganar os tolos. Objetei que o menino e o cachorro procediam como cristãos. Respondeu que o perigo estava aí: quando o diabo queria tentar as pessoas, simulava boa aparência, escondia os pés de pato e dava conselhos razoáveis. Depois mostrava as unhas e o rabo, cheirava a enxofre, levava a gente para o inferno. Ignorante e novo, eu não sabia o que era certo ou errado, mas se o livro tinha procedência má, boa coisa não podia ser. Afirmei que ele não tinha má procedência; Emília espiou de longe as letras da capa, discordou, afastou-se cheia de repugnância (RAMOS, 2003, p. 219).

O capítulo todo narra esse misto de desejo e de medo, causado pela proibição. O narrador sente-se preso à história, mas ao mesmo tempo, o receio das retaliações, bem como a ideia de pecado ou possibilidade de indiferença por parte dos seus familiares perturbavam Graciliano. Os protestantes, os diabos eram para ele “entes remotos e confusos” (RAMOS, 2003, p. 222) que o enchiam de pavor. Com a cabeça cheia de “horríveis perigos” (IBIDEM, p. 222), ele termina o texto: “Ai de mim, ai das crianças abandonadas na escuridão. Chorei muito. E não me atrevi a ler *O Menino da Mata e o seu Cão Piloto*.” (IBIDEM, p. 222).

O conteúdo da história *O menino da mata e o seu cão Piloto* revela elementos indecorosos, que podem explicar a proibição do livro. Talvez a crueldade dos irmãos de Guilherme, assim como, o descaso do seu pai em relação à sua avó fossem fatores muito indignos, como na verdade são, mas que para a época ganharam uma dimensão maior, sobretudo pela influência religiosa.

Enquanto Graciliano Ramos temia essa leitura, Vivaldi Moreira se regozijava ao ouvir a voz de sua mãe, o que nos faz pensar também no papel dos mediadores de leitura e nas diferentes experiências em relação à mesma história. No caso de Vivaldi, os aspectos negativos da vida foram vistos por outra ótica. Ou seja, não prevaleceu o medo, mas a lição da vingança proscrita e substituída pelo perdão.

Com as duas imagens na memória: um menino e um cão, o autor desenvolve a elaboração das demais. O cão Piloto do conto é reproduzido no Loide, “um cachorro exemplar pela inteligência e fidelidade” (MOREIRA, 1981, p. 18), que vigiava a todos, inclusive a irmã mais nova de Vivaldi, Ana Maria, então deitada no berço, enquanto a mãe cuidava dos afazeres da casa. É como o próprio menino da mata que o escritor se sente, tece a sua história e confessa:

Aqui se narram as aventuras inocentes de um menino cheio de sonhos, nascido e criado em ambiente adverso aos lances do espírito e que, com sua força interior, conseguiu sobrepor-se ao meio, vencer obstáculos, para poder legar aos pósteros aquilo que ele entende ser os valores nos quais devemos engajar e lutar bravamente, como tenho lutado. Também nas narrativas contidas aqui se encontra a justificação de tudo o mais que nos outros volumes se contém (MOREIRA, 1981, p. 18).

A obra recebe o subtítulo de memórias sincopadas. O nome síncope, do grego *syncopé*, ‘ação de cortar’, revela que há uma seleção sobre aquilo que será dito. Na entrevista intitulada “Conversas de um ‘menino da mata’”, Vivaldi Moreira diz ao jornal *O Lutador*, de 24 de outubro de 1981, a respeito do seu livro: “Eu as chamei memórias sincopadas, porque não conto uma história ininterruptamente. Eu elaborei uns tantos quadros desta infância,

compostos de pessoas humildes, aquelas que vivem no meu meio, e as coloquei em meu livro” (MOREIRA, 1981, p. 7).

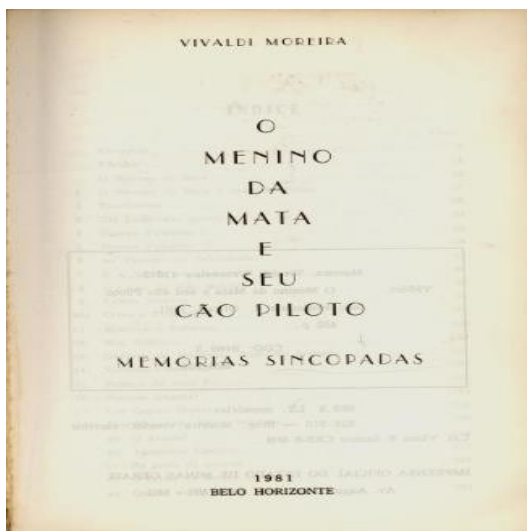


Figura 6- Folha de rosto do livro de memórias.

Na mesma data, ao responder ao jornal *O Lutador*, sobre a história do livro, Vivaldi Moreira considera que não há propriamente uma história, mas a sua “biografia da infância” (MOREIRA, 1981, p. 7). E ressalta a importância dos quadros selecionados para falar das pessoas que os compuseram: “Foi com elas que eu realmente aprendi a viver. Estas criaturas que descrevo são as que me deram tudo na vida. O meu livro é isso, um livro de amor e reconhecimento. Todos os personagens são reais e estão com os próprios nomes” (IBIDEM, p. 7).

Nascido em Tombos (28 de setembro de 1912) e criado em São Francisco do Glória, ambos distritos de Carangola, o escritor reconstruiu a sua infância feliz, considerada no seu livro até os cinquenta anos, idade em que perdeu o pai. “Contava eu cinquenta anos, completados quinze dias antes de seu falecimento, mas senti-me como órfão. Verifiquei, então, que minha infância terminava naquela data.” (MOREIRA, 1981, p. 171). Mesmo reconhecendo a arbitrariedade do fato, o “menino da mata” não abriu mão de se referir à infância, ainda na idade mais adulta. Segundo Vivaldi Moreira, em entrevista a Airton Guimarães, no dia 11 de novembro de 1981, ao jornal *Estado de Minas*: “[...] único período interessante. A infância é que é o celeiro do homem. Quem não teve infância não tem vida” (MOREIRA, 1981 *apud* GUIMARÃES, 1981, p. 2).

A narrativa continua até a sua formatura em Direito, no Rio de Janeiro. O autor ainda adiciona como complemento ao livro algumas páginas do seu diário. O volume é encerrado com o “Depoimento dos Cinquenta Anos” e um apêndice em que estampam os estudos “Zona da Mata”, evocando a visita do governador Milton Campos à região⁴ e “A Mata Mineira”.

Vivaldi Moreira afirma que sempre desejou escrever um estudo sociológico sobre a mata mineira. No capítulo de mesmo nome, o autor diz ter conseguido alguma documentação e realizado algumas pesquisas, mas a essa tarefa ele não pôde se dedicar, em virtude de uma vida cheia de compromissos imediatos. Para uma pesquisa com critério científico, Vivaldi sabia que era preciso muita devoção. Por isso, nas últimas páginas do livro, o escritor deixa como incentivo a um provável autor do futuro um roteiro elaborado por ele. O índice é fruto de longa meditação e pretende contribuir com aqueles que quiserem retomar a ideia e desenvolvê-la (MOREIRA, 1981, p. 378-381).

O volume é encerrado com um glossário das pessoas que nele comparecem e Vivaldi dá continuidade às suas memórias, mas em outro formato, que constitui pequena parte do seu enorme diário, recortado entre o período de 28 de julho de 1975 a 20 de março de 1977 na obra *Memorial a Destempo*, publicada em 1986.

No decorrer de quatrocentas páginas, é possível percorrer a trajetória de Vivaldi em sua vida de menino e jovem, dos quatro aos vinte e cinco anos, a relação com sua família e amigos, sua terra natal e seu contato com a natureza e os animais, sua formação humana e intelectual. O escritor é detalhista em suas anotações de tempo e espaço, sobre acontecimentos, pessoas, paisagens, flora e fauna e apresenta uma Minas dos primórdios do século XX.

Várias são as lembranças de Vivaldi Moreira distribuídas em dois tempos na construção memorialística: as que dizem respeito ao menino da Fazenda do Tanque e o da escola das primeiras letras, bem como do jovem no Ginásio de Jequitibá, de Carangola e na Faculdade de Direito. Já o segundo tempo, trata-se do presente vivido sob a perspectiva do

⁴ MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão Piloto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1981, p. 373-377. Capítulo do livro em que o escritor conta sobre a jornada de Milton Campos à Zona da Mata Mineira, terra natal do governador, ressaltando os rendimentos políticos, mas também as virtudes daquele homem.

adulto, homem estabelecido em Belo Horizonte, com as responsabilidades profissionais e familiares, sem maiores ambições financeiras e reconhecendo o menino que nele ainda habita:

Por mais que ganhe um alto funcionário, como o sou, sempre tem de regrar a vida. Enquanto o cavalo trota, volto a ser o menino da Fazenda do Tanque, que ainda de manhã recordava. Vivo intensamente o momento, comparando-o ao passado (MOREIRA, 1981, p. 270).

A saudade da infância e o apreço de Vivaldi Moreira por sua terra natal fizeram o escritor, ao mudar para Belo Horizonte, encomendar ao artista austríaco Julius Kaukal,⁵ residente na cidade, um vitral que foi colocado no mezanino de sua casa, como forma de cultuar a Fazenda do Tanque, considerado lugar sagrado para o memorialista, que teria sob a luz natural do sol batendo no vitral, a imagem do seu passado iluminando o seu presente. Nas palavras escritas pela professora Letícia Malard, o sentido é reforçado:

É por isso que, na sua residência, em Belo Horizonte, ele erigiu um vitral com cenas de sua vida de criança na fazenda, e não foi gratuito o fato de ser um vitral-ornamento típico das igrejas desde épocas pretéritas, para permitir iluminação quando não havia luz artificial. Numa ação ritualística, semelhante à religiosa, transferia para o lugar de honra de seu lar do presente uma representação de suas raízes, cultuando-a com fervor e para sempre. Iluminando com as luzes do passado (MALARD, 2012, p. 67).

No livro *O menino da mata e seu cão Piloto*, Vivaldi Moreira relata o significado desse feito e a sua intenção:

Ao decidir fixar-me nesta minha casa da rua Professor Moraes, 600, até quando Deus quiser, remodelei-a a meu gosto, e fiz gravar em vidro fosco inglês um traço, um esboço, um friso, como frágil inscrição de meu passado feliz, representando a sede do governo do *Pais do Tanque*. Coloquei o vitral na sala da maior frequência, mas no recesso do lar. Está ali como recordação da infância e lição aos descendentes. Quero, sempre, que olhem para o retângulo de vidro e meditem que ali me encontro de corpo inteiro – o pai e o avô – naquele símbolo, que não é adorno, mas inscrição, como aquelas que Gaston Boissier, meu erudito predileto, estuda nos monumentos arqueológicos de Roma e no cotidiano do Império que ensinou ao mundo o que é a Força, o que é o Direito e, também, paradoxalmente, a lição final da transitoriedade de tudo, da decadência, mas não do esquecimento (MOREIRA, 1981, p. 286).

Em visita ao hotel Holiday Inn, em Belo Horizonte, encontrei em um salão, o vitral que era de Vivaldi. Abaixo da paisagem desenhada havia uma placa com o seguinte dizer: “Fazenda do Tanque, Carangola/MG, 1960, onde nasceu Vivaldi Moreira.” Ao lado, também havia uma fotografia do escritor, exposta em um quadro com esta frase: “Em memória ao

⁵ Desenhista, litógrafo, designer gráfico. Julius Kaukal (1897-1995) foi um dos participantes do Salão do Bar Brasil ou Exposição de Arte Moderna de 1936: primeira manifestação modernista coletiva nas artes plásticas, que buscou problematizar a realidade das artes em Belo Horizonte. Procurou subverter os cânones acadêmicos e questionar a institucionalização da arte. As obras foram expostas no subsolo do Cine Brasil.

Conselheiro Vivaldi Moreira, escritor, professor e acadêmico, nascido em Tombos do Carangola. Proprietário da antiga residência onde hoje se encontra este hotel.”



Figura 13 - Fazenda do Tanque, 1960.
(Arquivo pessoal: foto de Lilian Carvalho, em 2021).

Ao ser indagado se amava outra arte além da literatura, Vivaldi responde em seu livro de memórias: “Entre as artes, a música em primeiro lugar, me deleita. Ambicionava ter um filho virtuose. Não me deram este prazer. Depois, vem a literatura e a pintura” (MOREIRA, 1981, p. 362). Isso também para dizer que ao cursar a disciplina de Mestrado Literaturas Modernas, Contemporâneas e outras Artes e Mídias: Poéticas do Iconotexto, ministrada pela professora Márcia Maria Valle Arbex, na UFMG, descobri manifestações do pictural na escrita memorialística de Vivaldi Moreira.

Embora não seja a proposta da pesquisa neste momento, foi interessante perceber as implicações que a interposição do visual sugerem à narrativa e à recepção do texto. O léxico escolhido, por exemplo, é essencial para traduzir o encantamento que habita os olhos do memorialista, em um quadro quase visível ao leitor: cena típica de fazenda do interior, com um menino na janela, avistando um trem. No entanto, é a forma como a cena é exposta que convoca a imagem pictural, inclusive, convidando a cada um a acessar também o seu repertório de imagens. A Fazenda do Tanque se materializou em um vitral, mas é também pela força da palavra despertando emoções de imagens, que o escritor “desenha” esse quadro para o leitor:

Que maravilha uma viagem marcada para Carangola ou Tombos e a partida ainda antes da aurora. A estrela matutina, o planeta Vênus, lucila com sua luz diamantina e os animais emitem um ruído semelhante ao da esternutação humana, ao do nosso espirro, ao galgarem as manhãs frias, um ventinho cortante enrijecendo nosso rosto e

dando a sensação do desaparecimento das orelhas e do nariz são fixados em nossa memória de permeio às paisagens alpestres, de montanhas cobertas de musgo, a serra do Barroso, o sol despontando a medo do novelo das nuvens de julho. Tudo isto vale muito mais do que os custosos quadros de pintores famosos. Não trocaria uma dessas paisagens matinais – que trago todas muito bem dispostas em meu mundo interior e sempre à disposição da vista – por um Gainsborough, um Velasquez, um Goya, um David, um Rembrandt, um Portinari. Não há Utrillo ou Matisse modernos, ou Van Gogh tonto de luz, que se compare a um quadro, que conservo pintado na memória, da lombada da Fazenda com o gado bovino e muar pastando ao por do sol. Não custaram nada e valem milhões. Não há pecúnia que os compre. Estão incorporados ao meu tesouro. Na minha retina, figuram painéis e episódios formando a mais rica e inviolável das pinacotecas, infinitamente superior à do Louvre ou à do Museu do Prado. Passeio em suas galerias nos momentos de júbilo, de melancolia, de contrariedades ou de tédio (MOREIRA, 1981, p. 297- 298).

O subtítulo “memórias sincopadas” indica, pois, uma explicação em relação ao conteúdo exposto. Isto é, não uma história ininterrupta de uma vida, mas sobretudo, a elaboração de quadros escolhidos da infância. Vivaldi Moreira, embora fale de si, uma vez que é autor-narrador-personagem, faz questão de enfatizar que recorda só da infância. É a partir das pessoas, dos animais, do grupo social com o qual interage, que se sabe mais sobre ele. A Fazenda do Tanque, internalizada pelo escritor, torna-se quase um estado de espírito, sua expressividade também na escrita, suscitando ao leitor as emoções de imagens por meio de uma linguagem poética, na tentativa de oferecer ao outro o quadro que ele conservou pintado na memória.

2.3. A gênese do intelectual

Antes de percorrer o itinerário de leituras literárias de Vivaldi Moreira e, assim, acompanhar o seu processo de formação intelectual, proponho partir da etimologia da palavra, segundo Maria Zilda Ferreira Cury (2008), bem como da cena primária de sua aparição, no espaço público:

Do latim *intellectualis*, de que a palavra intelectual deriva, conservou-se o sentido de ‘relativo à inteligência’. Decompondo-se a palavra temos: *intus*, para dentro e *lectus*, participio passado de *legere* (ler). Ler (para) dentro das coisas, para seu interior. Mas o sentido etimológico do verbo *legere* “postula certa intensificação do fato social”, na medida em que aponta para uma dimensão de exterioridade. Ler, pois, pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual dos dois movimentos: para dentro de si e para fora de si. Alargando o sentido ainda a partir da etimologia da palavra, saliente-se a condição intermediária do intelectual, sua função mediadora (CURY, 2008, p. 13).

Em seu texto “Intelectuais em cena”, Cury (2008) apresenta uma visão panorâmica e introdutória sobre a questão. Muitos nomes importantes do meio cultural têm se dedicado às tentativas de definir o papel do intelectual, desde Jean Paul Sartre, considerado o último intelectual, até os intelectuais modernos. Sem pretender abarcar todos, penso a princípio na questão que animou os debates da intelectualidade mineira no final dos anos 20, que pressentiam grandes mudanças políticas e sociais no país. O que estava em discussão era se os intelectuais deveriam dedicar-se exclusivamente ao culto das ideias, sem o envolvimento com as questões políticas e embates ideológicos que aconteciam na esfera pública.

Em seu livro, *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*, Sérgio Miceli (1979), apresenta no capítulo “Os intelectuais e o Estado” algumas informações que condizem com a atuação de Vivaldi Moreira. A primeira constatação de Miceli é de que quase toda a literatura brasileira, tanto no passado quanto no presente, é uma literatura de funcionários públicos. Dentre outros escritores citados, Raul Pompeia, como diretor de estatística do *Diário Oficial* e da Biblioteca Nacional e Olavo Bilac, como inspetor escolar no Rio de Janeiro, aparece também Machado de Assis. “Nossa figura máxima, aquela que podemos mostrar ao mundo (...) foi um diretor-geral de contabilidade do Ministério da Viação.” (MICELI, 1979, p. 129).

Outra percepção de Miceli (1979) diz respeito ao regime Vargas, em que as proporções consideráveis a que chegou a admissão dos intelectuais concedeu-lhes o acesso aos postos e carreiras burocráticos em variadas áreas do serviço público. No entanto, ao se referir às relações entre os intelectuais e o Estado, o regime Vargas tem uma diferenciação: “define e constitui o domínio da cultura como um ‘negócio oficial’” (MICELI, 1979, p. 131). Isso implicava em um orçamento próprio e a intervenção em todos os setores de produção, divulgação e conservação do trabalho intelectual e artístico.

O grande número de intelectuais convocados para o serviço público causou um processo de burocratização das carreiras que se distanciou da concessão de postos e vantagens com que os políticos oligárquicos costumavam presentear seus favoritos. Ou seja, se na Primeira República a convocação dos intelectuais se realizava em conformidade com a rede de relações sociais, bem como as diversas tarefas que realizavam estavam quase inteiramente ligadas às demandas privadas ou às organizações da classe dominante, a aceitação das novas categorias de intelectuais mesmo dependente de relações sociais passa a sofrer cada vez mais

a mediação por êxitos escolares e culturais cujo peso cresce à medida que também se acentua a concorrência no interior do campo intelectual. A mudança nas relações entre os intelectuais e a classe dominante é explicitada por Miceli (1979) na seguinte passagem:

Enquanto os anatolianos contavam com as prebendas que os dirigentes oligárquicos lhes ofertavam como paga por serviços prestados, os intelectuais do regime Vargas estavam muito mais vinculados aos figurões da elite burocrática do que os dirigentes partidários ou às facções políticas de seus respectivos Estados. Os anatolianos participavam direta e ativamente das campanhas eleitorais de seus mandachuvas ou de candidatos por eles indicados, ao passo que os intelectuais do regime Vargas se empenhavam sobretudo em ampliar, reforçar e gerir as „panelas“ burocráticas de que faziam parte e só se sentiam credores de lealdade em relação ao poder central. Desta maneira, os intelectuais contribuíram decisivamente para tornar a elite burocrática uma força social e política que dispunha de uma autonomia relativa tanto em relação aos interesses econômicos regionais como em relação aos dirigentes políticos estaduais (MICELI, 1979, p. 132).

Enquanto os anatolianos não conseguiam diferenciar a produção intelectual da prestação de serviços políticos, os intelectuais da Era Vargas ampliaram o espaço de autonomia em que atuaram. Duas publicações em relação ao escritor Vivaldi Moreira servirão de espelho para continuarmos analisando o trabalho intelectual e o trabalho político. Em 28 de setembro de 1962, Mário Matos escreve o artigo “Semeador de ideias”, para o jornal *O Diário*:

Se há uma definição que se ajusta a Vivaldi Moreira é a de ser um semeador de ideias, condição que o torna como criatura marginal em nossa época, na qual a luta se trava entre os homens pela conquista habilidosa de emprego, de posição política e de dinheiro, à força de trapaça e mentira. Curioso é que ele mesmo sabe disso, conforme se colhe reiteradamente em seus escritos em livro, jornal, revista. Sabemos, não o pratica. Por esta razão conquista as melhores amizades entre os intelectuais mais eminentes do Brasil e fora do Brasil, no entanto sopitado ou esquecido pelos homens de mando em nossa terra. E, de fato, que serviço lhes poderá prestar se, em face de qualquer problema, apresenta sempre as restrições de seu pensamento e de suas ideias? Mas também, quem manda Vivaldi ficar enconchado em sua biblioteca numerosa e selecionada, da qual tem memória tópica extraordinária? E tem lido tanto, que dá notícia de tudo. Conversá-lo é ato de aprendizagem e descortino, sobrando no sentido de podermos prever os acontecimentos. Sua inteligência e cultura revestem-se de feição providente. (MOREIRA, 2012, p. 103-104).

No livro *Centenário de Vivaldi Moreira - Fortuna Biográfica*, Pedro Rogério Couto Moreira (2012), conta que Vivaldi se encontrava na Associação Comercial, como advogado e editor do boletim da entidade, quando ocorreu o Manifesto Mineiro, o primeiro grito nacional contra a ditadura do Governo Getúlio Vargas, “um dos mais importantes eventos daquela década na história de Minas e do Brasil” (MOREIRA, 2012, p. 62).

Segundo Pedro Rogério (2012), “a Associação Comercial era aqui em Belo Horizonte um substitutivo da Assembleia Legislativa” (IBIDEM, p. 62), devido à proibição da vida político-partidária no país, Congresso fechado, partidos políticos extintos. As sessões plenárias eram concorridas e “os temas econômico-financeiros, abordados pelo viés da conjuntura política, isto é, da opressão, da falta de liberdades públicas então reinantes”. (IBIDEM, p. 62).

O manifesto é de 24 de outubro de 1943. Vivaldi Moreira não figura entre os 93 signatários do documento político. “E ele veio a lamentar profundamente essa ausência.” (IBIDEM, p. 62). Após dois anos do ocorrido, com o país já libertado da ditadura, ele registra em seu diário:

São 11 horas da noite. Retorno da cidade. Ouvei o alarido que faziam os políticos num restaurante do Edifício Mariana. É que os signatários do Manifesto dos Mineiros comemoram, hoje, com um banquete, seu segundo aniversário de lançamento. (...) É verdade que me abstive de incorporar o meu nome, sem nenhuma significação aliás, ao lado dos novos incondientes. (...) Acreditava o rabiscador destas linhas que se não devia atacar o Grande Conspurcador a não ser pela frente, pela insurreição direta. (...) Disso tudo o que importa é que tenho a coragem de deixar aqui, neste diário, uma espécie de retratação, um pouco do meu arrependimento. Questão do modo de entender os métodos de combate. Reconheço hoje o meu erro (MOREIRA, 1945 *apud* MOREIRA, 2012, p. 62-63).

Pedro Rogério exalta a sinceridade e a coragem do pai na sua vida de jornalista, na magistratura que veio a exercer no Tribunal de Contas, na conduta acadêmica e na vida pessoal. O seu lamento foi publicado em um dos capítulos de seu livro *Glossário das Gerais*. “Acontecesse de outro modo, teria sido Vivaldi o mais jovem entre os signatários do manifesto que teve o condão de arregimentar pela primeira vez as forças dispersas contra a ditadura.” (MOREIRA, 2012, p. 63). Com isso, percebe-se que se o pensar crítico como característica do intelectual, oposto do agir prático, propicia questionamentos e controvérsias em todas as épocas, nas décadas de 1930 e 1940 representou verdadeiro divisor de águas da intelectualidade brasileira e mineira, em particular. Durante o governo Vargas, muitos intelectuais brasileiros saíram das limitações de seus círculos de influência para se posicionarem claramente em relação ao poder político do momento. Embora não tenha participado do Manifesto dos Mineiros, nos Anais da Assembleia Legislativa de 17 de junho de 1982 há uma declaração do Deputado Juarez Hosken sobre o escritor:

Jovem observador e culto, dotado de raro senso crítico e incontida insatisfação perante os problemas de sua época, Vivaldi Moreira manifestava, como todo

democrata, sua repulsa à perpetuação da ditadura estadonovista e clamava pela redemocratização do País. Com a queda da ditadura, em 1945, e a ascensão de Milton Campos ao Governo do Estado, ele foi chamado para exercer o cargo de chefe-de-gabinete do Secretário das Finanças, Magalhães Pinto. Irrequieto intelectualmente, jamais deixou de pesquisar, pensar e escrever. (...) Sua contribuição às atividades jurídicas e literárias do Estado e do País valeram-lhe o reconhecimento do povo e do Governo, tendo sido distinguido com a Grande Medalha da Inconfidência, além de ser agraciado por um Governo estrangeiro, o da Itália, que lhe outorgou a Medalha do Mérito Cultural daquele país irmão (...) (MOREIRA, 2012, p. 178).

Em seu livro *Os intelectuais e o poder*, Norberto Bobbio (1997), constata o fato de que muitos intelectuais não se identificam com a classe política, apesar de se dedicarem a maior parte da sua atividade ao estudo e análise de problemas conectados ao âmbito político. O que não se pode negar, no entanto, é que até quando existir a figura do político profissional, ele vai “provocar a sobrevivência ao seu lado, e quase como um reflexo, do intelectual profissional” (BOBBIO, 1997, p. 82).

A teoria mais perfeita, completa e coerente, para se transformar em uma decisão, deve ser adaptada às circunstâncias, de acordo com Bobbio. Em uma condição de liberdade de opinião e, portanto, de consenso e de dissenso, o autor considera o mundo das ações políticas muito mais complexo, variado e problemático do que o mundo das ideias. Enquanto a tarefa do intelectual é a de “agitar ideias, levantar problemas, elaborar programas ou apenas teorias gerais; a tarefa do político é a de tomar decisões” (BOBBIO, 1997, p. 82).

Na perspectiva de Bobbio, toda decisão abre a escolha de diversas possibilidades, considerando que toda escolha já é necessariamente uma limitação, uma afirmação e uma negação ao mesmo tempo. Quem cria ideias ou as manipula tem a tarefa de influenciar ou desaconselhar, de encorajar ou desencorajar, de propor, de estimular as pessoas às quais se dirige a adquirirem uma opinião sobre as coisas. O político, por sua vez, desse universo de estímulos variados, às vezes opostos e contraditórios, tem a tarefa de extrair uma linha de ação. “A prática tem suas razões que a teoria pode não conhecer.” (BOBBIO, 1997, p. 83).

Em outro momento, em relação à presença da cultura e responsabilidade dos intelectuais, Bobbio ainda traz uma consideração que nos ajuda a pensar no indivíduo que perde a própria identidade e se perde ou se anula no grupo, mostrando-se a todos, “não obstante a variedade de costumes, dos regimes e das civilizações, como iguais” (BOBBIO, 1997, p. 100). Por isso, chama atenção para o termo “homem-massa” (IBIDEM, p. 100) a fim

de alertar sobre a ética de grupo que prevalece sobre a ética individual. Ou seja, minha ação é imputável ao grupo de que faço parte e somente o grupo, independentemente da ação que execute, inclusive a qual eu pessoalmente não aprovo, é responsável por ela. A seguinte passagem elucida também o comportamento de Vivaldi Moreira ao fazer suas escolhas, no sentido de ultrapassarmos a dicotomia entre ideia e ação, para refletirmos sobre a sua responsabilidade intelectual:

Prefiro falar mais de responsabilidade a falar de engajamento porque importa não que o homem de cultura se engaje e ou não se engaje, mas por que coisa ele se engaje e de que modo ele se engaja, assumindo todas as responsabilidades da sua escolha e das consequências que dela derivam. É apenas com base nessas responsabilidades, e apenas nelas, que ele deve ser julgado, e não com base no fato de que tenha se engajado por essa ou aquela parte, ou tenha preferido não se engajar por nenhuma das partes, pondo-se acima do combate ou retirando-se para o deserto para rezar (BOBBIO, 1997, p. 100).

No capítulo de *O menino da mata e seu cão Piloto*, “Depoimento dos Cinquenta anos”, Vivaldi Moreira, ao ser perguntado se estudava e lia por prazer, responde: “O homem de cultura no Brasil raramente se encontra no *front* político. Mas é sempre indispensável na retaguarda” (MOREIRA, 1981, p. 366). Em relação a uma parcela considerável de intelectuais que se caracteriza pela ausência, o escritor explica:

E por quê? Porque, realmente, repugna ao pensamento certo malabarismo, certa dose de hipocrisia, insinceridade ou demagogia, que são necessários ao êxito político. Os intelectuais, em geral, são “*gauches*” na atividade política brasileira, precisamente porque a luta política entre nós se fere em círculos alheios às ideias, às doutrinas. As clientelas políticas são aqui mantidas e manobradas por interesses diferentes. Ninguém, entre nós, nem mesmo os intelectuais, vota em ideias. Nós votamos em interesses imediatos, em afeições, em pressupostos emocionais, enfim. Nunca por um programa, por uma ideia. Não temos organizações partidárias fundadas em doutrina. Os partidos são agrupamentos de amigos, mas acontece, às vezes, que alguns estão do outro lado. E daí o que sucede sempre... (MOREIRA, 1981, p. 366).

Ainda no mesmo capítulo, diante do vasto conhecimento, Vivaldi é questionado pelo fato de não ter entrado na política. Ele responde:

Sim, considero-me homem público, embora não um político, pelas razões já alegadas. Mas costumo dizer que nasci sob a Constelação do Cão. Ninguém ouviu meus latidos. Preocupo-me com aquilo que os políticos desprezam. O jornalismo que faço, há trinta anos, é uma atividade pública (MOREIRA, 1981, p. 367).

O escritor, na ocasião dos seus cinquenta anos, pondera ter chegado a essa idade satisfeito e com tranquilidade, sintetizando a sua trajetória:

Não causei nenhum dano de maiores consequências a meu país. Em algumas oportunidades, procurei servi-lo com zelo. E se tivesse de viver outra vida,

procuraria vivê-la, se possível, igualzinha à que vivi até hoje: apagada, medíocre, mas consciente, extremamente preocupado com o semelhante, alheio a mim mesmo e livre - livre como um pássaro, como tenho sido (MOREIRA, 1981, p. 367).

Alceu Amoroso Lima, também conhecido por Tristão de Athayde, um dos mais importantes intelectuais brasileiros do século XX, na publicação do artigo “O Segredo da montanha”, no *Jornal do Brasil*, em 12 de março de 1982, realiza o seu parecer sobre o livro de memórias, de Vivaldi Moreira:

Dentro de uma pura tradição da psicologia social montanhesa, Vivaldi Moreira não nos dá apenas o quadro de sua vida modelar de filho de tropeiro que se alçou, por seu mérito pessoal exclusivo, à categoria do mais alto plano cultural, tipicamente mineiro. O autor classifica essas suas confissões, como sendo “o último livro romântico que se publicará no Brasil.” Na realidade, é um livro profundamente clássico, como o estilo barroco das igrejas mineiras. Justamente por serem essas memórias baseadas no mais puro realismo doméstico, sem arabescos inúteis e na mais pura naturalidade de estilo, é que já as podemos colocar entre os clássicos do próprio humanismo brasileiro. Raramente em nossa história cultural nos deu retrato tão fiel do que deve ser uma elite ligada às massas populares. A sapiência dos cultos unida à sabedoria espontânea dos incultos. Tanto no pensamento como no estilo (ATHAYDE, 1982 *apud* MOREIRA, 2012, p. 187).

Tristão de Athayde, em seu papel de professor, uma vez que também foi crítico literário, transitando entre produção artística, política e ensino, dizia aos seus alunos que deveriam escrever quando não pudessem deixar de o fazer. E assim, discorre sobre a vocação de escritor, explanando sobre *O menino da mata e seu cão Piloto*:

(...) Ora, esse volume da vida de Vivaldi Moreira é realmente um modelo do que deve ser o escritor, na sua resistência ao vírus da vaidade, de que nós, escritores, somos os mais vulneráveis exemplares humanos. Vivaldi Moreira não é um profissional das letras. Recusa-se mesmo a ser “um profissional”, seja do que for. É um amador, no mais puro sentido da palavra. Escreve por amor e com amor. Com aquela naturalidade de quem escreve, não para ser lido e admirado, mas como a criança que recebe um brinquedo, para Vivaldi Moreira, é a própria alegria de viver e a facilidade de transmitir. É a alegria de saber que a vida é um dom de Deus, e não temos o direito de desperdiçá-la. O mesmo acontece com a vocação do escritor. Esse dom especial não é um diploma de superioridade moral ou social, mas um compromisso de fidelidade e gratidão. O homem superior, para Vivaldi, não é o homem de dotes excepcionais, mas o homem que sabe aperfeiçoar os seus dotes comuns. É o homem simples. O homem bom. Essa primazia da bondade e da naturalidade, que ele próprio encarna em sua existência, tão simples e tão simplesmente relatada, é que torna o convívio fraterno entre os homens (ATHAYDE, 1982 *apud* MOREIRA, 2012, p. 188).

Concluindo a sua visão em relação ao livro, Tristão de Athayde considera que o segredo da vida está contido nas coisas simples do nosso meio e nas pessoas humildes e despreziosas. E por mais que Vivaldi assentasse a sua filosofia de vida na sabedoria e não

no saber, bem como encontrasse no passado e não no futuro o segredo da arte de ser feliz, para o crítico literário, ele não era um passadista, muito menos um contraculturalista. “É um homem da mais alta cultura literária, tanto antiga como moderna, mas em quem a arte de bem escrever jamais superou a arte de bem viver” (ATHAYDE, 1982 *apud* MOREIRA, 2012, p. 188).

Em relação às memórias, Miceli (1979) considera que os intelectuais consagrados em vida praticam o gênero em circunstâncias especiais, quando sentem uma baixa na cotação de seu prestígio, quando pretendem dar um tratamento estético utilizando a vida como matéria-prima ou porque querem exhibir a sua habilidade no ofício de escritor. Dentre outras categorias citadas pelo autor, embora não romancista nem poeta, Vivaldi Moreira aproxima mais de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Augusto Meyer, Cyro dos Anjos etc.; no que diz respeito à elaboração das memórias como a oportunidade de reafirmarem o domínio completo do ofício de escritor. Em todos eles, “a infância, ou então, os primeiros anos da mocidade, são os únicos períodos da vida que se dispõem a rememorar” (MICELI, 1979, p. 25). A explicação vem em seguida:

Decerto porque a impossibilidade de suprir as lacunas desses períodos favorece um tratamento eminentemente poético dos episódios e figuras que pontuam a trama. E dado que essa modalidade narrativa lhes dispensa de restituir as determinações prosaicas do ambiente familiar de quando eram crianças, esses escritores sentem-se à vontade ao reivindicarem para suas memórias uma apreciação fundada exclusivamente em critérios estéticos. Se, por um lado, os procedimentos de eufemização a que sujeitam sua história de vida dificultam o rastreamento das mediações práticas que se colocam na raiz de sua habilitação para o trabalho intelectual, por outro lado, tendem a privilegiar certos eventos que prenunciam a gênese social de uma “sensibilidade” de escritor (MICELI, 1979, p. 25-26).

Nascido em uma família de origem rural mineira, desde a infância Vivaldi Wenceslau Moreira optou pelas letras. Suas conquistas foram consequência do seu labor intelectual. De acordo com o escritor, em uma entrevista a Airton Guimarães, do jornal *Estado de Minas*, em 11 de novembro de 1981:

Desde que me entendo por gente, gosto de livro. Aprendi a ler, realmente, depois dos oito anos. Nutri sempre interesse pela natureza, pelo mundo. Jamais quis outra coisa na vida. Um homem assim tinha que ir parar nas Letras. Não quis enriquecer. Jamais almejei outra ocupação que não a literária (GUIMARÃES, 1981, p. 1).

Estudar a sua narrativa memorialística é perceber tantos acontecimentos de que participou e de figuras pitorescas que o marcaram profundamente. É também não só voltarmos os olhos para um processo de letramento individual e refletir sobre o seu perfil de

leitor, mas percebermos uma edificante filosofia de vida e nos sentir atraídos pelo aspecto estético, ético e afetivo da obra.

Na tentativa de responder a pergunta ou convencer a si mesmo, Vivaldi Moreira levanta a seguinte reflexão: “Quem escreve memórias pode ser tachado vaidoso?” (MOREIRA, 1981, p. 13). O autor não exclui nenhuma das possibilidades, apenas ressalta que escreveu o livro por gratidão, fixando em sua prosa memorialística, pessoas e episódios que o marcaram e que ficariam desconhecidos do mundo se ele não as lembrasse:

Em meu *O Menino da Mata e seu Cão Piloto* descrevo os tipos eternos, os paradigmas, as matrizes, dos quais todos os outros, que depois topei na vida, na dura caminhada empreendida, não são senão meras cópias aumentadas, posters, ampliações caprichadas, cheias de sofisticação (MOREIRA, 1981, p. 14).

Antes de começar propriamente a história sobre sua vida, Vivaldi Moreira reforça, no Pórtico, a intenção de compor um livro que se aproximasse do Código Civil quanto à exatidão da linguagem, já que compor um livro perfeito é um ideal inatingível. “Perfeito não é nem o catálogo de telefones” (MOREIRA, 1981, p. 12), diz o autor. Entretanto, dois fatores são importantíssimos na construção do seu texto. O primeiro é a observação, o estudo das personagens. “Ninguém, que se preze, escreve sem ter vivido, antes.” (MOREIRA, 1981, p. 15). O segundo é a questão estética, o cuidado com a linguagem, lição aprendida por meio da leitura:

Foi Benedetto Croce, em página memorável, quem me chamou a atenção para meu piccolo mondo, ao me ensinar que nossa diferença essencial de Dante ou Shakespeare é meramente de expressão, de técnica na elaboração. Tudo está latente em nós. Depende só da força do expositor. Se eu tiver a ventura de captar, através da metáfora, da qualidade vocabular, o que desejo expor ao mundo e é o que ocorreu em meu espírito, quando residi nos locais em que transcorreram minha infância e juventude, terei, então assegurado vida a meus personagens (MOREIRA, 1981, p. 15-16).

Vivaldi conta que os acontecimentos notáveis, assim como as pessoas que deles participam, “não apresentam a ressonância do Caso Dreyfus cuja repercussão a literatura francesa se incumbiu de espalhar pelo mundo, através da pena de Émile Zola” (MOREIRA, 1981, p. 15). O escritor ressalta que o livro foi lido com “sofreguidão”, no quartinho da varanda de sua casa, em São Francisco, quando próximo a ele, aconteciam também questões semelhantes, “como o assassinato do Egídio Ambrósio, e também um pecado tal qual o de Madame Bovary...” (IBIDEM, p. 15).

Cabe lembrar que a maioria dos historiadores da cultura atribuem o nascimento do intelectual moderno à atuação de Émile Zola no chamado Caso Dreyfus. A síntese de Cury (2008) elucida o termo:

Em 1894, o oficial do Exército francês Alfred Dreyfus, sob a acusação de ser um espião da Alemanha, é condenado sob gritos de “abaixo os judeus”, alusão a sua origem familiar. O exército francês, por razões de Estado, oculta provas de sua inocência, dividindo a opinião pública entre os que se colocavam a favor dos interesses da Pátria e, portanto, contra Dreyfus, e os que saíram em defesa deste último (CURY, 2008, p. 15).

Em seguida, o papel desempenhado pelo escritor:

Em carta a Félix Faure, Presidente da República à época, o escritor Émile Zola, repete várias vezes a expressão “J'accuse!” “Eu acuso”, defendendo Dreyfus e denunciando as pessoas que o acusavam injustamente. O texto foi publicado como um manifesto de intelectuais, no diário *Aurore*, em 1898, seguido por uma longa série de outros manifestos assinados por escritores e estudiosos, exigindo que o processo Dreyfus fosse revisto. Salienta-se no manifesto a defesa incondicional da verdade e dos direitos do cidadão, da verdade e da justiça, acima dos interesses do Estado (CURY, 2008, p. 15).

Além de Zola, ilustres escritores como Anatole France e Proust também assinam o Manifesto dos intelectuais e “o novo termo já está incorporado e aceito (ainda polemicamente) na acepção até hoje corrente”, nas palavras de Bobbio (1997):

Trata-se precisamente de um grupo de homens não políticos, conhecidos por sua atividade prevalentemente literária, que tomam posição como homem de letras com respeito a uma prevaricação do poder político, e combatem a razão de Estado em nome da razão sem outras especificações, defendendo a verdade da qual se consideram os depositários e os defensores contra a “mentira útil”. Além disso, a tomada de posição é expressa na forma mais consonante com quem funda a própria dignidade e o próprio poder sobre a força das ideias, na forma de um protesto verbal, de um “manifesto”, que se tornará um verdadeiro gênero literário e será tanto mais influente quanto mais for literariamente incisivo, factualmente documentado, logicamente bem argumentado (BOBBIO, 1997, p. 123).

Vê-se que Vivaldi, atento aos conhecimentos, cita a morte do proprietário rural de São Francisco, Egídio Ambrósio e faz referência ao romance de Gustave Flaubert ao relacionar um pecado que acontecia perto dele à personagem Madame Bovary. Isso para dizer que muitas vezes encontrou na vida o que lia nos livros. Registrou que leu com voracidade o livro sobre o Caso Dreyfus advertindo o leitor que os acontecimentos e as pessoas relatadas por ele, em suas memórias, não apresentam a mesma repercussão.

Mais adiante, no capítulo “Minerva e Palinuro”, o escritor relata que se cria um ambiente de tensão com o assassinato do Egídio Ambrósio, correligionário dele. Isso porque, na época, Vivaldi já era estudante do Ginásio e participava da política. “Formada a Legião de

Outubro houve a cisão do P.R.M. Eu fiquei com meu tio e fiz até discurso. Meu pai era neutro, não gostava de imiscuir-se em política.” (MOREIRA, 1981, p. 121). Vivaldi ainda conta que na época, sua família tinha uma espécie de bar em São Francisco e que ninguém mais frequentou o lugar. “Ficamos às moscas. Não nos mataram, porque seria um Deus-nos-acuda.” (IBIDEM, p. 121).

O memorialista foi menino da Fazenda do Tanque, propriedade de sua avó materna, subdividida entre seus três filhos, dentre eles o pai do autor, Pedro Moreira. Pode-se dizer que o gosto pela leitura nasceu da prática de ouvir histórias. Nesse caso, nada melhor do que Cecília Meireles (1979) para confirmar tal assertiva: “o gosto de ouvir histórias é como o gosto de ler” (MEIRELLES, 1979, p. 42). Considerando que um ato estimula o outro, Vivaldi Moreira além de apreciar o conto infantil, sempre repetido por sua mãe, conservou esse hábito e teve por 17 anos uma leitora particular, como já citado no primeiro capítulo da pesquisa.

Algumas leituras literárias de Vivaldi Moreira são apresentadas, no capítulo de mesmo nome do livro, por meio de referências a outros cães importantes da literatura brasileira e universal: “a sofredora e resignada Baleia”, de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*; Quincas Borba, do livro homônimo de Machado de Assis; Riguet, criado por Anatole France; Orfeu, de Unamuno, da novela *Niebla*; Pelléas, de Maurice Maeterlinck, no volume *Le Double Jardin*; Veltro, da *Divina Comédia* e Fedegoso, “o ilustre cão mineiro”, fixado nas páginas do confrade de Academia Mineira de Letras, Nelson de Faria, nas páginas de *Cabeça Torta* (MOREIRA, 1981, p. 25-26).

O sonho de estudar em Oxford, na Inglaterra, é frustrado com a falência dos negócios familiares. “O menino da mata”, que tinha a sua gramática inglesa de Fitzgerald “inteiramente sabida, com todos os exercícios de tradução e versão na ponta da língua” (MOREIRA, 1981, p. 38), segue a sua trajetória da Fazenda do Tombo, comarca de Carangola, para o colégio em Muriaé, aos 14 anos, passando por Carangola e Alto Jequitibá (hoje Presidente Soares) até chegar ao Rio de Janeiro, para a Faculdade de Direito.

O senhor Pedro Moreira, fazendeiro e comerciante em São Francisco do Glória viu seus negócios se arruinares em 1929, reflexo longínquo do *crack* da bolsa de Nova Iorque. Vivaldi Moreira, em “Esboço de meu pai”, revela neste capítulo a grande admiração que sentia por aquele “homem estruturalmente bom” (MOREIRA, 1981, p. 164). Além da figura extremamente humana, Vivaldi sentia orgulho do pai que “era o homem-do-mundo, ia ao Rio

de vez em quando e, a não ser o José Pio, o irmão mais velho, era o único que assinava jornais e revistas” (IBIDEM, p. 164).

Os pais do escritor valorizavam a leitura e a formação escolar. O pai assinava os jornais cariocas *Correio da Manhã* e *O Jornal*, de Assis Chateaubriand; a mãe recebia a revista *Vida Doméstica*, com as novidades da cultura europeia; para o menino vinha *O Tico-Tico*. Tal revista divertiu e influenciou muitos escritores famosos, como Rui Barbosa e Carlos Drummond de Andrade, por exemplo. A sua reedição pode ser conferida em um álbum comemorativo, como nos informa a revista *Entre Livros*, de 2005. No ano de 2022, eu também achei, em um sebo de Belo Horizonte, um livro de Ezequiel de Azevedo (2005), referente ao *O Tico-Tico*, espécie de retrospecto da revista, desde a sua fundação, homenageando seus artistas, até o seu término. Na seguinte passagem, a recordação para honrar o ano de comemoração do centenário da revista:

Muito mais do que uma revista voltada para o público infantil, sendo ingênua por natureza. *O Tico-Tico* significou um marco na vida editorial do Brasil. A revista nasceu em 1905, para fazer sucesso, mantendo estreita relação com o momento histórico e cultural da época, aproveitando toda a força do grupo O Malho, da família Pimenta de Mello. Em uma época em que o jornal representava o poder da mídia, a revista infantil apareceu com o único propósito de divertir e educar os pequenos. A mesma apresentava histórias em cores e completas, desde o primeiro número, algo inédito até então. Aliás, a impressão em cores, nos jornais, era algo bem recente no Brasil, tendo aparecido primeiro nos Estados Unidos em 1895. Desde o início, *O Tico-Tico* já era apresentado no formato de *comic book*, que só surgiu nos Estados Unidos mais de trinta anos depois. Mesmo sendo uma produção de uma grande equipe, os artistas de talento conseguiram deixar a marca de sua obra, com o valor artístico de seu trabalho até nossos dias. O maior de todos eles, genuinamente brasileiro, J. Carlos, trabalhou em *O Tico-Tico*. Lá desenvolveria todo seu potencial (AZEVEDO, 2005, p. 61).

Segundo Azevedo (2005), “*O Tico-Tico* era a única revista dedicada às crianças brasileiras, e lhes dava tudo: histórias, adivinhações, prêmios de dez mil réis, lições de coisas, páginas de armar e principalmente aventuras” (AZEVEDO, 2005, p. 3). A revista foi fundada pelo jornalista Luiz Bartolomeu de Souza e Silva (1866-1932), que pretendia ser o pioneiro na edição de uma revista infantil no Brasil. O mérito de fazer a revista, no entanto, coube ao “talentoso editor e desenhista Renato de Castro” (AZEVEDO, 2005, p. 7). Isso porque Luiz Bartolomeu tinha muitas atribuições. Dirigia também as outras publicações do grupo que editava “*O Malho* (revista fundada em 1902), *Leitura para Todos*, *Ilustração Brasileira* e *Almanaque d’O Tico-Tico*” (IBIDEM, p. 7).

A origem do nome da revista tem duas versões. A primeira é inspirada no passarinho de mesmo nome. Ao pensar sobre um título apropriado à revista infantil que iria fundar, ao

avistar um tico-tico que pousara num viveiro de pássaros existente no jardim de sua casa, Luiz Bartolomeu teria afirmado: “Está decidido, a revista vai se chamar *O Tico-Tico*”. (AZEVEDO, 2005, p. 7). A segunda versão dá autoria ao título para Manoel Bonfim e Renato de Castro, “em homenagem às escolas de gente miúda, de crianças, de primeiras letras, às escolas de tico-tico” (AZEVEDO, 2005, p. 8). Entretanto, qualquer que seja a versão, o que importa é o pioneirismo e o grande sucesso da publicação, conforme também nos revelam as imagens a seguir:



Figura 7- Reedição da Revista *O Tico-Tico*.
(Revista *Entre Livros*, 2005).

A revista parou de circular no começo dos anos 60 e teve “um número de publicações superior a 2000 edições, mais os almanaques anuais” (AZEVEDO, 2005, p. 61). Abaixo, temos uma reprodução da capa do primeiro número de *O Tico-Tico*, de 11 de outubro de 1905:



Figura 8- Capa do primeiro número de *O Tico-Tico*.
(*O Tico-Tico – Cem anos de revista*, 2005, p. 5).

Com tiragem de 10 mil exemplares, a primeira edição foi rapidamente esgotada, necessitando de uma segunda. “Aliás, bem depressa a tiragem da revista subiu para 30 mil exemplares, sucesso absoluto!” (AZEVEDO, 2005, p. 5).

Os jornais eram lidos na íntegra, inclusive os anúncios. Aliás, foi dessa maneira que o cão da família foi batizado. Na época, o “‘Lloyd Brasileiro’ surgia como companhia de navegação de prestígio” (MOREIRA, 1981, p. 22) e daí retiraram o nome daquele que seria o grande amigo do “menino da mata”, o Loide. O *Correio da Manhã* foi considerado pelo memorialista como a sua grande universidade: “me ensinou a conhecer o mundo e a ter aspirações” (MOREIRA, 1981, p. 35). Ali Vivaldi ampliava o seu horizonte, com as notícias de grandes nomes da política internacional. Buscar a correspondência constituía-se em um ato prazeroso para o menino, que se orgulhava, quando essa ultrapassava a de seu pai. Tamanha era a sua empolgação, que muitas vezes não se continha e, no caminho de volta para casa, enquanto a mula prosseguia a viagem, ele lia. O menino retirava da sacola um jornal e se esquecia do mundo, deixando às vezes até de responder aos cumprimentos que lhe eram dirigidos, porque não via nada mais na sua frente.

O pai é retratado como “infatigável leitor”: “quando não estava ocupado, fazendo qualquer coisa, tinha, sempre um livro à mão” (MOREIRA, 1981, p. 38). Enquanto a mãe do menino se apegava às leituras pragmáticas, Pedro Moreira tinha o seu conforto na ficção. Foram muitos romances lidos, dentre eles, várias vezes os quatro tomos de *Mil e uma Noites*, em uma bela edição, que o tropeiro adquiriu. Não foi por acaso que Vivaldi revelava o seu gosto pelas companhias adultas, embora toda a simpatia e integração às brincadeiras de infância. O menino tinha a intuição de que os adultos poderiam ensiná-lo muito. E era com a curiosidade sempre aguçada que Vivaldi ouvia com fascinação histórias verídicas e outras da Carochinha, contadas por seu pai, como a do *Macaco Sabido*, a do *Doutor Grilo* e muitas outras. Sobre o primeiro conto “eu o reduzi a escrito e publiquei na revista infantil *Era uma vez...*, do admirável Vicente Guimarães”, em 1941” (MOREIRA, 1981, p. 172). Nota-se também a influência que o pai de Vivaldi exercia na sua comunidade. “Na Fazenda do Tanque, os livros dele andavam de mão em mão, de empréstimo a empréstimo. Gostava de comunicar prazeres, que fruía ao semelhante; fazia comentários e instigava à leitura.” (IBIDEM, p. 172).

A mãe de Vivaldi era uma “mulher inteligente, cheia de sonhos para os filhos, mas de poucas letras” (MOREIRA, 1981, p. 53). D. Tita foi leitora de Henry Ford e Orion S. Marden, espécie de autoajuda da época. Do primeiro, “*Minha Vida e Minha Obra*, na tradução brasileira editada por Monteiro Lobato, em 1925” (MOREIRA, 1981, p. 172). Do segundo,

“*Harmonias do Bem e O Corpo e o Espírito* do otimista americano eram espécies de bíblias para D. Tita” (MOREIRA, 1981, p. 175). Em outro momento, o escritor reconhece o poder poético de sua mãe, que começou a elaborar um livro. Os fragmentos deixados constituíam-se quase sempre de recordações. O nome da obra já existia: *É Tempo de Falar*. Nas salas da Livraria Itatiaia, de propriedade dos irmãos do escritor, onde D.Tita costumava ocupar dois grandes cômodos, depois da morte de seu marido, ela possuía uma estante com livros e também gostava de conversar longamente com figuras eminentes nas letras, nas profissões liberais e na política. Eles “saíam gabando sua inteligência, seus conhecimentos, sua enorme curiosidade. Sem dúvida, ela detinha enorme acervo de experiência. Viveu em profundidade. Tinha o que contar” (MOREIRA, 1981, p. 181). Vivaldi lamentava que os filhos, inclusive ele, não tivessem lhe dado uma secretária capaz de organizar as suas recordações, ressaltando: “Seu livro seria um depoimento talvez tão valioso como o de Helena Morley, em *Minha vida de menina*”. (IBIDEM, p. 181).

Na fase de alfabetização, apesar de professores medíocres como o senhor Bernardino de Moraes, “pobre professor de letras primárias” (MOREIRA, 1981, p. 54), também guarda-livros do senhor Pedro Moreira, Vivaldi se encanta com o *Novo Terceiro Livro de Leitura*, de Hilário Ribeiro.

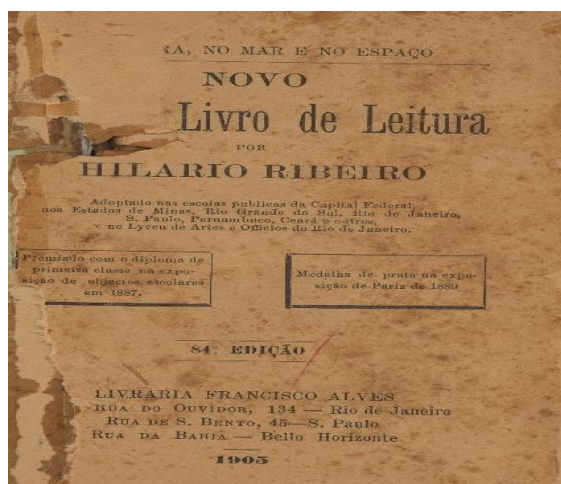


Figura 9- Folha de rosto - *Novo Livro de Leitura*.
(*Novo Livro de Leitura*, 1905).

No acervo pessoal do escritor, localizamos numa edição de 1905, esse livro tão estimado, no qual o “menino da mata” aos dez anos descobriu o mundo, percorrendo os cinco continentes em companhia do Soldadinho de Chumbo. “Encontrei um sentido na leitura, um interesse real e vivo, a tal ‘motivação’ da moderna pedagogia.” (MOREIRA, 1981, p. 52).

Considerado o seu livro predileto, Vivaldi Moreira faz muitos elogios às páginas ilustradas do *Novo Terceiro Livro de Leitura*, que segundo o autor, provavelmente também influenciou na vida de muitos da sua geração. O memorialista chega a dizer que tudo o que conseguiu posteriormente foi absorvido em tão precioso livro. Na enciclopédiazinha de 125 páginas, o sábio Soldadinho de Chumbo, tal qual as histórias de Scherazade, seduz o menino Henrique, através de suas conversas instrutivas, que prosseguem até o final do livro.

As ilustrações do livro comprovam o entusiasmo de Vivaldi Moreira. Certamente, esse livro foi mais do que uma simples cartilha. “Era como se estivesse lendo um grande romance ou assistindo a um desses filmes, que nos arrebatam.” (MOREIRA, 1981, p. 53). O menino se indignava com o desinteresse dos colegas, que erravam os nomes dos países e não se transportavam para aquela viagem, como ele fazia. Dessa forma, um grande horizonte de conhecimentos se abria a frente do pequeno Vivaldi, que não esperava a aula para a sua leitura e ouvia, diariamente, a mãe ler sobre as ações do Soldadinho de Chumbo, vivendo também o livro. Por isso, torna-se fácil compreender o motivo pelo qual aquele era o único brinquedo que o arteiro Henrique respeitou: “a ciência do personagem acabou por impedir sua destruição” (MOREIRA, 1981, p. 52).



Figura 10- Páginas do *Novo Livro de Leitura*.
(*Novo Livro de Leitura*, 1905).

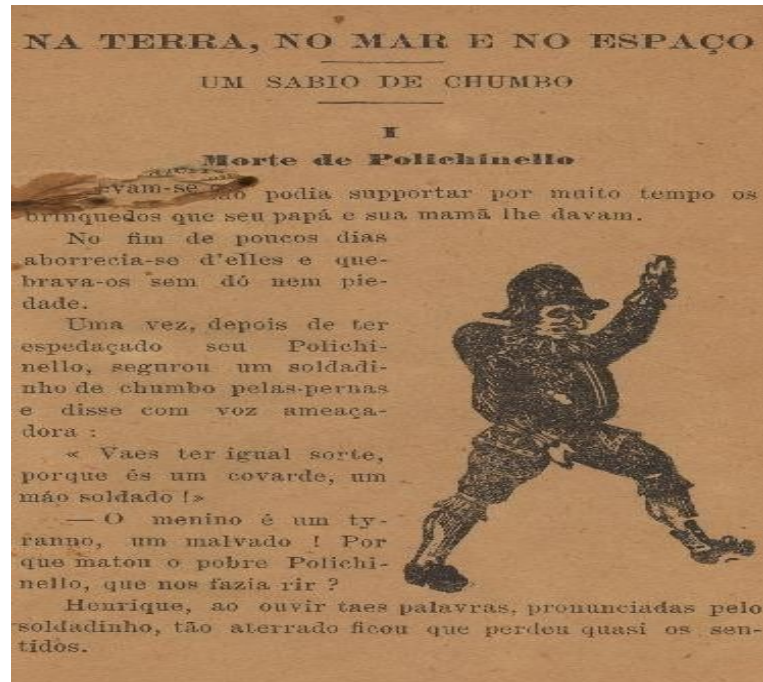


Figura 11- O Soldadinho de Chumbo, nas páginas de Hilário Ribeiro.
(*Novo Livro de Leitura*, 1905).

O gosto pelas palavras também aparece na infância do memorialista: Vivaldi se encanta com os vocábulos “viandante” e “noutes” (MOREIRA, 1981, p. 54). Aos poucos, ele fazia de sua vida uma caminhada apaixonada pelo mundo das ideias. A fantasia apresentada aos olhos continua com a leitura de Júlio Verne, deliciou-se depois com D. Quixote, “manancial de ensinamentos da relatividade humana” (MOREIRA, 1981, p. 57), aprofundou-se no conhecimento da complexa alma do homem, ao contato dos *Ensaíos*, de Montaigne. O escritor ainda percorre avidamente as páginas de Karl Marx e de Bergson; aprende o tempo interior e a recriação do tempo perdido nas páginas de Proust; depara-se com as fronteiras da lucidez extrema e da loucura visionária, através de Nietzsche; abre os caminhos para as amplidões abissais, através de Martin Heidegger, após deparar-se com a sutileza do ser e do existir, ao ler Kierkegaard. (MOREIRA, 1981, p. 58). A feição enciclopédica de Vivaldi Moreira possui sua raiz no livro de Hilário Ribeiro. Matriz de todos os outros, foi na infância que o memorialista se viu tomado pela curiosidade de saber sempre mais.

As leituras literárias visavam a iluminar, a abrir a compreensão do “menino da mata” à imagem do mundo. Vivaldi Moreira nutria enorme satisfação ao falar sobre assuntos e temas variados, sem a pretensão de ser especialista em alguma coisa:

É esta a minha especialidade: não ter especialidade alguma, mas tratar todas com respeito, porque todas, reunidas, é que formam o único, o verdadeiro conhecimento, a visão vertical do homem, que nem eu, nem tu, nem mortal nenhum jamais o abarcamos em sua totalidade majestosa e simples, contida na célebre sentença atribuída a Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo* (Nosce te ipsum), que completa àqueloutra inscrita no templo de Apolo, em Delfos: *Meden agan*: nada em excesso (MOREIRA, 1981, p. 58).

A diversidade de orientação, no que se refere às leituras, era vista na unidade de propósito. Ou seja, todos os livros buscavam clarear as indagações tão inerentes ao ser humano. Para isso, as obras de Tolstoi, principalmente *Guerra e Paz*, assim como, o abismo da razão e a poesia da inocência em Dostoiévski contribuíram para a formação do escritor. Vivaldi também se abastecia continuamente em obras de Ortega y Gasset e se encantou com a síntese da aspiração de Alexis Carrel: “O homem é o meio do caminho entre o átomo e a estrela” (MOREIRA, 1981, p. 59). O menino da Fazenda do Tanque completa: “Desejaria ser uma espécie de “inspetor da unanimidade”, no sentido da convergência de todo saber para a resolução do problema único - que é o problema da felicidade terrena” (IBIDEM, p. 59).

Vivaldi Moreira descreve no capítulo “Velhos Mestres”, a saudade do período em que começou a ler. “Era qual o Sérgio, de Raul Pompeia. Ia descortinar o meu ‘Ateneu’. Com a diferença de que eu ia bisonho de tudo” (MOREIRA, 1981, p. 74). Nesse período, o memorialista já fazia as “letras de imprensa”, porém, achava difícil a letra manuscrita. Apesar da pouca idade, criança de oito a dez anos, Vivaldi percebia os defeitos de seu professor e resistiu por um tempo ir à aula. “Pra que escola? Pra o *seu* Bernardino meter o lápis na cabeça da gente?” (MOREIRA, 1981, p. 76), dizia o menino indignado.

“*Novo Método*”, como chamava paroxitadamente o professor de Vivaldi, foi o livro que lhe arrancou da cegueira para a luz do alfabeto. Embora reconhecesse no seu Bernardino a falta de embocadura para o mister, o menino buscava refúgio nas belas palavras de sua mãe:

Ela descortinou a meus olhos um belo panorama, essa morfina que ainda intoxica através do pensamento, os mundos imaginários do saber, as mil e uma noites do conhecimento, a posição do homem de letras... (MOREIRA, 1981, p. 77).

Apesar de todos os contratempos, dois meses depois, o pequeno Vivaldi, inexperiente, lia o cursivo do contas-correntes da casa comercial do Sr. Pedro Moreira, seu pai. Tal progresso deve-se ao “*Novo Método*”, livro bem trabalhado, com gravuras de anjos e santos, vocabulário difícil e poesias lindas. Percebe-se o zelo do escritor ao recordar esse fato:

Nunca mais botei os olhos em tal livro. Guardava-o ciosamente, quando minha Mãe me fez dá-lo de presente ao primo Aristóteles que precisava aprender a ler. Com que

dó larguei, em suas mãos, o meu “*Novo Método*”, com capa de percaline chocolate. Arranhava-o com a unha para ouvir aquela música muito conhecida dos homens que amam os livros. Adeus, meu caro “*Novo Método*”. Nunca mais o verei, e não o vi mesmo (MOREIRA, 1981, p. 80).

Depois de conhecer o “*Novo Método*”, considerado muito mais difícil, Vivaldi saltou para o Hilário Ribeiro, através do qual ampliava as lições sobre os costumes, mundos, o universo em companhia do Soldadinho de Chumbo. O memorialista reconhece a árdua missão de ser mestre e, por isso mesmo, conclui que teve mais contato com criaturas interessantes do que mesmo autênticos mestres. “Por isso, quase posso dizer, meus únicos mestres foram, exclusivamente, os livros” (MOREIRA, 1981, p. 82). Em outra passagem, o escritor ressalta:

O professor marca definitivamente nossa vida. Só mesmo muita personalidade, só mesmo muita luta posterior, poderão restituir-nos essa liberdade tão necessária à integração da pessoa humana, caso sejamos mal conduzidos no início de nossa vida escolar (MOREIRA, 1981, p. 77).

A criatura amiga, mais velha, cheia de sabedoria, cuja experiência ultrapassa os conhecimentos livrescos foi a personagem que faltou na vida do “menino da mata”. O autodidatismo não era o que lhe preocupava, mas sim a ausência do mestre. “Habituei-me, então, a procurar nos livros, desde menino, o que me não foi dado compartilhar na realidade” (MOREIRA, 1980, p. 82).

A professora Leticia Malard (2012) lembra-nos de que o adjetivo “Novo” presente no livro de Hilário Ribeiro aparenta remeter à diferenciação de outro terceiro livro de leitura, anterior a este no mercado, de autoria do famoso Barão de Macaúbas (Abílio César Borges), “terror de muitos meninos que mais tarde se sobressaíram na cultura brasileira. Raul Pompeia e Graciliano Ramos foram dois deles” (MALARD, 2012, p. 46).

Em outra passagem, Malard (2012) explica: ‘Novo’ não significa que o livro de Ribeiro fosse superior ao do Barão, nem que a escola brasileira estivesse reformulando-se” (MALARD, 2012, p. 46). Tratava-se apenas de ser o livro mais recente, outro. E mesmo sendo o Barão um educador famoso, Hilário Ribeiro, poeta e teatrólogo, teoricamente mostrava-se mais competente do que Macaúbas para preparar um livro dessa categoria.

No que se refere à passagem do século XIX para o XX, Lajolo & Zilberman (1996), por exemplo, na conclusão do capítulo “Uma república ainda sem livros nem leitores”, da obra *A formação da leitura no Brasil*, declaram que “a precariedade, o improvisado, a arbitrariedade e a monotonia de uma escola, na mão de professores despreparados e

desassistidos, não eram de molde a construir leitores” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 162). Percebe-se que os problemas da educação brasileira não se restringiam à carência ou inadequação dos livros didáticos, eles faziam parte do problema, mas o contexto era de uma política ineficiente que se estendeu até 1930. Ano que “traz de volta a ideia de tratar da instrução através de uma agência específica, o Ministério da Educação, na ocasião acoplado ao da Saúde” (LAJOLO & ZILBERMAN, 1996, p. 156). A partir daí, a vida escolar se organizou, precisando responder a outras questões e deu nova forma ao ensino, sobretudo ao da leitura e da literatura. Entretanto, pelas palavras de Vivaldi, percebemos que a sua construção de leitor prosperou nesse cenário negativo, e apesar de todas as adversidades.

Mais tarde, Vivaldi Moreira descobre nos livros de Felisberto de Carvalho tudo o que havia de alma, coração, sabedoria e ciência, como acontece nas lições do *Primeiro Livro de Leitura*. Tomaz Galhardo é outro nome a quem o autor se diz grato por acompanhar com entusiasmo a transformação de seu personagem Mário: “já é hoje um bom menino; não faz mais do que estudar...” (MOREIRA, 1980, p. 83). João Kopke também apresenta sua série brilhantíssima, embora não tivesse, para o menino, o mesmo encanto de Hilário e Felisberto de Carvalho. Francisco Viana era outro mestre estimado pelo ensino moral, assim como foi Erasmo Braga por seus livros repletos de policromias e trechos cativantes de patriotismo. Antônio Trajano já se destacava por ser o mestre dos números, contribuindo com as suas regras claríssimas de matemática.

Na Fazenda do Tanque, o saber andava de mãos dadas com o sabor. A mãe de Vivaldi gostava de reunir as moças e os rapazes, sobrinhos, filhos de amigos, enquanto servia os doces elaborados por ela. Os saraus eram animados com uma sortida coleção de discos: “Solos de Patápio Silva, *schottisches* de Eduardo das Neves, polcas e mazurcas de Ernesto Nazareth, o *Carnaval de Veneza*, valsas vienenses, maxixes modernos, *fox...*” (MOREIRA, 1981, p. 117). O pai de Vivaldi permanecia pouco na sala, pois preferia deitar-se com um romance na mão, deliciando-se com as aventuras de Margarida Gautier e Armand Duval ou se informar da marcha do mundo com um jornal de três, quatro, cinco dias de atraso.

Após passar pela escola de Bernardino, no Tanque, depois em Tombos, com Zelina Bruzzi, a escola da Serra é que deu fama ao “menino da mata”. Considerado aluno excepcional, de talento, Vivaldi Moreira ajudava tomando as lições dos mais atrasados e revia os cadernos. No entanto, apesar de seu esforço, os conhecimentos da professora Efigênia não

iam além dos que o menino já havia adquirido. Vivaldi acaba abandonando a escola, com a aprovação de sua mãe, pois a palmatória que era executada de colega para colega o aborrecia profundamente. Mais adiante, o pequeno Vivaldi descobre com Naninha, de novo, no Tanque, que “o conhecimento era múltiplo, e que saber ler era o meio, e não o fim do conhecimento. Era o instrumento para penetrar no vasto império do espírito” (MOREIRA, 1981, p. 127). Com uma pedagogia diferente, Naninha instituiu a Geografia, a História do Brasil, a Gramática e o ditado, apresentando a divisão do conhecimento que o menino julgava um *continuum*.

No capítulo “Homem Singular”, Vivaldi Moreira anuncia a morte de Nascimento Nunes Leal, homem excepcional, empreendedor, inteligente e generoso, com o qual ele conviveu desde os seus doze anos. Fazendeiro e comerciante, Nascimento criou o distrito Alvorada, no Município de Carangola, e em 1933 convidou Vivaldi a ir advogar em Resplendor. Português que chegou ao Brasil ainda menino, Nascimento Nunes Leal casou-se com brasileira e deu filhos eminentes ao país. Uma das mais puras admirações de Vivaldi Moreira, o imigrante era estimado por suas ideias, suas boas leituras e bela escrita. “Nascimento, dotado de extrema afabilidade, nutrido por leituras de Ramalho, Eça e outros nomes ilustres da literatura de sua pátria, possuía horizonte mental amplo...” (MOREIRA, 1981, p. 197). O memorialista ainda acrescenta:

Possuía, por isso, meu Pai laço de consanguinidade espiritual com Nascimento: ambos eram amantes da leitura. Meu Pai jamais deixou de ler qualquer coisa antes de dormir: um livro ou jornais do Rio, que nos chegavam aos montes, de semana em semana. Quando abro *A Dama das Camélias*, o romance de Dumas, a figura de meu Pai brota logo na memória. Era um de seus prediletos. Por isso, conversavam e se entendiam os dois comerciantes. Nascimento, em seu entusiasmo de D. Quixote, meu Pai, menos avançado, intelectualmente, em sua postura de Sancho, ouvia os arroubos, as tiradas progressistas do amigo com verdadeiro enlevo (MOREIRA, 1981, p. 197).

Vivaldi Moreira também dirige encômios a seu tio José Pio de Abreu, no capítulo “Um Capião Ilustre”. Uma de suas maiores admirações de sempre, José Pio era irmão mais velho, filho do primeiro casamento da avó de Vivaldi, Donana. Ele assinava os melhores jornais da Capital Federal, o *Correio da Manhã* e *O Jornal*, que atingiam a Fazenda do Tanque e também a Fazenda da Vista Alegre, onde o tio morava, com cinco, seis dias de atraso, mas eram notícia e enciclopédia. José Pio ainda recebia a *Revista de R.G. Dun e La Hacienda*, diversão do “menino da mata”, que se arrastava ao estrangeiro, vendo máquinas e

terras longínquas. A conversa em casa do tio era a que seduzia o pequeno Vivaldi, lugar onde se debatiam os grandes problemas do mundo:

Em sua larga varanda, com os jornais amontoados na ponta de um comprido banco e, ao lado, sua cadeira de balanço, ouvi da boca daquele capiau ilustre, pela primeira vez, os nomes de Lênin, Mussolini, Lloyd George, Wilson, Clémenceau, Gago Coutinho e tantos outros, pronunciados, às vezes, incorretamente, mas sempre acompanhados de comentários, até hoje brilhantes em minha memória (MOREIRA, 1981, p. 201).

José Pio era mesmo um imã para o sobrinho. O estilo de vida civilizado e a atração pelas novidades eram a diferença em relação à casa de outros parentes. O tom intelectual das conversas do tio exercia grande fascínio sobre o menino. O capiau mandava seus filhos para estudar em Viçosa, Ponte Nova, Muriaé ou Juiz de Fora. Frequentava o Rio. O pai de Vivaldi prezava a leitura, conversava muito e o seu lar sempre foi cheio de viajantes, que traziam com eles as novidades:

Alguns, eram só contadores de lorotas, mas, outros, como o Joaquim Queiroz, além de nos trazer, sempre, para Celeste e para mim, presentes valiosos, também carregava nas malas volumes de Eça de Queiroz e outros escritores portugueses e lia-os em voz alta, para meu Pai, estirados, ambos, nas espreguiçadeiras da varanda (MOREIRA, 1981, p. 210-211).

Ainda assim, ir à fazenda do tio representava um prazer autêntico, pois ele tinha sempre algo novo a contar, “era como se abrissem as cortinas de um teatro de variedades” (MOREIRA, 1981, p. 202). Referência forte na vida de Vivaldi, José Pio era visto depois, quando os anos lhe trouxeram maturidade, como “um Sócrates matuto, um semeador constante, preocupado com sua maiêutica” (MOREIRA, 1981, p. 204). Além de ser considerado pelo sobrinho, o membro mais ilustre da família, foi também o homem mais importante da região, pela soma de benefícios que legou. “Se houvera estudado, se alguém por ele se houvesse interessado na juventude, estou certo de que teria sido um dos grandes homens deste país.” (MOREIRA, 1981, p. 205). O dom pedagógico estava presente em suas palestras, sempre curiosa pela ampla informação ou narração precisa dos fatos que presenciou ou leu nos jornais. Foi precursor de muitas práticas civilizadas introduzidas em sua terra, assim como de costumes delicados. A “deferência pelo outro sexo”, o “culto pela mulher” (MOREIRA, 1981, p. 206), por exemplo, foi ensinado por ele ao “menino da mata”.

No capítulo “Epanáforas de Vária História”, Vivaldi Moreira confessa a sua vontade de escrever um romance. O menino chegou a retirar folhas em branco de um velho contador-correntes de seu pai. No entanto, muitas considerações tumultuavam o cérebro de Vivaldi,

como por exemplo, a pesada responsabilidade de primogênito, obrigado a dirigir os negócios paternos. “Eu vinha de uma aristocracia do trabalho, mas do trabalho duro, da lavoura e do comércio. Como e por que bifurquei para as letras, ocupação mais ou menos de desocupados?” (MOREIRA, 1981, p. 235). “O menino da mata”, então, desiste da ideia e rasga as folhas do livro comercial antigo. “Como praticar o feio pecado das letras, que nem uma profissão ainda é entre nós?” (IBIDEM, p. 235).

O gosto pelas palavras persiste no capítulo “O País do Tanque”, em que o menino conta ter aprendido o *lipori*, em Eugênio D’Ors. Ou seja, palavra que instituía um tipo de comunicação para traduzir sentimentos ou esconder outros:

Era uma palavra que se usava para significar ou exprimir a vergonha que se sente em lugar de outrem, isto é, que outra pessoa deveria sentir, por um gesto, uma atitude. Essa pessoa não atinava com o ridículo praticado. Não havendo uma voz para traduzir esse sentimento, criou o escritor catalão o *lipori* (MOREIRA, 1981, p. 240).

Vivaldi inventava muitos vocábulos. Para significar *antipático*, por exemplo, ele criou *anchê*, abreviação de anchepático, o *ti* transformado em *che* para encobrir a dureza do adjetivo, que por sua vez, teve de ser mudado para hanseático, quando alguns estranhos descobriram. Como as crianças gostam de falar o que sentem na cara das pessoas, o menino dizia a sua irmã: “- Celeste, e a Cervejaria Hanseática?” (MOREIRA, 1981, p. 240). A menina começava a rir, porque sabia que se tratava de pessoa antipática. Eles liam nos rótulos das cervejas da Companhia Cervejaria Hanseática, que o pai tinha nas prateleiras da loja e convencionaram aquele vocábulo.

Em outro momento, Vivaldi Moreira confirma o gosto pelo rebuscamento vocabular, quando recorda de página tantas vezes lida e decorada, no ano de 1929, no segundo ano, no Ginásio Carangolense. Tal passagem é de Francisco Rodrigues Lobo, datada do século XVII, retirada de *O pastor peregrino* e recolhida na *Antologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet:

Sou qual me vês, e qual eu digo. Não quero parecer outro, nem ser mais do que pareço. Venho muitas vezes a esta fonte que me pegou sua condição: fala a verdade a todos, e com nenhum tem diferença. Costumei-me a estas suas águas, que, ainda que amargas, são saudáveis, apagam peçonha, desfazem feitiços e valem contra mordeduras de bicha. Se nisto que me ouviste, achas alguma cousa que te contente e queres vir comigo, pois já é tarde, te hospedarei na minha cabana, na qual podes entrar sem temor, dormir sem perigo, e sair sem saudade. Comerás do leite, ouvirás dos contos e partirá quando quiseres (MOREIRA, 1981, p. 287).

Maravilhado com o estilo do autor acima, Vivaldi corre às estantes de sua biblioteca para ler o texto na íntegra. De posse do “voluminho, já bem gasto, adquirido há mais de dois decênios” (MOREIRA, 1981, p. 287), o memorialista apaixona-se mais uma vez com estas imagens: o efeito pela causa e vice-versa. O verbo *comer* é empregado para o leite. O “menino da mata”, seduzido pela linguagem, já sabia que o autor não quis dizer leite, mas, precisamente, o produto dele: o queijo. “Como são sábios os escritores de outrora! Têm exemplo para tudo. Por que escrever mais? Devíamos, mesmo, só lê-los e seguir-lhes a doutrina...” (IBIDEM, p. 287).

No capítulo “A Pátria Pequena”, dentre vários episódios sobre a sua vida estudantil e personagens carangolenses, Vivaldi Moreira menciona um advogado culto e meticuloso, pai de um amigo dileto, o Décio Miranda. Trata-se de José Ribeiro de Miranda. A sua conduta serena e compostura infundiram grande admiração no memorialista, desde pequeno, seduzido pelas gravuras multicoloridas da *Geographical Magazin* e outras revistas em inglês. Vivaldi frequentava a casa do Dr. Miranda, “para estudar com o Décio, tirar significados de latim em seu *Saraiva*, e entrevia aquele homem calmo, no escritório, lendo com a caneta na mão, em cima de grossos autos” (MOREIRA, 1981, p. 301).

Ainda no mesmo capítulo, o escritor apresenta a singularidade de alguns mestres, tecendo com graça, as suas traquinagens no Ginásio Municipal Carangolense. Certa vez, ao ser descoberto pelo mestre Victoria, Vivaldi e seus colegas ficaram de pé, na secretaria, das oito ao meio-dia e, depois, presos no estudo para decorarem quarenta estrofes de *Os Lusíadas*. “O menino da mata” chegou a ficar duas semanas sem recreio, de pé na secretaria, proibido até, de ir ao estudo. “Enquanto isto, mestre Victoria ia lendo a “Comédia Humana”, de Balzac. Cada dia um novo romance: ‘Femme de trenteans’, ‘Père Goriot’, ‘Illusions Perdues’, ‘César Biroteau’” (MOREIRA, 1981, p. 303).

Mais tarde, Vivaldi Moreira reconhece o quanto todos os alunos ficaram devendo àquele admirável professor e também diretor do Ginásio Carangolense, ex-marista, que havia percorrido a Europa e conhecia muito bem o inglês e o francês. “Era homem de olhos de lince, de grande força moral, impondo uma disciplina férrea. Todos nós morriamos de medo dele, mas o admirávamos e eu o estimava.” (MOREIRA, 1981, p. 302). O memorialista fez grandes amigos, nomeando os três mais chegados de sua geração: Décio Miranda, Victor Nunes Leal e Luís Carlos de Portilho, enfatizando mais uma vez:

De fato, já o disse em outras ocasiões, mestres mesmo, eu só tive dois: Luís Victoria, no curso ginásial, que me fez ver algumas dimensões inéditas no conhecimento, e Gilberto Amado, no curso superior, que me abriu amplos horizontes nos domínios da inteligência (MOREIRA, 1981, p. 303-304).

Na imagem abaixo, vemos Luiz Carlos de Portilho e Victor Nunes Leal ao lado de Vivaldi Moreira. Amigos de infância pela vida afora:



Foto 14- Amigos de infância.
(MOREIRA, 2012, p. 52).

Albino José Dias Moreira Júnior, o mestre português e boêmio, que talvez tenha representado uma mancha na vida escolar de Vivaldi Moreira, era considerado por ele como alguém que levava a sério o magistério. Comprometido e entusiasmado, conhecia a língua portuguesa e o latim. Por vaidade, gostava de afirmar que lecionava qualquer matéria. “E de fato era um didata, sabia transmitir. O pouco de aritmética que aprendi, foi com ele, professor de Matemática em substituição.” (MOREIRA, 1981, p. 301). Só fazia a chamada pelos apelidos que criava para os alunos. Um deles, morador em fazenda, era “o menino da vaca” (MOREIRA, 1981, p. 302). With, o último da lista era chamado de “o outro” (IBIDEM, p. 302). Para alguns era terno, para Vivaldi e outros amigos, gostava de antepor um “irônico ‘senhor’, antes do prenome” (IBIDEM, p. 302). Linguagem inconveniente em sala de aula, de acordo com o escritor, que julga o professor ser “um tipo que merece algumas páginas e ainda hei de fazê-lo, se Deus quiser” (MOREIRA, 1981, p. 301).

Nas palavras de Malard (2012), outras informações sobre a intenção que Vivaldi tinha de escrever mais sobre o professor, agora, não mais de forma tão condescendente:

Já numa crônica escrita aos 87 anos, “Recordações do Colégio” – um dos melhores textos do autor, é bom que se diga- o professor Albino é revelado através de um mau histórico, expulso que foi da vida militar em Portugal, por insubordinação. Do alto de sua velhice, Vivaldi divisa aquele “educador” fraudulento numa espécie de acerto

final de contas. Instalado em Carangola como pedagogo e professor de seis disciplinas, é denunciado pelo escritor em toda sua crueldade. Para desespero da turma, o polivalente humilha o menino que conceituou “planetas” como “corpos mais ou menos extensos e planos”, menino esse que nada queria além de ser agricultor como o pai (MALARD, 2012, p. 98).

O capítulo “Um Educador” serve mais uma vez para Vivaldi Moreira falar de suas influências. O escritor recorda do título “O Verão de Dores”, do autor Miguel Rizzo, volume ofertado a 30 de novembro de 1932 pelo Reverendo Cícero Siqueira, no dia da terminação do seu curso secundário. Embora o livro não apresentasse renome literário, Vivaldi encontrou nele belezas profundas. O autor ainda atribui a Cícero, admirável presbiteriano, a responsabilidade pelo conteúdo moral que ele lhe transmitiu. “O Rev. Cícero não só me deu a terminação do curso ginasial, mas um modelo em sua vida...” (MOREIRA, 1981, p. 322). Vivaldi ainda reforça: “Já ouvi nestas três décadas alguns bons oradores, nenhum, porém, superior a Cícero Siqueira” (MOREIRA, 1981, p. 323).

Graças a Cícero Siqueira também, Vivaldi diz ter aprendido a ler a *Bíblia*. “Católico sem convicção, cercado de professores materialistas, eu vivia o transe vulgar da mocidade de todos os tempos” (MOREIRA, 1981, p. 322). Após esse encontro, o escritor firmou em sua crença tradicional e colheu “os mais dourados frutos do íntimo convívio” (IBIDEM, p. 322) com Cícero, que jamais lhe externou “uma palavra de proselitismo”. (IBIDEM, p. 322).

Da mesma forma, o autor acompanhou, com gratidão e amizade, a vida de Cyro Siqueira, filho de Cícero e jornalista. O livro *O Verão de Dores*, que não é obra imortal nem tem fama literária, correspondeu ao décimo livro lido por Vivaldi Moreira, segundo a ordem dos seus registros, no caderno de leituras. Daí a sua significação para o memorialista. Os capítulos possuem “não só o condão de me transportar a uma época profundamente feliz da juventude, mas me proporcionaram, no tempo certo, alimento para os terríveis dias futuros que venci, graças ao incentivo ali recolhido” (MOREIRA, 1981, p. 323).

Como resultado de sua grande paixão pelos livros, não podemos deixar de citar o capítulo “Minha Biblioteca”, no qual Vivaldi Moreira, em seu livro de ensaios, *Personagens e Situações*, prossegue na recensão de sua livraria. Já de início, o autor questiona se gastar uma vida recolhendo livros seria também uma religião ou simples mania, hábito, vaidade, extravagância. O fato é que desde moço, Vivaldi pôs-se a colecionar livros e ressalta que se detivesse em seu poder os que já possuiu ou leu de outras mãos, a sua casa seria insuficiente

para os conter. No entanto, podemos perceber também uma certa dose de desapego em relação aos mesmos:

É que, apesar dos milhares que ainda me acompanham, e que são meu tesouro, o único amealhado, tenho procedido a inúmeras doações, a pessoas ou entidades. Às vezes chego à conclusão de que tais volumes não mais me prestarão o obséquio de um esclarecimento ou informação e zás - amontoo a um canto e lá vão servir a outros em estantes públicas ou particulares. Apropriar-se do que não nos alimenta e o deter é também uma forma de cobiça e tenho escrito reiteradas vezes que abomino a cobiça, sendo embora ambicioso. Faço distinção entre uma e outra (MOREIRA, 1986, p. 228).

Em outro momento, o escritor faz a seguinte consideração:

O livro só é querido ou desejado por mim enquanto representa ou pode representar papel reprodutor, não como forma honorífica, expressão de *status*. Se se encontra em minhas estantes, é porque dele ainda espero tirar proveito e jamais como *emulação pecuniária*, mas como ferramenta de meu trabalho intelectual (MOREIRA, 1986, p. 229).

O desprendimento total, entretanto, parece que nunca será uma característica dos bibliófilos. Vivaldi Moreira, por exemplo, doou a quase totalidade dos seus livros para a biblioteca que instalou na Academia Mineira de Letras, um acervo formado durante 61 anos. No entanto, a doação não foi motivo de constrangimento, já que o escritor passava seus dias na companhia dos livros e, mesmo sem todo o potencial de suas vistas, possuía uma funcionária para ler para ele.

A peregrina origem que faz o livro precioso também é assunto do capítulo, revelando obras raras ofertadas por amigos ou adquiridas por Vivaldi, como por exemplo, a segunda edição do livro *Los Seis Libros de la Galatea*, primeira com gravuras, escrita por Miguel de Cervantes Saavedra ou *Cartas de Amor*, de Sórora Mariana Alcoforado, enriquecida com a assinatura de seu primeiro possuidor: “Lima Barreto, 1917”, autor de minha predileção e sobre quem existe ensaio meu no volume *A Fruta de Mársias*” (MOREIRA, 1986, p. 231).

Certamente, o capítulo “Minha Biblioteca” possui muitas outras informações de volumes que pertenceram a grandes homens, bem como o título de livros singulares que as estantes de Vivaldi Moreira guardaram. Embora o capítulo não faça parte do *corpus* da pesquisa, já que não se refere ao seu livro memorialístico, podemos verificar o enaltecimento da leitura, por meio da enumeração de obras significativas para a formação do escritor, que inclusive, conta ter deixado de almoçar, um dia, em 1938, no Rio de Janeiro, para comprar livros. O amor de Vivaldi pela leitura é proferido:

Afinal, que me sobrou de pecúnia, nos anos de meu labor ininterrupto, senão estes trapos de papel velho, vindos dos quatro cantos do mundo, dos quais aspiro o pólen que me embriaga e ambos me ajudam a empurrar a existência apagada, mas garrida, tal como a de Maquiavel, que, na luta diária, usava um traje e, chegada a noite, se paramentava a caráter, para iniciar o convívio com os espíritos superiores? É o que pratico diariamente e já o confessei: se tivesse que reiniciar a minha vida, gostaria que fosse igualzinha à que venho fruindo no decorrer dos sessenta e tal: gravitar em torno das ideais e dos pensamentos, como pontos altos, momentos de plenitude da existência (MOREIRA, 1986, p. 232).

Em determinado momento do capítulo, Vivaldi narra o encontro com o senador Milton Campos. Ao chegar à porta da biblioteca do autor, no fundo do quintal de sua casa, olhando as prateleiras, atochadas de livros, declarou:

Este é o seu pomar. Daqui, você retira o fruto que quiser com a vantagem de fruí-lo e não o consumir. Coloca-o, de novo, na árvore, depois de o haver saboreado...
[...] Vê-se que você sabe onde estão seus livros e sua aparente desordem, nesta babel, é a verdadeira ordem... (MOREIRA, 1986, p. 236).

Em *O menino da mata e seu cão Piloto*, no capítulo “O País do Tanque”, observamos mais informações sobre a biblioteca de Vivaldi. Aliás, não foi à toa que essa construção se encontra no fundo do seu quintal. Desejoso por adquirir uma propriedade rural, para viver mais em contato com a terra e com suas raízes telúricas, o memorialista sonhava com uma casa que tivesse pomar, sombras de árvores frutíferas e um quarto que daria para o nascente, a fim de que ele pudesse escrever e passar tempos ali, isolando-se.

Dessa maneira, Vivaldi adaptou o seu sonho à propriedade que adquiriu em Belo Horizonte. Mesmo na grande cidade, o autor sentia orgulho das árvores plantadas por ele no quintal de sua casa: além da parreira, pé de abio, de jabuticaba, de araçá, carambola, figo, anona (ou pinha) e romã – as frutas de sua infância. Sua biblioteca, nos fundos da casa, tinha também o objetivo de não incomodar sua mulher, D. Brante. Ela sempre criticava o número excessivo dos livros de Vivaldi e a quantidade de recortes de jornais, aos montes, por duas mesas suplementares. No livro *Personagens e Situações* (1986), o autor recebe o consolo do amigo Milton Campos: “Todas as mulheres são assim. Elas não compreendem que a nossa desordem é a ordem, e a ordem que elas nos impõem é a nossa desordem...” (MOREIRA, 1986, p. 236). Já no seu livro de memórias, Vivaldi ressalta:

Meu *habitat*, porém, é esta biblioteca. Aqui, é meu novo centro de gravidade. Há quantos anos estes livros me acompanham? Há mais de trinta, os volumes iniciais. Depois, foram aumentando. O núcleo é aquele que adquiri até 1940. Depois que me fixei em Belo Horizonte, minha biblioteca cresceu, principalmente depois que comprei esta casa da Rua Prof. Moraes, à qual, em 1950, acrescentei esta edificação, no fundo do jardim, minha Tebaída. Posso correr Ceca e Meca, mas é aqui que me sinto feliz. Já escrevi páginas razoáveis fora deste ambiente. O meio próprio, específico, é este (MOREIRA, 1981, p. 271).

A foto abaixo se encontra no livro *O menino da mata e seu cão Piloto* e parece revelar o destino de Vivaldi Moreira. Assentado em uma cadeira, com um velocípede ao lado, um outro brinquedo sem maior destaque, e um livro, de pé, bem visível: *Primeiro Livro de Leituras*, de Felisberto de Carvalho. Como Montaigne, o memorialista afirma: “o livro é a melhor munição que se encontra para a viagem terrena” (MOREIRA, 1986, p. 233).



Foto 15- Vivaldi Moreira aos cinco anos.

(Foto de Lúcio Baptista em: *O menino da mata e seu cão Piloto*, 1981).

A disposição para a leitura era a mesma para falar de sua tão amada terra natal. “Carangola é a terra do fato consumado” (MOREIRA, 1981, p. 308), assim Vivaldi Moreira ouviu, há muitos anos, de um homem bastante inteligente. A frase foi entendida mais tarde, pelo autor, como reveladora de uma sedimentada atmosfera de cultura:

Sem nenhuma empáfia, digo sempre onde estou que somos uma terra culta. Não é filáucia, impostura, presunção, embófia ou orgulho vão. É uma verificação histórica. Olhemos para o passado e vejamos quantos homens eminentes passaram por aqui ou daqui saíram, mas deixando todos sua contribuição nos domínios do espírito. Daí nossa independência mental expressa no *nihil mirari*... O nosso *nihil mirari* – o “nada admirar”, que é uma espécie de revestimento de todo carangolense, isto de não sermos basbaques diante de qualquer acontecimento, por mais surpreendente que seja, não é um dom gratuito. Foi alcançado através de prolongada conquista e é o capital maior acumulado não nos cofres, mas na alma carangolense. [...] Tudo aqui se resolve em uma postura compreensiva e normal. O que faz ruído lá fora chega aqui e amortece. Isto quer dizer: ninguém pense fazer média à nossa custa... Só a cultura condiciona tal comportamento (MOREIRA, 1981, p. 308).

Em outra passagem, Vivaldi se recorda de um padre que apareceu no *Rotary* de Belo Horizonte e era carangolense. O homem que residia na Índia, há dez anos, era professor da

língua hindu, no dialeto *bengali*, o mais difícil e mais culto, já que é nele que se acham escritos os poemas de Rabindranath Tagore (MOREIRA, 1981, p. 309). Novamente, o escritor abre o seu coração:

Cultura é um complexo espiritual, que se manifesta de variadas maneiras. A nossa se revela, entre muitas outras, pela singela atitude do “fato consumado” e também por aquele propósito seu tanto estoico da filosofia shakespereana: “*never explain, never complain*”. Raramente se vê um carangolense explicando-se ou queixando-se. Nossas razões são dadas pela vida. Aceitamos os fatos como eles são, como eles vêm (MOREIRA, 1981, p. 309).

O culto da terra natal está presente em toda a narrativa memorialística de Vivaldi Moreira que alega ter tido a possibilidade de relatar coisas sibilinas a respeito do que se passava no mundo ou até mesmo especular sobre os problemas da Sociologia, de quem era estudante permanente e apaixonado. No entanto, o autor preferiu falar de nós mesmos, travar um bate-papo amável e reforça: “Costumo dizer, com alguma razão e sabor clássico, que ‘*somos uma nação de gente*’, isto é, constituímos uma diferenciação na variedade. Carangola é algo de muito sério” (MOREIRA, 1981, p. 307).

Ao discorrer sobre o seu passado, especificamente no capítulo “Lembremo-nos da turma de 1937”, Vivaldi faz uma revelação curiosa, mencionando o escritor Marques Rebelo e a filha de Getúlio Vargas, que foi chefe do Gabinete Civil da Presidência da República durante o governo de seu pai, função que assumiu quando cursava o último ano da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, ambos seus colegas de turma:

[...] não sabia que o Marques Rebelo, o Acadêmico Federal, era, também, meu colega de turma. Eis as desvantagens das grandes manadas. Desaparece a solidariedade entre os componentes do grupo. Se fosse uma porção menor, a Alzira Vargas, colega importante de então, ter-nos-ia “encaixado” a todos em alguma sinecura. O que não se deu. Só alguns o foram. E daí o estouro da boiada. Cada qual arranhou a vida como pôde, e hoje somos o que somos. Ninguém mais é uma esperança. Já demos o que tínhamos, já dissemos ao que vínhamos. A vida já nos consagrou ou já nos excluiu, em sua dura insensibilidade (MOREIRA, 1981, p. 349).

Vale lembrar, segundo Miceli (1979), que no início dos anos 30, o diploma superior deixa de ser um símbolo de admiração social como já tinha sido para os proprietários de terras, ou mesmo um sinal de distinção suficiente para legitimar lucros oriundos de outras atividades econômicas das famílias dirigentes. Não constitui mais também garantia segura para quem almejava exercer funções políticas, administrativas e intelectuais. Os bacharéis dessa época, portanto, começaram a utilizar o diploma como um privilégio do qual se esperava vantagens profissionais. Dessa forma, “o futuro de classe dessa leva avultada de

‘parentes pobres’ que dispunham de um título universitário, adquirido em condições adversas que o haviam desvalorizado brutalmente, passou a depender, cada vez mais, da ampliação das oportunidades de serem cooptados pelo serviço público” (MICELI, 1979, p. 41).

Em relação à turma de 1937, Vivaldi Moreira escreve com sinceridade e ratifica o pensamento de Miceli:

Para falar claro, devo dizer logo o que penso: não foi uma festa dos 325 bacharéis de 1937, da Faculdade Nacional de Direito. Foi um encontro jubiloso dos vitoriosos daquela turma famosa, que para sua glória, só falta um de nós ser guindado à presidência da República. Até general, almirante e monge fornecemos à sociedade brasileira. De nossa turma, a fornada de bacharéis do Estado Novo, já saíram Governadores, Ministros de Estado, Desembargadores, Secretários de Estado, Catedráticos, Embaixadores, Senadores, Deputados, Banqueiros, Juristas, Acadêmicos federal e estaduais, como eu sou (MOREIRA, 1981, p. 348-349).

No capítulo “Depoimento dos Cinquenta anos...”, “o menino da mata” parece responder ao que veio:

Quando menino, amava mais a ação do que seus sucedâneos. Meus sonhos eram todos no sentido de me ver à frente de grandes empreendimentos. Meus brinquedos, também, eram todos de homem de ação. A vida me foi tornando “blasé” e comecei a buscar compensações nas ideias, na literatura (MOREIRA, 1981, p. 359).

No mesmo capítulo, o escritor anuncia suas preferências:

Sempre li ou estudei muito. Jamais li um livro só para me deleitar. Não é esnobismo, mas nunca li um “policial” ou “aventuras”. Leio sempre com lápis na mão. Marco tudo, margino o livro e retiro muitas notas para cadernos. Tanta coisa acumulada, para quê? Saber não ocupa lugar, diz o adágio. Mas consome tempo... (MOREIRA, 1981, p. 366).

As passagens acima desvelam o caminho das letras. O lado cerebral que se sobrepõe às traquinagens da infância. Nesse capítulo, Vivaldi Moreira confessa que gostava de meditar seus problemas sozinhos. Tinha o costume de criar romances falados, ao percorrer diariamente o caminho da escola, a pé ou a cavalo. Desde cedo, dedicou-se ao gosto de ouvir as leituras feitas por sua mãe e também de criar histórias. No entanto, enfatiza a sua maneira de lidar com a leitura: não se trata apenas de prazer, mas antes de tudo de labor intelectual, em que ele destaca, tira notas, enfim, seleciona material para futuras elaborações.

A importância da literatura na vida de Vivaldi Moreira é expressa também no capítulo “A colação de grau”. O escritor revela o poder transformador da leitura, por meio da descrição de algumas obras que o marcaram:

Andava eu triste, mas muito triste, de uma tristeza selvagem, quando li *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. Esse monumento literário mostrou-me a face de Deus. Abriu-me o livro a vida plena, descortinou-me horizontes novos. [...] Doutra feita, estava abatido, quase envergonhado de meu fracasso, vivendo de favores,

alimentando-me mal ou nem me alimentando, quando li a *Vida*, de Isadora Duncan. Notável mulher. Como ela pode transformar um sonho de arte em fórmula de vida! Fiquei tão entusiasmado que escrevi um longo artigo sobre o livro e a autora para a *Gazeta de Carangola*. Tempos depois, andava preocupado com a morte, sofrendo colite que julgava incurável. O Cândido Campos me mandou ao prof. Helion Povoá, sumidade nossa. Conversei muito com ele em seu consultório na Cinelândia e ele me disse: - “Já leu o *Livro de San Michele*, de Axel Munthe?” (MOREIRA, 1981, p. 339).

Segundo Vivaldi, o *Livro de San Michele* era leitura da moda. No entanto, aquele volume tocou-o profundamente. “Li esse livro extraordinário e pude aquilatar o volume do coração humano. [...] Modifiquei bastante após sua leitura” (MOREIRA, 1981, p. 339). O autor ainda se põe a refletir como cada pensamento, cada ideia reage diferentemente em cada indivíduo:

Um incidente sem a menor importância para *B* muda o curso de vida de *A*. Isso é comum. Creio, aliás, que o papel – o grande papel - da literatura seja este e não o de distrair somente, como querem os imbecis e os *bons vivants*: tornar melhor a humanidade (MOREIRA, 1980, p. 339).

Ao ultrapassar o sentido de fruição da leitura, Vivaldi Moreira aponta para um papel formador da literatura e nos faz pensar em um pressuposto elaborado por Antonio Candido (1995), no capítulo “O direito à literatura”, do livro *Vários escritos*, em que o autor sugere que reconheçamos aquilo considerado indispensável para nós como sendo também indispensável para o próximo. Essa seria a base da reflexão sobre os direitos humanos. Fundamentado no ponto de vista de um sociólogo francês, o dominicano padre Louis-Joseph Lebret, fundador do movimento Economia e Humanismo, que atuou muito no Brasil entre os anos de 1940 e 1960, Candido se apropria da distinção entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis” (CANDIDO, 1995, p. 240). Separação ligada ao seu ver com o problema dos direitos humanos, uma vez que a maneira de concebê-los depende da classificação dada aos bens incompressíveis, os que não podem ser negados a ninguém.

De acordo com Candido (1995), cada época e cada cultura fixam os critérios de incompressibilidade, ligados à divisão da sociedade em classes. Por isso, a necessidade de existirem critérios seguros para o problema dos bens incompressíveis, tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista social. No primeiro caso, é importante a consciência de cada um a respeito, sendo indispensável desde cedo fazer sentir que os pobres, por exemplo, têm direito aos bens materiais, bem como à igualdade de tratamento. No segundo caso, é preciso haver leis específicas que garantam este modo de ver. A luta pelos direitos humanos pressupõe, portanto, a consideração de tais problemas. “São incompressíveis certamente a

alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à literatura.” (CANDIDO, 1995, p. 241). Os bens incompressíveis, portanto, não são apenas os que asseguram sobrevivência física, mas também os que garantem a integridade espiritual.

Em outra passagem do capítulo, considerando a literatura da maneira mais ampla possível, Candido (1995) constata que ela aparece nitidamente como manifestação de todos os homens em todos os tempos. “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 1995, p. 242). Ao comparar o sonho à entrega ao universo fabulado, ele reflete:

[...] literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CANDIDO, 1995, p. 243).

Sobre o papel da literatura na formação do homem, Candido (1995) vai além, quando cita uma palestra proferida em reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, chamando atenção entre outras coisas para os aspectos paradoxais desse papel, na medida em que os educadores recomendam e temem o efeito dos textos literários. Ele admite que há conflito entre a ideia convencional de uma literatura edificante segundo os padrões oficiais e a sua “poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não *corrompe* nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1995, p. 244).

Não é difícil, dessa maneira, verificar a sintonia entre Vivaldi Moreira e Antonio Candido, ambos amantes da literatura. O memorialista resume:

Àquele conceito de Emerson de que a leitura de um livro tem feito a fortuna de um homem e indicado seu caminho na vida deveria ser acrescentado: “para o bem”, como foi em meu caso. Desejo, mesmo, o sucesso mundano. Quem não o desejaria? Quero, porém, ser influente para ser bom (MOREIRA, 1981, p. 339).

Candido, novamente, contribui com a sua posição humanitária:

Entendo aqui por *humanização* (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da

reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para como o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

As percepções de Vivaldi Moreira e Antonio Candido reafirmam que as produções literárias satisfazem necessidades básicas do ser humano, enriquecendo e ampliando a nossa visão de mundo. Por isso, constituem também um direito das pessoas de qualquer sociedade.

Apesar da iniciativa escolar no intuito de formar leitores, verificamos neste trabalho, que a família e a literatura têm tido mais êxito nessa tarefa. Entretanto, Coelho (2000) vem reforçar no capítulo “A literatura: um ‘fio de Ariadne’ no labirinto do ensino neste limiar de milênio?”, do livro *Literatura: arte, conhecimento e vida*, a importância dessa disciplina como ponta de eixo ideal para uma nova estrutura de ensino. A valorização do poder formador da literatura e das artes (para pequenos e grandes) é defendida, entre outros, pelo sociólogo francês Edgar Morin, que diz:

A literatura, o teatro e o cinema são escolas de vida para crianças e adolescentes, onde eles aprendem a se reconhecer a si mesmos. [...] Escolas de complexidade humana, onde se descobrem a multiplicidade interior de cada ser e as transformações das personalidades envolvidas na torrente dos acontecimentos (MORIN, 1997 *apud* COELHO, 2000, p. 11).

Apontada como uma das disciplinas mais adequadas (a outra é a História) para servir de “tema transversal”, a Literatura é tida como o eixo organizador de determinadas unidades de estudo, que poderia indicar caminhos, a fim de transformá-los. Ou seja, articularia as determinadas áreas do saber, de maneira que cada uma pudesse iluminar as outras e fosse, por sua vez, iluminada por elas. Vemos, pois, que adquirir cultura não é sinônimo de acumular conhecimentos, mas organizá-los em torno de eixos de ideias, em um determinado contexto significativo para o sujeito. O desafio da Educação em nossos dias, principalmente, em face da nova ótica – a da complexidade, é sintetizado ainda no pensamento de Edgar Morin:

A Literatura é um mundo aberto ao mesmo tempo às múltiplas reflexões sobre a história do mundo, sobre as ciências naturais, sobre as ciências sociológicas, sobre a antropologia cultural, sobre os princípios éticos, sobre política, economia, ecologia... Tudo depende de uma seleção inteligente das obras [...] O objetivo maior das discussões sobre os novos caminhos da Educação não é a preparação dos programas de ensino, mas a separação daquilo que é considerado como *saberes essenciais* e evitar o *empilhamento dos conhecimentos* (MORIN, 1997 *apud* COELHO, 2000, p.24-25).

Em uma analogia com o grande teórico do “pensamento complexo”, observamos que Vivaldi Moreira não só valoriza a literatura como diz ser essencial a seleção das obras, mantendo, na relação que com elas estabelece, autonomia e liberdade:

Estou chegando, porém, a uma convicção definitiva: só deverei ler aquilo que me acrescenta. Não poderei mais desperdiçar tempo. É a conclusão das reflexões da manhã com que iniciei meu dia. O tempo passa. Preciso deixar minha “marca”, o sinal de minha presença e só a fortalecerei com a leitura de espíritos iguais ou superiores ao meu (MOREIRA, 1981, p. 271).

Ao dividir com o leitor suas experiências de buscas e de leituras, Vivaldi Moreira dá a perceber uma característica que lhe é essencial: a de que, antes de ser um bibliófilo, ele é um leitor. Ou melhor: ele só se tornou um bibliófilo por ser um leitor. Quer dizer, não se resumiu a colecionar livros, mas as coleções nasceram de interesses ao longo da sua vida. Por isso, a biblioteca é uma extensão da sua casa, integrando-se a ela de forma harmoniosa e próxima à natureza. Aliás, como se sabe, o verbo *ler* deriva de um verbo latino que significa colher. Assim, o homem que lê é como alguém que colhe frutos. Ler é, pois, ir em busca de um alimento, para satisfazer uma necessidade legítima do espírito.

A vida de Vivaldi Moreira foi expressão de amor e dedicação à leitura, prova de que a aquisição dos livros só teve importância porque o ato de ler tem múltiplas significações que ultrapassam largamente o conteúdo dos próprios livros. A fotografia na Academia Mineira de Letras, também seu mundo particular, revela o gosto do escritor de ter sempre ao alcance dos olhos e das mãos, um livro a sua espera:

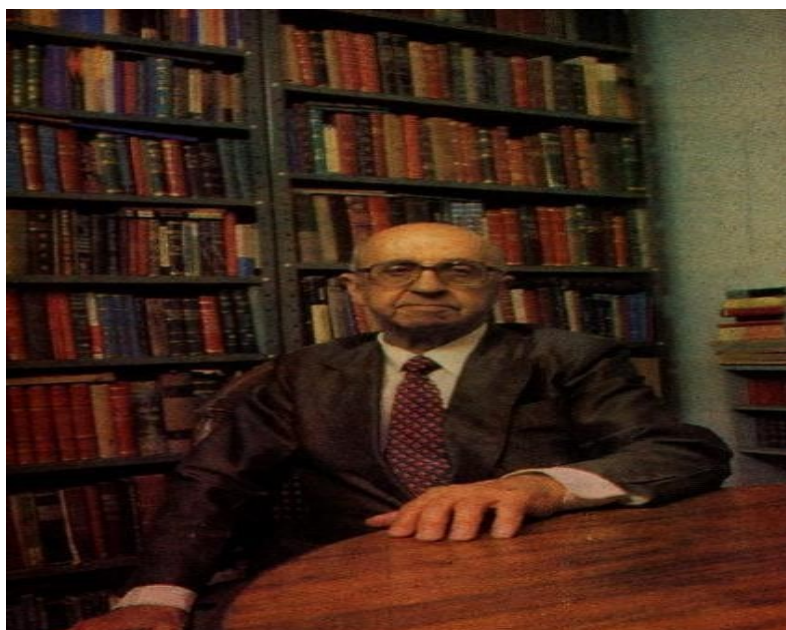


Foto 16- Vivaldi Moreira na Academia Mineira de Letras, em 1983. (Arquivo pessoal).

Cabe lembrar, que além da utilidade e prazer da leitura, os livros ligam o autor a tudo e a todos os que rodeiam sua feitura, difusão e preservação: escritores, editores, livreiros, pesquisadores, bibliotecários, leitores, que ao longo do percurso se tornaram amigos do autor, criando uma rede de relações que conformam esse universo e lhe dão de certa forma sentido. O presidente da Academia Mineira de Letras, na época, Murilo Badaró (2001-2010), exprime, por exemplo, a admiração pelo acadêmico, homem público e escritor Vivaldi Moreira, que lhe dominou pela inteligência, pela cultura e pelo afeto. No caderno de Opinião do Jornal *Estado de Minas* do dia 19 de julho de 2005, “o menino da mata” é lembrado:

Numa de nossas tertúlias, cercadas sempre de bons conselhos e comentários sobre livros e autores, certo dia Vivaldi me trouxe uma lista das 100 maiores obras da humanidade “para um brasileiro penetrar na cultura ocidental”, com o comentário, ao final, de que deveria gastar na leitura delas cerca de quatro a seis horas por dia e, se fosse um bom leitor, teria o prazo de seis a sete anos para lê-las completamente. Era aberta com a *Iliada* e a *Odisseia*, de Homero, passando por todo Platão e Aristóteles, fazia menção à importância da visita a Tucídides, Plutarco, Virgílio, enfim, todos os clássicos (BADARÓ, 2005, p. 9).

No mesmo jornal, Murilo Badaró ainda critica os livros que permanecem na lista dos mais vendidos, como mero produto comercial, recordando com gratidão das indicações de Vivaldi Moreira:

Passados tantos anos, aqui estou em minha biblioteca privada a contemplar as obras lidas, as não lidas, as apenas tocadas para uma ou outra pesquisa, mas respirando o clima criado por Vivaldi e propiciado pelos clássicos, cuja presença em minha vida ocupa todo espaço disponível, sem concessões aos livros resultantes do velho e defeituoso esquema do “clube dos mútuos elogios” e daqueles selecionados pela esquerda das livrarias e das editoras para sua promoção. [...] Lembro-me de Vivaldi Moreira com muita saudade. Com agradecimentos pela sua lista, pois ela me ensinou a não dar importância à pletera de obras de ocasião, jogadas goela abaixo do grande público (BADARÓ, 2005, p. 9).

O escritor que desejava contar suas memórias em versos, não atinge tal façanha, mas dá a um de seus capítulos, o título de “Roman Paladino”, ou seja, romance cantado em versos para o rei de Gonzalo de Berceo, espanhol do século XII, que era um “juglar” de Santos. Isto é, um cantor. Em um determinado momento da narrativa, Vivaldi Moreira põe-se a pensar no ato de escrever e nos revela traços do seu estilo:

Maughan, em quem pensei tanto hoje, só escreveu seu grande livro aos 41 anos, sendo escritor profissional, desde a mocidade. Não posso dizer o mesmo. Sempre empreguei minha atividade intelectual nos misteres mais diversos. E, por isso, ainda não realizei obra compacta. E talvez jamais a realize. Perco-me no fragmentário, no descontínuo, no episódico, por receio, também de não realizar algo que me satisfaça.

Afinal, ninguém sabe o que realiza. Raramente, temos consciência de nosso trabalho, o que ele vale, o que representa. Só a posteridade julga com conhecimento pleno (MOREIRA, 1981, p. 271).

Em relação à repercussão do livro *O menino da mata e seu cão Piloto*, Vivaldi desabafa: “Pode experimentar ou não êxito. Isto não importa. Importa sim, aquilo a que eu procurei dar a melhor forma a meu alcance, e ficará como documento de uma época que jamais voltará...” (MOREIRA, 1981, p. 16). Em entrevista a Magda Lenard, no dia 27 de outubro de 1981, o escritor revela ao *Diário da Tarde*:

[...] Eu escrevi meu livro em cima dos autos de medição e demarcação do País do Tanque. Escrevi em cima destes autos e o resto é lirismo, imaginação até onde as reminiscências me levam. É uma história de família que, pelos fatos que acontecem a todos nós, se universaliza. Foi o último livro romântico que se escreveu no Brasil. (MOREIRA, 1981 *apud* LENARD, 1981, p. 4).

Na mesma oportunidade, Vivaldi Moreira desvela o seu interior:

Os dois polos do meu espírito são a santidade e alegria de viver. Por isso coloquei na contracapa do livro estes dizeres da Epístola de São João, Capítulo 1º; versículo 4: “E isto que escrevemos é para que vos alegreis e para que vossa alegria seja completa” e depois esta em francês, de Rabelais do seu livro “Gargantua”: “Melhor é rir do que escrever sobre lágrimas, porque o riso é próprio do homem. Viva feliz” (MOREIRA, 1981 *apud* LENARD, 1981, p. 3).

Abaixo, a passagem bíblica da Epístola de São João e a frase de Rabelais na contracapa do livro de memórias de Vivaldi, ilustrando também as variadas fontes do seu saber:

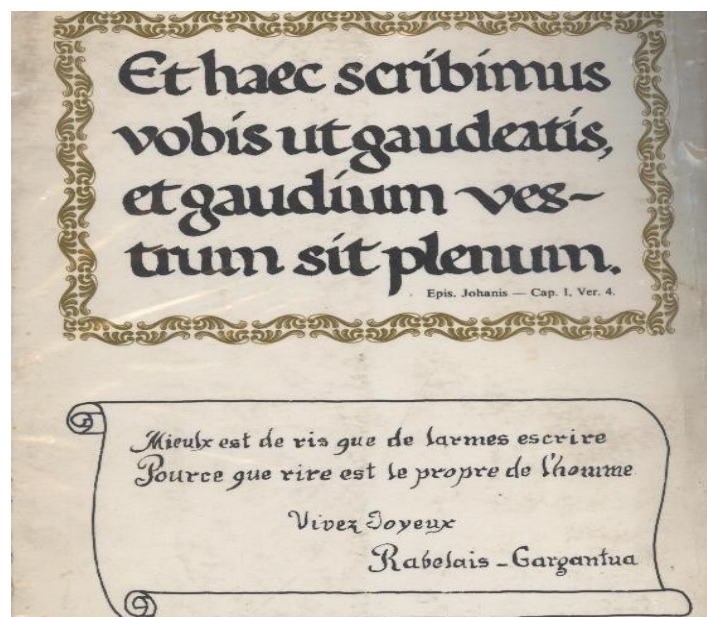


Figura 12- Contracapa de *O menino da mata e seu cão Piloto*.

É de se imaginar o quanto Vivaldi considerava indispensável o contato com os livros. A esse respeito é fundamental lembrarmos mais uma vez de Antonio Candido, em suas considerações sobre os direitos humanos, incluindo a arte e a literatura:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 1995, p. 256).

Como a intenção é testemunhar sobretudo a respeito da importância do letramento literário, peguemos o exemplo mais singelo de Vivaldi Moreira, em *O menino da mata e seu cão Piloto*:

[...] Quando pus o verbo *ser* no plural: “eram mais de dez horas”, e fiquei em dúvida, lembrei-me do poema de Raimundo Corrêa, *Bosquejo*, que sei de cor, desde o tempo da “escola de D. Matildes”: - “São dez horas somente, o sol rutila,/ Faisca espelho de cristal da sala”. A dúvida evaporou-se (MOREIRA, 1981, p. 340).

Seja do ponto de vista das emoções, dando forma às suas lembranças, como cita Candido ou do ponto de vista prático, na aprendizagem da gramática, a riqueza da literatura pode ser explorada sob vários aspectos. Vemos, pois, a sua presença efetiva transformando o escritor desde a infância. E é sobre esse período que Vivaldi faz também considerações importantes sobre a educação. Além da palmatória que lhe infundia terror, o escritor dizia que “sofria a escola, refugiava-me nos livros, deliciava-me com as gravuras, detestando quem me ensinava a ler. E por quê? Porque não me compreendiam” (MOREIRA, 1981, p. 87). Em uma mistura de recordações pessoais e teorizações, o escritor lamenta a diferença entre os livros de hoje e os antigos, substanciosos e atraentes. Os de hoje, segundo o escritor, se parecem com cartas enigmáticas, quebra-cabeças.

Em seguida, o memorialista argumenta sobre o *test*, se ele revelará mesmo o QI (quociente de inteligência) das crianças testadas, ressaltando que, ainda que seja numa democracia, em nenhuma classe social as crianças nascem com possibilidades iguais. Vivaldi questiona, então, como pode ser aplicado um *test* padrão para uma classe heterogênea como representam as classes de ensino primário, onde há tanto meninos que vivem em casa de lata quanto àqueles que moram em palacete? Em Ralph Linton encontra o esclarecimento:

O mesmo *test* pode distinguir graus semelhantes num grupo de filhos de lavradores, mas falha quando se experimenta usá-lo como base de comparação entre os grupos. A inteligência individual só pode ser verificada indiretamente, por meio de informações, adestramento técnico e meios análogos; e este equipamento é determinado muito mais pela cultura, que pela capacidade inata (MOREIRA, 1981, p. 89).

Vivaldi, entende, por fim, a cultura como complexo cultural do grupo, “o grau de evolução dos conhecimentos no processo de adaptação” (MOREIRA, 1981, p. 89). O escritor, no entanto, não deseja terminar as suas considerações sem uma conclusão qualquer. Ela é feita por meio de Georg Kerschsteiner, pedagogo alemão, num livro popular sobre educação: “A salvação da escola primária não está nem em Goethe nem em Kant, mas em Pestalozzi” (MOREIRA, 1981, p. 90). A pergunta é lançada aos leitores, seguida da resposta: “E sabeis por que, meus leitores? Porque em Pestalozzi estava o coração... Creio que nas escolas que frequentei na infância o que mais faltava era precisamente coração...” (MOREIRA, 1981, p. 90).

Essa reflexão, como tantas outras que Vivaldi faz em suas memórias, remete-nos à filósofa Hanna Arendt, uma das mais influentes do século XX, sempre que a relevância da linguagem está em jogo. Segundo ela: “as questões tornam-se políticas por definição, pois é a linguagem que faz do homem um ser político” (ARENDR, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 39). Em sua obra *A condição humana*, Arendt usa o termo *vita activa* para designar três atividades humanas fundamentais: o trabalho, a obra e a ação.

O trabalho (*labor*), de acordo com Arendt, “é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano. (...) A condição humana do trabalho é a própria vida” (Arendt, 1958, *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 43). Trata-se, pois, de uma atividade cuja única finalidade é satisfazer as necessidades da vida, sem deixar nenhuma marca durável, já que seu resultado desaparece no consumo.

A obra (*work*) é, para Arendt, “a atividade que corresponde à não-naturalidade da existência, que não está incrustada (...) no sempre-recorrente ciclo vital da espécie” (Arendt, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 44). Em contraposição ao trabalho, trata-se de uma atividade que possui começo preciso e um fim previsível determinado, ou seja, um objeto durável que não é consumido imediatamente, mas é utilizado para fins que não são os da vida biológica.

No seu sentido não biológico, “a vida se manifesta na ação e na fala” (ARENDR, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 45-46). A característica principal desta vida especificamente humana, aponta Arendt, “é de ser ela mesma sempre cheia de eventos que no fim podem ser contados como uma estória, podem estabelecer uma biografia” (ARENDR, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 46).

Arendt considera que, com a palavra e o ato, há uma inserção no mundo por nossa parte que é como se fosse um segundo nascimento, uma espécie de confirmação e compromisso com o nosso aparecimento físico original. No entanto, esta inserção não nos é imposta por necessidade, nem pela utilidade, mas seu impulso, “surge do começo que entrou no mundo quando nascemos, e ao qual respondemos começando algo novo por nossa própria iniciativa” (IBIDEM, p. 46).

No seu sentido restrito, a ação é o modo pelo qual os homens revelam quem eles são aos outros que, acolhendo esse aparecer, também revelam quem eles são. Para isso a fala é indispensável. Ao falar, cada um declara quem ele é. Sem a fala, a ação perderia não apenas o seu caráter de revelação, mas também o seu sujeito, afirma Arendt. Dessa forma, percebe-se que a ação introduz no mundo a unicidade de alguém não no sentido de sua iniciativa de fazer alguma coisa, mas a iniciativa que ele é.

Se a ação enquanto começo é a atualização da condição humana da natalidade, escreve Arendt “a fala é a atualização da condição humana da pluralidade, isto é, de viver como um ser distinto e único entre iguais” (ARENDR, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 63-64). Por meio da fala, há a revelação do “quem” e a colocação de um novo começo mediante a ação, em que ambas inserem-se sempre numa trama já existente, iniciando juntas um novo processo que possivelmente surge com a estória única de vida do recém-chegado, afetando de modo único as estórias da vida de todos aqueles com quem ele entra em contato.

A ação não apenas tem uma relação íntima com a parte pública do mundo que é comum a todos nós, mas ela é a única atividade que constitui esse espaço: “a ação e a fala criam um espaço entre os participantes que pode encontrar sua localização própria quase em qualquer tempo e em qualquer lugar” (ARENDR, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 65). Assim, para Arendt, o espaço público é o espaço onde os homens fazem explicitamente seu aparecimento. É o espaço da aparência no sentido mais amplo desta palavra.

A existência deste espaço permite o aparecimento da liberdade. Sem ela, a vida política como tal não teria sentido. Para Arendt, “a liberdade política só é possível na esfera da pluralidade humana, e se postularmos que essa esfera não é simplesmente uma extensão do dual eu-e-eu-mesmo a um Nós plural” (ARENDDT, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 66). A pluralidade humana, segundo Arendt, é dividida em um grande número de unidades e é somente como um membro de uma tal unidade, ou seja, como membro de uma comunidade, que os homens estão prontos para a ação.

Para continuarmos pensando na trajetória intelectual de Vivaldi Moreira, em que a fusão entre ideias e ação estão presentes, Arendt ainda toca em uma palavra que nos interessa: o poder, para a filósofa, é o que sustenta ou assegura a existência do domínio público. Ele surge apenas entre os homens quando eles agem juntos e desaparece no momento em que eles se dispersam ou veem-se impedidos de reunir-se livremente:

O que primeiro solapa e depois destrói as comunidades políticas é a perda de poder e a impotência final; e o poder não pode ser armazenado e mantido em reserva para casos de emergência, como os instrumentos da violência, mas só existe quando é atualizado. (...) O poder só é atualizado quando a palavra e o ato não se separam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as palavras não são usadas para velar intenções, mas para revelar realidades, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para estabelecer e criar novas realidades (ARENDDT, 1958 *apud* MAGALHÃES, 2006, p. 67).

O jornalista e escritor Pedro Rogério Couto Moreira, em uma crônica de viagem “O cervantino Vivaldi”, de 25 de abril de 2005, publica no livro *Centenário de Vivaldi Moreira - Fortuna Biográfica*:

[...] Falarei tão-somente de um leitor de Cervantes, que foi Vivaldi. Ele era um cervantino completo: Quixote e Sancho Pança. Quixote espiritualmente e Sancho na vida prática. Amava apaixonadamente os livros, assim como o fidalgo da Mancha se devotava de corpo e alma à leitura das narrativas de Cavalaria. E como o próprio Cervantes também, que lia até mesmo o papel atirado à rua como coisa imprestável. Isso é Vivaldi puro. Ele lia tudo o que lhe chegasse à vista. Se cerro os olhos para recordá-lo, o vejo com um livro entre as mãos (MOREIRA, 2012, p. 317).

Quixotesca foi a ideia fixa de Vivaldi de dotar a Academia de uma sede digna, sonho perseguido por vinte anos e que não fez com que o presidente perpétuo da Academia desistisse, ainda que não poucas vezes ele tenha sido sacudido para a dura realidade que é o desprezo pelas coisas da cultura em nosso país. No mesmo livro, Pedro Rogério declara:

Já a determinação de realizar o sonho foi verdadeiramente sancho-panceana, isto é, labor de um obreiro, de um servidor nato, de um fazedor de coisas como foi para o Quixote o seu dedicado pajem. O sonhador e o pragmático conviveram no cervantino Vivaldi (MOREIRA, 2012, p. 319).

Com respeito ao homem público, faz-se necessário lembrar que Vivaldi Moreira lutou e conseguiu recursos para construir um prédio anexo à Academia Mineira de Letras, integrando o moderno ao antigo, na leitura de que não há futuro sem passado que lhe dê sustentáculo e possibilidades novas. Ao lado do Palacete Borges da Costa, o prédio em estilo moderno, abriga um auditório, com alguns móveis e objetos antigos, espaço para cursos gratuitos e galeria de arte. O importante a registrar é que tal iniciativa tinha o propósito de tornar a Academia mais acessível ao grande público e afastar a imagem aristocrática que alguns poderiam ter do seu cargo de Presidente.

Em seu livro *Em defesa do intelectual*, Jean-Paul Sartre (1994) traz no último capítulo que se refere à terceira conferência que ele apresentou no Japão, o questionamento se um escritor seria um intelectual e apresenta-nos uma conclusão esclarecedora sobre o engajamento do escritor: ele “visa comunicar o incomunicável (o ser-no-mundo vivido) explorando a parte de desinformação contida na língua comum e manter a tensão entre o todo e a parte (...), o mundo e o ser-no-mundo como sentido de sua obra” (SARTRE, 1994, p. 71). Segundo Sartre, a contradição da particularidade e do universal está presente em seu próprio ofício. Os outros intelectuais viram nascer sua função de uma contradição entre as determinações universalistas de sua profissão e as determinações particularistas da classe dominante. Já o escritor, encontra em sua tarefa interna a “obrigação de habitar no plano do vivido sugerindo ao mesmo tempo a *universalização* como afirmação da vida *no horizonte*. Nesse sentido, ele não é intelectual *por acidente*, como eles, mas *por essência*” (SARTRE, 1994, p. 72, grifos do autor).

Em relação à obra e precisamente pela razão descrita, Sartre ressalta que ela exige, por si mesma, que o escritor se coloque fora dela, “sobre o plano teórico-prático em que já estão os outros intelectuais” (SARTRE, 1994, p. 72) e explica os seus dois lados: um que é “restituição sobre o plano do não-saber - do ser num mundo que nos esmaga” (IBIDEM, p. 72) e, o outro, “afirmação vivida da vida como valor absoluto e exigência de uma liberdade que se dirige a todas as outras” (IBIDEM, p. 72).

Em duas publicações para a imprensa é possível conhecer mais um pouco do intelectual Vivaldi Moreira, seja no cuidado com as palavras ou na postura lúcida de um homem em sua real expressão de cultura. A primeira é sobre uma matéria de Augusto Duarte, que recebe o título: “Influindo nos destinos do País e na superação das crises – O papel dos

intelectuais”, publicada em 19 de fevereiro de 1989, no jornal *Estado de Minas*, em que o escritor fala da importância de aprender conceitos:

(...) O mal que circunda a crise é a gosma do hipócrita. (...) Observo, pois, a crise desde meus sete anos, como envoltório do ser e do tempo. A crise em si seria um conceito abstrato. É impossível concebê-la fora da imaginação, ela pertence ao mundo dos “fenômenos”, da experiência sensível, ao mundo dos “noumenos”, que só é atingido por uma espécie de minuciosa anatomia do pensamento. Categoria abstrata como “espaço” e “tempo” só é objeto do conhecimento em virtude de suas inferências com a realidade palpável. A crise, só a sentimos, quando se materializa através de um estado de espírito. O que é crise para uns pode não ser para outros. O sábio idioma chinês grafa o vocábulo “crise” com dois ideogramas: o primeiro exprime “perigo” e o segundo “oportunidade”. Transitar do perigo para a nova oportunidade, este é o percurso da crise. Mas crise é também um conceito histórico e quer dizer “mudança”. Uma sociedade em mudança é uma sociedade em crise. Não há afirmação mais ambígua do que a generalização ingênua “O Brasil está em crise.” Em crise para alguns, mas em plenitude para outros. É urgente que aprendamos estes conceitos básicos, para não sermos como os “túmulos caiados” da Escritura (MOREIRA, 1989, p. 8 *apud* AVELAR, 1989, p. 8).

A segunda publicação, também no jornal *Estado de Minas*, é do dia 31 de agosto de 1986, com o título “Academia comemora aniversário”, de Wilson Avelar. Trata-se de um registro sobre uma sessão solene realizada na sede da Academia Mineira de Letras em comemoração ao terceiro ano de fundação da Academia Feminina de Letras, com a presença de vários intelectuais de Belo Horizonte e do interior do Estado. O conferencista foi Vivaldi Moreira, presidente da Academia Mineira de Letras, na época. O seu discurso foi centrado no tema “A mulher e o processo de libertação intelectual”. A expressão moderna de que somente agora as mulheres se libertaram já recebeu de início uma crítica do escritor: “é uma afirmação inglória, pois ela sempre caminhou lado a lado com o homem” (MOREIRA, 1986, p. 6 *apud* AVELAR, 1986, p. 6).

Na ocasião, Vivaldi disse que as academias de letras nem sempre reúnem os melhores valores intelectuais, referindo-se que 40 homens não correspondem ao número daqueles que merecem estar na Academia. Ao seu ver, o número de intelectuais mineiros deveria passar de 500. “Mas, como há um limite pelos próprios regulamentos das academias, a nossa entidade está com os que acabaram sendo indicados pelos próprios membros.” (MOREIRA, 1986, p. 6 *apud* AVELAR 1986, p. 6). O escritor lembrou de várias mulheres que se tornaram famosas começando a citar Judith e Ester, presentes nas sagradas escrituras. Disse que o livro de Ester “poderia ser qualificado como um dos melhores romances já escritos em toda humanidade, ao passo que Judith teve uma ação decisiva na libertação do povo judeu” (IBIDEM, p. 6).

Outros nomes também foram lembrados como Débora, a juíza, Cornélia, a romana que, não tendo dinheiro, apresentava seus filhos como “as minhas joias” (MOREIRA, 1986, p. 6 *apud* AVELAR, 1986, p. 6), Madame Cury, pelo seu permanente processo de libertação; Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, “que fez do filho libertino um dos grandes santos de igreja” (IBIDEM, p. 6); Gabriela Mistral, como sendo uma das cinco mulheres que conquistaram o Prêmio Nobel de Literatura; a espanhola Rosália de Castro, que “saiu da galícia para a glória mundial” (IBIDEM, p. 6). Vivaldi termina sua fala assim: “Posso afirmar também que o homem está preso a tantas obrigações imediatistas que o futuro literário é das mulheres” (IBIDEM, p. 6).

Nota-se que a leitura excessiva, emotiva e diversificada teve como consequência a escrita instintiva e pluriforme. Vivaldi não só gosta da leitura, como da escrita sobre a leitura, sobre os amigos, sobre os acontecimentos da hora, sobre tudo que lhe chame atenção. Ele escreve com a mesma naturalidade que outras pessoas praticam outras atividades cotidianas. Os dois exemplos acima reforçam a coexistência entre pensamento e ação. Ou a força da linguagem fazendo do homem um ser político, como sugeriu Arendt (1958). A vigorosa presença da leitura na vida de Vivaldi Moreira leva-nos, em última análise, pensar na construção de sua narrativa, segundo Maingueneau (2001):

Na realidade, a obra não está fora de seu “contexto” biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união (MAINGUENEAU, 2001, p. 46).

O que podemos perceber, portanto, é que quando Vivaldi se descreve em *O menino da mata e seu cão Piloto* não pode descrever algo além da existência de um Vivaldi já captado pela escrita. Sua escrita envolve sua vida, sua vida envolve sua escrita, tal qual Michel de Montaigne nos *Ensaaios*: “Não fiz mais meu livro do que meu livro me fez, livro substancial a seu autor, de uma ocupação própria, membro de minha vida, não de uma ocupação e um fim terceiro e estranho, como todos os outros livros” (MAINGUENEAU, 2001, p. 46).

Concebendo desse modo o perfil de leitor de Vivaldi Moreira, notamos a dominância acentuada de obras literárias que comprovam o prazer pela literatura, demonstrando assim, a nítida existência do processo desse tipo de letramento na formação do intelectual. Nota-se também, o valor de sua obra, despertando nossa curiosidade e sendo capaz de nos transportar para o tempo e o lugar a que se refere. É como se passeássemos ao lado do “menino da mata”,

em contato com a natureza, experimentando a acolhida e os encantos da Fazenda do Tanque, ouvindo esta voz ecoar:

Addison, o grande estilista inglês do Século XVIII, afirmou que “escrever bem é escrever com sentimentos que sejam naturais sem serem óbvios”. Decidindo-me a relatar os primeiros anos de minha existência, sei que estou imbuído de sentimentos naturais. Não sei é se, no desenvolvimento da narrativa, o que era óbvio pretendeu assumir a categoria do excepcional. Para a infância nada é óbvio. Tudo é deslumbramento e pede explicação, e aqui quem está escrevendo é ainda o Menino fascinado com o dom da vida, tentando abrir janelas e portas que vão dar no largo oceano do mundo (MOREIRA, 1981, p. 117).

Há que se lembrar do lugar mítico, segundo a jornalista e historiadora Heloisa Azevedo da Costa (2012), quando se refere à paisagem que Vivaldi Moreira viveu a sua infância, mas nota-se também um espaço de atuação e interferência política. No final da década de 40, por exemplo, já participando da vida política na capital mineira, Vivaldi leva ao seu antigo distrito franciscano o governador Milton Campos, “grande articulador da UDN” (COSTA *apud* MOREIRA, 2012, p. 18). É na Fazenda do Tanque, na ocasião, propriedade do tio de Vivaldi, João Moreira, que o governador foi recepcionado. As facções políticas locais eram antagônicas, “mas seguiam a mesma política valadarista do PDS, João Moreira torna-se chefe da UDN e arregimentará a sua volta parentes e amigos e fará com que a UDN ganhe as eleições municipais de 1954” (COSTA *apud* MOREIRA, 2012, p. 19).

No entanto, sua influência nos destinos do novo município não termina aí. Joaquim Antônio Moreira, primo de Vivaldi e seu companheiro de brincadeiras na infância, no cargo de prefeito, elege como prioridade levar luz elétrica a São Francisco do Glória. “Sonho quase impossível numa Mata com terras desvalorizadas, onde as cidades empobrecidas exportam sua população para os grandes centros urbanos, desde o final dos anos 30.” (COSTA *apud* MOREIRA, 2012, p. 19). Entretanto, os esforços do governo estadual estavam no crescimento da siderurgia e minério de ferro. A Mata não tinha. Nessa ocasião que, com o aconselhamento e a participação de Vivaldi, o prefeito Joaquim Moreira recorreu a empréstimos de um banco privado e consegue realizar em 1958 o seu projeto, com a cidade e as residências iluminadas.

Segundo Costa, se a vivência política de Vivaldi favoreceu que ele estivesse nos bastidores de cenas essenciais para o destino do novo município, sua vivência literária e o seu encantamento pelos livros irão impulsionar a mediação com a administração municipal do final da década de 90 para a criação da biblioteca pública municipal em São Francisco do Glória. “O acervo inicial foi composto por doação particular do escritor que já idoso fez-se

presente à inauguração.” (COSTA *apud* MOREIRA, 2012, p. 19). A historiadora rememora: “E a biblioteca recebeu o nome daquele que não permitiu que as contingências da vida restringissem os sonhos do filho Vivaldi, Pedro José Moreira” (IBIDEM, p. 19). No dia 8 de dezembro de 2022, em palestra especial da Academia Mineira de Letras, a jornalista e historiadora Heloisa Azevedo da Costa apresenta “Relembrando Vivaldi Moreira 110 anos de nascimento⁶” e celebra a data compartilhando seus conhecimentos sobre o autor e a obra *O menino da Mata e seu cão Piloto*.

Em última análise, sobre a possibilidade de escrever um romance, em seu livro de memórias, Vivaldi faz diversas considerações e, no trecho a seguir, expõe sua angústia em relação ao contexto literário, bem como sua visão sobre o intelectual:

A literatura parecia-me descambar para a sandice. Um escritor escrevia um livro em cinco tarde, a obra fazia ruído e sucesso e era premiada por prestigiosa associação literária. Onde estava o mimo da velha geração de buriladores do pensamento e da frase? Tudo isso influenciava o meu temperamento já precavido, acalentando um prurido de revolta contra a imbecilidade que surgia e triunfava. E ainda o entrave maior à minha expansão intelectual residia no ambiente morno e cinzento da inteligência brasileira. Onde estava uma figura que convergisse a nossa atenção, polarizasse os nossos anseios de emancipação da Europa? Uma personalidade, ao mesmo tempo moral e intelectual, que valesse pelo brilho das idéias e pela elevação da alma? Em torno, tudo descampado e solitário. Machado de Assis já se fora e nunca foi o meu ideal. Compreendo o intelectual como um elemento que atua na elaboração das normas sociais, não o recatado misantropo da torre de marfim. Sonhava com um tipo “humano, demasiadamente humano”, que viesse para a rua e nos ajudasse a demolir e a construir. Mas ele não apareceu. Graça Aranha também já tinha ido e ficou na esterilidade do modernismo, fazendo frases clássicas sobre pensamentos antigos e boatando que eram revolucionários. Então eu, pobre provinciano, que fazer? (MOREIRA, 1981, p. 236).

A Academia Brasileira de Letras, por proposta do acadêmico Ledo Ivo, aprovada em 15 de outubro de 1996, concedeu a Vivaldi Moreira a sua mais importante distinção, a Medalha Machado de Assis. Segundo seu filho Pedro Rogério Couto Moreira, o pai não foi ao Rio de Janeiro para receber a honraria, pois guardava uma pequena mágoa pela resistência de Austregésilo de Athayde ao seu ingresso naquela Casa. “No ano seguinte, a 19 de julho, a nova presidente da ABL, Nélida Piñon, em visita à Academia Mineira de Letras, fez a entrega solene da medalha ao escritor mineiro.” (MOREIRA, 2012, p. 214). Dirigido pelo escritor

⁶ O conteúdo pode ser conferido em Academia Mineira de Letras, 2022. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=32a3tlwqM-Y&t=286s> >. Acesso em: 20, dez. 2002.

Marcos Almir Madeira, também da ABL, o Pen Clube, no mesmo ano, promoveu sessão em Homenagem a Vivaldi, que indo ao Rio, discursou com alegria.

Faz-se necessário ainda que analisemos uma produção intelectual (de 20 livros, diversos plaquetes⁷ e outros escritos) não somente considerando a história individual do produtor e o contexto histórico em que se desenvolveu, mas também prestar atenção em suas motivações e objetivos pessoais. No caso de Vivaldi, é reconhecer, sobretudo, a sua crença na palavra, instrumento de trabalho que ele procurou usá-lo com convicção para comunicar-se a todos. Malard (2012) destaca outras razões para se conhecer o escritor:

Então, ler ao menos um item da bibliografia de Vivaldi Moreira é viajar pelos caminhos da civilização do livro e da leitura, é recuperar o pensamento de um homem da sua geração e do seu tempo sobre os mais diversificados assuntos. É procurar empatia com um venerador de livros, admirá-lo com todas as suas euforias e angústias, suas dúvidas e certezas, sua crítica e autocrítica, suas posições políticas e ideológicas umas vezes conservadoras, outras vezes progressistas e às vezes paradoxais transformando-se com o correr da idade, seu contentamento e suas infelicidades, sua família e seus amigos. Isso porque Vivaldi sempre se revelou sincero e inteiro em tudo o que escreveu (MALARD, 2012, p. 55).

Malard (2012), imbuída do seu gosto musical, apropria-se da obra de Vivaldi, o músico, para resumir o percurso intelectual de Vivaldi Moreira em suas “Quatro Estações”:

- A) Primavera: infância modelada pelo pai- mestre de Ética – pela mãe – incentivadora de bons costumes e da leitura – e pelo livro de Hilário Ribeiro – amplificador de horizontes.
- B) Verão: adolescência e juventude vividas para o melhor aprendizado da vida, para a formação do advogado e para o preparo do jornalista, sob o signo da paixão pelos livros.

⁷ **Plaquetes:** *Sociologia, ciência universal* (1959); *A pátria pequena*: introdução amorosa ao estudo do Carangola (1963); *Liderança e humanidade*: duas dissertações proferidas em conferências rotárias (1963); *As oportunidades do homem na era espacial*: palestra Rotary Club- Juiz De Fora (março de 1964); *Cícero Siqueira educador* (1965); *A Ordem da Coitadeza*: discurso à família (1º de janeiro de 1965); *Liberdade, ética, cultura & Rotary* (1965); *Pioneiros de 1969*: discurso pronunciado no Museu Abílio Barreto (12 de dezembro de 1969); *Orações de maio* (1969); *A cadeira n.º 31 da Academia Mineira de Letras*: discurso de recebimento de Manuel Casassanta (1970); *O homem Severiano de Resende* (1971); *Amenidades camonianas*: Semana de Camões-Brasília (1972); *Fiscalização das contas municipais*: três palestras realizadas em congressos de vereadores e prefeitos em 1974 e 1975; *Raul Soares*: homem de letras e estadista- conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico de MG, em 7 de agosto de 1977, no centenário de Raul Soares; *Homenagem ao acadêmico Heli Menegale*: sessão solene que outorgou ao acadêmico Heli Menegale o diploma de benemérito e inaugurou a placa que dá seu nome à sala de sessões. -18 de agosto de 1977; *Educação antiga e moderna*: conferência proferida em Mariana (1977); *O modernismo brasileiro e o grupo Verde* (1978); *Os roteiros de Tiradentes* (1978); *Discurso de saudação a José Pedro Leite Cordeiro, ao assumir como acadêmico honorário da AML* (1978); *Tereza de Ávila escritora e mística* (1978). (MALARD, 2012, p.22-23). Nas referências bibliográficas, encontra-se a relação dos livros de Vivaldi Moreira.

- C) Outono: maturidade onde alcançou inquestionáveis conquistas nas áreas jurídica e jornalística, bem como no campo do conhecimento, da erudição, da produção de textos e da administração cultural.
- D) Inverno: velhice, empenhando-se até o fim de seus dias no exercício da leitura, da escrita e da administração da Academia Mineira de Letras, seu segundo lar e seu bem-aventurado amor. (MALARD, 2012, p. 114-115).

Diante do exposto foi possível conhecer o nascimento de um leitor perseverante a partir da escuta de histórias contadas pela sua mãe, do exemplo de um pai leitor, do encantamento por um livro na infância, que lhe instigou a desbravar outros mundos. Vivaldi Moreira teve na família e na Literatura as bases para sua formação acadêmica, acrescida de trocas e encontros significativos que lhe renderam conquistas em várias instâncias do serviço público e da administração cultural. Levou a sério a prática da leitura e da escrita até o fim da vida, doando sua biblioteca de 20 mil volumes para a Academia Mineira de Letras e fez de sua gestão como presidente dessa Casa, um período profícuo de realizações materiais (nova sede e Auditório anexo) e imateriais (cursos oferecidos, tempo gasto, amizades genuínas etc). Vê-se, pois, a formação e atuação de um intelectual habilidoso que ganhou espaço e reconhecimento pela sua dedicação às Letras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão panorâmica das atividades intelectuais de Vivaldi Moreira, assim como o conhecimento de um pouco da sua fortuna crítica permitiram reconhecer o perfil multifacetado de um intelectual que se formou a partir também da multiplicidade de suas leituras, sobretudo, as literárias e da variada escrita.

A discussão entre autobiografia e memória revelou a linha tênue entre os dois gêneros que se complementam, embora no caso da pesquisa, um pacto de leitura já é estabelecido pelo subtítulo do livro - “memórias sincopadas”. Ou seja, a centralidade da narrativa é baseada na seleção de quadros isolados da infância, em que o autor enfatiza o coletivo, o contexto sócio-histórico-geográfico, o seu “País do Tanque”, na Zona da Mata mineira. Vale lembrar do caráter híbrido de suas memórias, uma vez que elas também são compostas de parte do seu diário e de entrevistas.

Nota-se que a família e a própria literatura destacam-se entre as instituições mediadoras de leitura para Vivaldi Moreira, que tem a sua formação intelectual baseada no leitor contumaz despertado na infância, passando pela juventude e seguindo vida afora no apreço aos livros.

Parte de sua obra diz muito sobre Minas Gerais, pois tem a ver com o lugar onde ele nasceu e escolheu morar. Assim como o contexto social, no que diz respeito aos lugares onde exerceu o seu ofício ou frequentou, também aparecem em seus textos, como a Academia Mineira de Letras, Tribunal de Contas, Rotary Clube etc. No entanto, Vivaldi Moreira é provinciano apenas no quesito regional. O intelectual mineiro, orgulhoso de suas raízes, parece ter aproveitado a infância de menino de fazenda para fundar o seu espírito em muitas virtudes humanas que aparecem em seu livro de memórias, como a benevolência, a sabedoria, a resiliência, a coragem, a inteligência, a perseverança, o altruísmo, a fraternidade. Enfim, princípios que marcarão a sua convivência, bem como a sua escrita. Ele não apenas reflete sobre o seu meio, mas variados são os assuntos, lugares e figuras que ganham o seu interesse. Trata, pois, de questões humanas e, por isso, universais. O seu reconhecimento também ultrapassa as fronteiras do Estado, pois ele recebe medalhas e honrarias em nível nacional e internacional, da mesma maneira que sua obra é comentada por diversas personalidades, como vimos em sua fortuna crítica.

Uma das provas de que Vivaldi Moreira dedicou a sua vida aos livros é a criação de sua biblioteca de 20 mil volumes, ao longo de 61 anos, considerada uma das mais ricas do Estado. Entretanto, o escritor gostava de enfatizar que não era por ostentação, mas por prazer. O seu apreço era genuíno, pois lia apenas o que lhe interessava. Além da prática ser variada em relação aos títulos, ele também gostava de ouvir as histórias. Não apenas para poupar as vistas com a idade, mas para conservar o hábito da infância, quando ouvia histórias de sua mãe, sua grande incentivadora. Marília Moura Guilherme, então, exerce por 17 anos a função de leitora particular do escritor. É interessante reconhecer como essa prática é enriquecedora para ambos. Marília não apenas lê para Vivaldi, mas também recebe dele conhecimentos. Os dois buscam juntos informações, trocam ideias, ampliam, pois, os horizontes. Vivaldi, na prática da leitura, também associa as ideias à ação, pois enquanto escutava as histórias, costumava encadernar livros e recortar jornais para colocar dentro deles. Ou seja, a sua leitura era ativa. Para isso, ele também tinha um caderno de notas. Aproveitava, de fato, cada livro

para marcar, circular, anotar, procurar mais informação sobre determinado assunto, acrescentar alguma notícia que tivesse a ver com algo que lhe chamou a atenção.

O menino da mata e seu cão Piloto é o nono livro de Vivaldi Moreira, o mais importante da sua obra. A sua publicação trouxe grande alegria ao escritor tanto do ponto de vista do conteúdo exposto quanto da recepção. O livro teve a sua edição esgotada em apenas três meses e recebeu comentários de muitas personalidades, dentre elas de um dos maiores críticos literários, Tristão de Athayde. Tamanha foi a importância que Vivaldi deu à infância, que a Fazenda do Tanque foi materializada em um vitral colocado em sua casa, quando veio para Belo Horizonte, em 1940, a fim de continuar irradiando em seu presente, as boas vivências do seu passado. Seu livro não deixa de ser um documento às gerações futuras, quando revela hábitos, costumes de uma sociedade, retratados de forma abrangente e profunda. Além do aspecto afetivo e estético do livro, é possível aprender com as suas descrições detalhistas sobre a fauna e a flora, sobre as comidas típicas e as comemorações religiosas, o calendário agrícola e as atividades pastoris, assim como conhecer referências literárias e pessoas que influenciaram o escritor, sempre mesclando a narrativa com a reflexão.

Não se pode ler *O menino da mata e seu cão Piloto* sem nos atentarmos ainda à década de 30. Após a quebra da bolsa de Nova Iorque, em 1929, atingindo a vida financeira de Pedro Moreira, abastado comerciante, comprador de café, Vivaldi que aspirava frequentar as Universidades de Oxford ou Cambridge tem o seu sonho interrompido. No entanto, ao mencionar a sua turma de 1937, quando se formou na Faculdade Nacional de Direito, reconhece um grupo singular de homens íntegros que foram cooptados ao serviço público. Mesmo ano do Golpe do Estado Novo dado por Getúlio Vargas, período em que o governo deu preferência ao ensino superior, em detrimento da educação básica para as massas. Na infância, apesar de ter frequentado a escola formal de maneira instável e insatisfeito com os professores, sendo alfabetizado aos oito anos, Vivaldi Moreira foi construindo sua participação no universo da escrita, de forma autodidata, por meio de aprendizagens baseadas na experiência prática, vivenciadas em diferentes momentos e instâncias de socialização. Por isso, o grande apreço aos livros, assinalado por ele, como seus verdadeiros mestres.

A relação com as ideias e também com a política leva-nos a refletir muito mais sobre uma dinâmica que atravessa a vida do intelectual do que pensarmos em uma subordinação às particularidades e/ou legalidades de cada instância. Ou seja, não há em Vivaldi Moreira uma autonomia radical entre essas duas esferas, uma vez que ele transitou entre ambas, com autenticidade. Apropriando-se da palavra, inclusive, para pensar e falar sobre política ou fazendo política por meio das ideias. Talvez até a maior de suas ações políticas esteja na persuasão às autoridades para a realização do sonho, que antes só nas ideias, ganha concretude com a sede da Academia Mineira de Letras e a construção do Auditório Vivaldi Moreira, anexo ao Palácio Borges da Costa. Isso significa que ideia e ação coexistem e são variáveis, definindo como instável também a colocação do intelectual.

Vivaldi Moreira desfrutou da sua posição de intelectual como mediador, interferindo na vida de sua comunidade em São Francisco do Glória, quando ajudou a levar luz elétrica à região e criou uma biblioteca pública municipal. A mesma fluência política misturada à vivência literária que lhe permitiu insistir com as autoridades responsáveis, quando batalhou por uma nova sede da Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte. Ocupando diversos cargos públicos ou frequentando lugares como o Rotary Clube ou a Livraria Editora Itatiaia, Vivaldi mantém a sua postura mediadora no que se refere também à difusão dos objetivos humanitários e pareceres literários, influenciando as pessoas com quem se relacionou.

A finalidade desta pesquisa foi analisar e refletir sobre a formação intelectual de Vivaldi Moreira a partir de suas leituras literárias em seu livro de memórias, amenizando a polêmica dicotomia entre pensamento e ação, no papel do intelectual. As teorias propostas ajudaram não só a pensar em um percurso individual de letramento literário, como jogaram luz em um contexto histórico-social importante no Brasil. Resgatar o nome de Vivaldi Moreira, bem como dar mais visibilidade à sua obra é contribuir para os estudos literários sob a ótica da formação de leitores e escritores, conciliando memória, história e cultura. É também fazer a leitura de uma época, percebendo as adversidades, mas sobretudo, a trajetória inspiradora de quem acreditou nos seus sonhos e fez uma escolha consciente pelas Letras.

Recordar a invenção do microjornal *Minas em Foco*, com circulação gratuita em todo o país por quase oito anos, é também pensar na potência criadora das pessoas. Dentre muitas coisas, esta dissertação ensinou-me sobre a perseverança e a importância da reflexão.

Sobretudo hoje, em que as *fake news* são disseminadas e, muitas vezes acolhidas como verdades, vejo a necessidade do questionamento, do debruçar-se sobre a palavra, da curiosidade vigorosa de Vivaldi Moreira como pesquisador, do saber como bem imaterial que descortina mundos e possibilidades. A sensibilidade do autor não deixa de legitimar as suas ideias. Pelo contrário, revela uma escrita afetiva, rompendo estigmas sociais em que se pode ser sério, sem perder a ternura. Por fim, vale lembrar que para quem o livro sempre foi a companhia mais fiel, Vivaldi Moreira merece a atenção de leitores e pesquisadores pelo seu engajamento intelectual, pela sua trajetória literária, pela riqueza da sua obra, bem como de seus diários, correspondências e juízos literários que podem ser explorados, já que são fontes instigantes para novos trabalhos sobre um escritor que fez do interesse pelos livros a origem de toda a sua bem-aventurança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I – OBRAS DE VIVALDI MOREIRA

MOREIRA, Vivaldi. *A fruta de Mársias: ensaios e aproximações*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1959.

MOREIRA, Vivaldi. *Cobras & lagartos: prosa vadia*. Belo Horizonte: Edições Caraifas, 2000.

MOREIRA, Vivaldi. *Conceitos sociológicos da obra de Jose Ortega y Gasset: ou a sociologia como ciência da crise*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1951.

MOREIRA, Vivaldi. *Correções a fazer & preços a praticar: por que não reeditar o passado?* Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1989.

MOREIRA, Vivaldi. *Daqui e dalém*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1968.

MOREIRA, Vivaldi. *Doutrina e decisões: no Tribunal de Contas do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.

MOREIRA, Vivaldi. *Figuras, tempos, formas*. Belo Horizonte: Edições Movimento-Perspectiva, 1966.

MOREIRA, Vivaldi. *Glossário das Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.

MOREIRA, Vivaldi. *Memória de uma luta*. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1994.

MOREIRA, Vivaldi. *Memorial a Destempo*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MOREIRA, Vivaldi. *Milton Campos política e letras: quatro anos de imprensa em favor da causa democrática*. Brasília: [s.n.], 1972.

MOREIRA, Vivaldi. *Milton Campos: política e letras*. 2 ed. Brasília, DF: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2000.

MOREIRA, Vivaldi. *Navegação de cabotagem*. São Paulo: EdArt, 1963.

MOREIRA, Vivaldi. *Novo glossário das Gerais: prosa útil*. Belo Horizonte: Edições Caraifas, 2000.

MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão Piloto: memórias sincopadas*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1981.

MOREIRA, Vivaldi. *O velocino de ouro*. Brasília: [s.n.], 1986.

MOREIRA, Vivaldi. *Perfis contemporâneos e outros escritos*. Belo Horizonte: Associação Comercial de Minas Gerais, 1982.

MOREIRA, Vivaldi. *Personagens & situações*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MOREIRA, Vivaldi. *Volta a Meípe*. Belo Horizonte: Rotary Club, 1973.

MOREIRA, Vivaldi. *Viagens*. Belo Horizonte: Edições Caraifas, 1996.

MOREIRA, Vivaldi. *Uma passagem para Meípe: em torno de Rotary*. Belo Horizonte: Casa da Amizade, 1964.

II – TEÓRICA E GERAL

AVELAR, Wilson. Academia comemora aniversário. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 ago. 1986, p. 6.

AZEVEDO, Ezequiel de. *O Tico-Tico: cem anos de revista*. São Paulo: Via Lettera, 2005.

BADARÓ, Murilo. Passeio pela biblioteca. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 jul. 2005, p. 9.

BARBOSA, Samantha Guedes. O letramento literário e a formação do escritor em *O menino da mata e seu cão Piloto*. *Revista da Academia Mineira de Letras*, Belo Horizonte, v. 62, p. 141-148, jul./set. 2012.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 2000.

CORRÊA, Nereu. Vivaldi Moreira e seu “Piccolo Mondo”. *O Estado de Santa Catarina*, Florianópolis, 29 nov. 1981, p. 5.

CORRÊA, Oscar Dias. O Menino da Mata e seu Cão Piloto. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 9 jan. 1982, p. 11.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Intelectuais em cena. In: CURY, Maria Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos (orgs). *Intelectuais e vida pública: migrações e mediações*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

DANTAS, Paulo. Carta aberta a Vivaldi Moreira. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 dez. 1982, p. 5.

DUARTE, Augusto. Influindo nos destinos do País e na superação das crises - O papel dos intelectuais. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 fev.1989, p.8.

DUARTE, José Afrânio Moreira. Um escritor erudito. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 jan. 1987, p. 2.

FÁVERO, Afonso Henrique. *Aspectos do Memorialismo Brasileiro*. 1999. 370 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

FILHO, José Campomizzi. Vivaldi Moreira, percorrendo os caminhos de Jasão. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 jan. 1987, p. 2.

FRIEIRO, Eduardo. Eduardo Frieiro e *O Menino da Mata e seu Cão Piloto*. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 13 fev. 1982, p. 2.

GOMES, Danilo Gomes. O Círculo dos Eleitos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 ago. 1987, p. 5.

GOMES, Danilo Gomes. Vivaldi Moreira: memórias de infância. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1982, p. 8.

GUIMARÃES, Airton. Vivaldi Moreira. Em tempo de menino da mata com seu cão Piloto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 11 nov. 1981, p. 1-4.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JORNAL *O Lutador*. Belo Horizonte, 18 a 24 de outubro de 1981.

JOZEF, Bella. (Auto) Biografia: os territórios da Memória e da História . In: AGUIAR, Flávio et al (Orgs). *Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997.

LAJOLO, Marisa & Zilberman, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LENARD, Magda. *O menino da mata e seu cão Piloto* - o último livro romântico de nosso país. *Diário da Tarde*, 27 out. 1981, p. 3-4.

MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. In: BELON, Antônio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs). *Em Diálogo: Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

MAGALHÃES, Theresa Calvet de. Ação, Linguagem e Poder: Uma releitura do Capítulo V da obra *The Human Condition*. In: CORREIA, Adriano (org.). *Hannah Arendt e A condição humana*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 35-74.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MALARD, Leticia. *Vivaldi Moreira e a paixão pelos livros*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2012.

MELLO, José Geraldo Bandeira de. A alma de Minas no *Menino da Mata e seu Cão Piloto*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 fev. 1982, p. 5.

MENDES, Oscar. Um memorialista. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 out. 1981, p. 5.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

MOREIRA, Pedro Rogério Couto (org.). *Centenário de Vivaldi Moreira-Fortuna Biográfica*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial/Itatiaia, 2012.

MOREIRA, Pedro Rogério Couto. *Jornal Amoroso*. Brasília: Thesaurus, 2004.

MOREIRA, Pedro Rogério Couto; SAMPAIO, Renato. *Palavras cruzadas*. Brasília: Thesaurus, 2019.

MOREIRA, Vivaldi. *Correções a fazer e preços a praticar - Por que não reeditar o passado?* Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1989.

MOREIRA, Vivaldi. *Memorial a Destempo*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1986.

MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão Piloto*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1981.

MOREIRA, Vivaldi. *Personagens e situações*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1986.

NAVA, Pedro. *Beira-mar*; memórias 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. Reflexões sobre *O Menino da Mata e seu Cão Piloto*. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 12 dez. 1981, p. 3.

OLIVEIRA, Maria Helena Palma de. *Lembranças do passado: a infância e a adolescência na vida de escritores brasileiros*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. Escritor mineiro, amigo de Portugal. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 set.1986, p. 2.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo. Experiência compensadora e dolorosa em *Memorial a Destempo*. *Suplemento Literário de Minas*, Belo Horizonte, 25 out.1986, p. 4.

STALLONI, YVES. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

VIANA, Maria José Motta. Nas memórias, mulheres de Lot? . In: VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.